

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção

Júnia Maria Campos Lara

**O PROFISSIONAL FORMADO NO CURSO DE
PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO
NEWTON PAIVA, MG E O MERCADO DE
TRABALHO – UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Mestrado

Florianópolis
2003

Júnia Maria Campos Lara

**O PROFISSIONAL FORMADO NO CURSO DE PSICOLOGIA DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA, MG E O
MERCADO DE TRABALHO – UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Engenharia de Produção da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Planejamento Estratégico.

Orientadora: Professora Lia Caetano Bastos, Dr^a.

Florianópolis
2003

Ficha Catalográfica

LARA, Júnia Maria Campos

O Profissional formado no Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton paiva, MG e o Mercado de Trabalho – um estudo de caso / Júnia Maria Campos Lara - Florianópolis: UFSC, 2003.

116f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora: Lia Caetano Bastos

1. Perfil 2. Mercado de trabalho / Título II. Autor III. Universidade Federal de Santa Catarina

Júnia Maria Campos Lara

**O PROFISSIONAL FORMADO NO CURSO DE PSICOLOGIA
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA, MG E O
MERCADO DE TRABALHO – UM ESTUDO DE CASO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** e aprovada em sua forma final pelo **Programa de Pós-Graduação em Planejamento Estratégico da Universidade Federal de Santa Catarina**.

Florianópolis, 29 de setembro de 2003

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.

Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Lia Caetano Bastos, Dr^a.
Orientadora

Prof^a. Edite Xavier, Dr^a.

Prof. Mauro Giffoni de Carvalho, Dr.

Dedico ao meu pai (*in memoriam*) e à minha mãe, modelos permanentes de amor, força e determinação, princípios que norteiam minha vida.

Agradecimentos

À Professora Lia Bastos; pela orientação e incentivo no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade de realização do mestrado.

Ao Centro Universitário Newton Paiva, instituição financiadora do mestrado.

À professora Maria Auxiliadora dos Santos Mafra, pelo apoio incondicional.

Ao meu pai, *in memoriam*, mamãe, minhas irmãs, meus cunhados, queridos sobrinhos, e Gagá.

Aos alunos, sujeitos desta pesquisa, que colaboraram respondendo os questionários.

Em especial, aos amigos que ajudaram, não só de maneira científica, mas também humana, na realização deste trabalho.

*“Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso, porque já chorei
demais
Hoje me sinto mais forte – mais feliz quem sabe – Eu só levo a certeza de que
muito pouco eu sei, ou nada sei
Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs
É preciso amor prá poder pulsar, é preciso paz prá poder sorrir, é preciso
chuva para florir
Penso que cumprir a vida seja simplesmente conhecer a marcha, ir tocando em
frente como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou, estrada eu sou
Todo mundo ama um dia todo mundo chora
Um dia a gente chega e no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz”*

Almir Sater e Renato Teixeira

RESUMO

LARA, Júnia Maria Campos. **O Profissional formado no Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, MG e o Mercado de Trabalho – Um Estudo de Caso.** 2003. 116p. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia da Produção, UFSC, Florianópolis.

As mudanças na humanidade estão acontecendo em ritmo tão acelerado que se faz imprescindível e urgente uma reflexão para renovar a formação profissional do psicólogo. Este profissional deve se integrar às mudanças e dar conta das questões que surgem no mercado de trabalho; daí a relevância do currículo que se forma.

O propósito deste trabalho é apontar a correlação do curso de Psicologia do Centro universitário Newton Paiva, Currículo IV, com o redimensionamento do processo formativo para inserção no mercado: um processo de capacitação capaz de ir além da eleição de competências meramente quantificáveis.

Foi utilizada a pesquisa qualitativa, pelo método do estudo de caso. Optou-se por entrevistar acadêmicos, sujeitos desse currículo, um historiador da psicologia, gestores, para fazer uma análise crítica da experiência vivenciada, facilitadora dessa inserção.

Palavras-Chave: mercado de trabalho – currículo – perfil – egresso do Currículo IV.

ABSTRACT

LARA, Júnia Maria Campos.

The professional graduated in the Psychology Course of Centro Universitario Newton Paiva, MG an the labor market -

A case study.2003.116p. Dissertation (Production Engineering Master's Course) - Production Engineering's Post-graduation Program, USFC, Florianopolis.

Humanity changes have been happening so fast that a reflexion towards an academic formation's reform has become indispensable and urgent. This professional must take part of these transformations and deal with labor market's new requires; then the relevancy of the academic programme (resumè)they are submitted.

To point out the correlation between the CUNP, MG Psychology Course, Resumè IV, and the academic formation's redimesionment for entering into the labor market is the proposal of this study: a training process able to go beyond the election of mere qualified competences.

The case study qualitative research was applied. University teachers, formers of this resumè, a Psychology historian, Psychology Course administrators, were interviewed to make a critical analysis of their own experience, in favour of the new resumè's introduction.

Key-words: labor market, academic formation/resumè, profile, resumè IV's former.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	11
LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE FIGURAS	13
LISTA DE ABREVIATURAS	14
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO	23
1.2.1 Objetivo geral	23
1.2.2. Objetivos específicos	23
1.3 JUSTIFICATIVA E/OU IMPORTÂNCIA DO TRABALHO	24
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	29
2 FORMAÇÃO CURRICULAR DO PSICÓLOGO.....	30
2.1. EDUCAÇÃO	30
2.2. ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO	31
2.3. HISTÓRICO DO SURGIMENTO DAS IDÉIAS PSICOLÓGICAS NO BRASIL	34
2.3.1 Período Pré-Institucional - até o século XVIII.....	36
2.3.2. Período Institucional - Séc. XIX	36
2.3.3. Período Universitário.....	37
2.3.4. Período Profissional	38
2.4 ORIGEM DA PSICOLOGIA EM MINAS GERAIS.....	39
2.5 CARACTERÍSTICAS DO CURSO DE PSICOLOGIA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA	40
2.6 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CURSO DE PSICOLOGIA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA.	42
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1 DEFINIÇÃO DO MÉTODO – ESTRATÉGIA DA PESQUISA	49
4 ESTUDO DE CASO.....	56
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	78
5.1 CONCLUSÕES.....	78
5.2 RECOMENDAÇÕES	82
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
ANEXO 1.....	91
ANEXO 2.....	92
ANEXO 3.....	93
ANEXO 4.....	96
ANEXO 5.....	108
ANEXO 6.....	113

Lista de tabelas

Tabela 1: Agrupamento 1: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – A escola preparou-o para o mercado? (Educação continuada – Aprender a aprender).....	63
Tabela 2: Agrupamento 2: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – O Currículo IV satisfaz?	63
Tabela 3: Agrupamento 3: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – Participação em estágios.....	64
Tabela 4: Agrupamento 4: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – A academia não prepara para a realidade do mercado de trabalho.	64
Tabela 5: Agrupamento 5: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – Características do mercado: competitivo, seletivo, inacessível.	64
Tabela 6: Agrupamento 6: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem - Compromisso profissional.....	64

Lista de quadros

Quadro 1: Comparativo entre o Currículo IV do curso de psicologia do UNICENTRO e os currículos do curso de psicologia de outras três instituições (UFMG, PUC-MG, FUMEC)	69
Quadro 2: Disciplinas constantes somente do currículo do UNICENTRO, se comparado às outras instituições do Quadro 1.	70
Quadro 3: Disciplinas obrigatórias constantes do currículo da UFMG que não fazem parte do Currículo IV do UNICENTRO.....	70
Quadro 4: Disciplinas obrigatórias constantes do currículo da PUC-MG que não fazem parte do Currículo IV do UNICENTRO.....	71
Quadro 5: Disciplinas obrigatórias constantes do currículo da FUMEC que não fazem parte do Currículo IV, do UNICENTRO.....	72

Lista de figuras

Figura 1: Histórico da Psicologia no Brasil, nos últimos cem anos.	35
Figura 2: Distribuição Quanto à Faixa etária	59
Figura 3: Distribuição dos Alunos quanto à inserção no mercado de trabalho.....	60
Figura 4: Distribuição dos Alunos quanto à atuam como Psicólogo – Estagiário	61
Figura 6: Distribuição dos Alunos quanto a Perspectivas de ser incorporado como Psicólogo no local onde trabalha.....	62
Figura 7: Distribuição dos alunos quanto a formação acadêmica e o trabalho de psicólogo	62
Figura 8: Gráfico F – Especificar em qual área sua formação lhe deu mais subsídios	63
Figura 9: Distribuição dos ex-alunos quanto a inserção no mercado de trabalho	65
Figura 10: Distribuição dos ex-alunos relativa a forma de emprego Autônomo ou empregado	65
Figura 12: Distribuição dos ex-alunos quanto a atuação como Psicólogo	66
Figura 13: Distribuição relativa ao tempo de serviço	67
Figura 14: Distribuição quanto a opinião dos ex-alunos e a formação acadêmica como subsídios para atuação como psicólogo.....	67
Figura 15: Distribuição quanto a área de formação que deu mais subsídios	68

Lista de abreviaturas

ASSEANP.....	Associação de ex-alunos do Unicentro Newton Paiva
CESPA	Clínica Especializada de Serviço de Psicologia Aplicada
CNE	Conselho Nacional de Educação
FUMEC.....	Faculdade de Ciências Humanas
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC – MG	Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais
SOSP	Serviço de Orientação e Seleção Profissional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Iniciais

Vive-se a era das mudanças. A globalização econômica, os satélites e a informação, a adaptabilidade do ser humano às novas exigências da vida, elevaram as empresas a um grau de competitividade nunca observado, que fazem os locais de emprego, se aprimorem cada vez mais para se manterem no mercado. Em função desta globalização vêm ocorrendo mudanças no âmbito político, econômico, social e cultural.

Estas mudanças impulsionaram o surgimento de um desemprego em massa, conjuntural e estrutural e possibilitaram o surgimento de novos conceitos no mercado de trabalho tais como a empregabilidade, a terceirização, a venda de serviços, o *“home-office”*, a recolocação no mercado, a educação continuada e o ensino à distância.

Os empregos estão globalizados, porquanto a internet localiza os profissionais, os perfis, as demandas, sem fronteiras geográficas, disponibilizando o *“curriculum vitae”* em rede, marcando as entrevistas e tomando as iniciativas preliminares de inserir-se numa ocupação. É necessário repensar as posturas, as expectativas dos profissionais que estão fazendo parte do mercado de trabalho. Algumas profissões deixaram de existir e outras foram criadas; transformaram-se adequando aos tempos. Há desemprego e há recolocação de cargos pelo enxugamento dos quadros funcionais, pelas políticas de oferta e procura, pela sobrevivência às crises.

O trabalho sempre existiu nas organizações. Cobra-se do sujeito as qualificações do momento, Terceiro Milênio, que obviamente, são diferentes das exigências de outras décadas: pessoas com conhecimentos voltados para interpretação, re-elaboração e transformação. O especialista em determinado assunto do taylorismo e fordismo não é mais o trabalhador de sucesso. A visão tem que ser sistêmica, holística, para atender a uma demanda nova.

Com o aumento do desemprego e o aparecimento de novos processos de trabalho, emergem novas exigências do mercado no que concerne à formação e aos requisitos. O ensino passa a ser exigência básica, além de condição para que o profissional seja empregável. Os currículos, de até então, já não são suficientes para

atender às constantes e freqüentes mudanças. Necessita-se buscar soluções que mantenham os profissionais atualizados e, mais do que isso, emerge a necessidade de ensinar a estes profissionais o próprio ato de aprender a aprender, de se manter informado, flexível, criativo. As transformações no campo do trabalho têm como motor a modernização dos processos de produção.

Oliveira (2002), coloca que as mudanças, que estão ocorrendo, modificaram os valores e os conceitos que têm permeado a sociedade nas últimas décadas. O trabalho sofreu modificações e as relações trabalhistas estão caminhando cada vez mais para a ocupação autônoma, sem vínculos legais. Atualmente o trabalho não é mais sinônimo de segurança e tranqüilidade. Enfrenta-se a um só tempo a realidade amarga do desemprego, condições estressantes de trabalho e o medo de ficar desempregado. Num mundo que muda a uma velocidade vertiginosa, as condições e valores que norteavam o mercado e as condições de trabalho mudaram com igual velocidade. Globalização, competição e *dowsizing* (enxugamento), passaram a ser usados na tentativa de entender e se adaptar à nova realidade. Falar de emprego e trabalho é falar de identidade. E o desempregado foge do convívio social porque se sente excluído.

Vivencia-se no Brasil dois tipos de desemprego: o conjuntural, ligado ao arrocho no crédito ou à taxa de câmbio que limita as exportações, e o estrutural, que diz respeito aos postos de trabalho que estão sendo enxugados. As atividades em baixa no mercado são: bancário (automação dos serviços); operário de construção (juros altos limitam os créditos e as obras são paralisadas) arquiteto (computação gráfica e realidade virtual); funções administrativas (reengenharia e informatização das empresas); trabalhador industrial (modernização do setor em decorrência da competitividade em nível internacional); executivo-financeiro (substituição por empregados capazes de atuar em toda a reengenharia da empresa), dentre outros. (REICH, 1996).

Oliveira (2002), considera como indicadores dessas mudanças, a desumanização dos ambientes e das relações de trabalho; a repressão da afetividade e das reações emocionais; nas relações interpessoais, já que a repressão da afetividade e das reações emocionais prejudicam enormemente a qualidade de vida dos funcionários e o desempenho do trabalho nas organizações.

Humanizar organizações, papel específico do perfil do psicólogo, é o grande desafio do Terceiro Milênio e defende novos currículos, com novas posturas em

nossas escolas e universidades. Currículos que preparem o ser humano para enfrentar um mundo em mudança e as novas e árduas realidades do mercado de trabalho, onde somos obrigados a conviver com a competição, o estresse e o desemprego estrutural e conjuntural.

O trabalho, hoje, é fonte quase permanente de angústia e insegurança. As pessoas, muito poucas, sentem-se bem em relação às suas perspectivas profissionais. O emprego não é mais definitivo. Há insegurança, medo, ansiedade. (REICH, 1996).

Um outro ponto é o medo de perder o emprego, o que cria, no ambiente de trabalho, uma tensão e ansiedade muito grande. As empresas desempregam muita gente. Soma-se então: medo de perder tempo; medo de perder o emprego, medo da violência social, de ser assaltado, de ter um filho drogado... As doenças psicossomáticas, atualmente, são maiores. Um organismo tenso, robotizado, tende a não se reorganizar com facilidade. Aí surgem, na visão de Oliveira (2002), aumento do uso de drogas, o alcoolismo, o tabagismo, que dificultam a recuperação do organismo e mais vida sedentária, tensão, pressão, medo... estresse!

Os discursos pregam o trabalho em equipe e o que se tem na prática é a competição. Daí ser necessário a reeducação emocional das pessoas. A empresa quer as pessoas interligadas e criativas. E o que une as pessoas é a afetividade; não a racionalidade. Para Reich (1996), a sociedade ocidental, o racionalismo cartesiano acha que razão é positiva e a emoção é negativa. Ao transpor a porta da organização você não pode ter problema familiar, emocional; é um robô, um computador falante.

Há necessidade de mudança dos modelos mentais; uma nova percepção do real e em velocidade, reorganizar os valores e a tecnologia. O profissional do conhecimento se depara com novos dados a cada instante. Mas toda a estrutura humana - memória, hábitos, atitudes - foi formada a 40, 50 anos. Daí, muitos investimentos em educação para mudar o modelo mental, tem que haver reeducação. E o sistema educacional desconhece o desaprender como valor. Desaprender o taylorismo/fordismo.

E concluindo, lembre-se da Teoria do Caos, da física quântica, de Werner Heisenberg (1991) e outros: a todo momento em que se chega ao caos máximo, uma nova ordem surge. A preocupação humanitária trará uma nova ordem (GLEICK, 1991).

A palavra mercado vem do latim *mercabilis*, adj. - que pode ser comprado; *mercator, oris* - o que vende, negociante; *mercatura, al* - negócio, comércio - ofício de mercador; *mercatus, us* - subst., comércio, tráfico, negócio, mercado, feira, praça *mercatus, a, um* - verbo *mercor*. *mercedarius* - o que dá um salário; assalariado, alugado; *merces, mercedis* - subst., salário, soldo, quantia paga pela mercadoria, recompensa, punição, castigo; rendimentos, renda, juros de um capital; *mercor, aris, ari, atus* - fazer comércio, negociar. Ainda, encontra-se mercado (do lat. *Mercatus*; subs. masc.) lugar onde se comerciam gêneros alimentícios e outras mercadorias; comércio, empório; permutação ou troca de produtos e valores.

Na economia, é a relação estabelecida entre a oferta e a procura de bens e/ou serviços e/ou capital; o conjunto de pessoas ou empresas que oferecendo ou procurando bens e serviços e/ou capital determinam o surgimento e as condições dessa relação. O mercado aberto é onde se efetuam as compras e vendas de títulos por parte do governo e das instituições financeiras oficiais. O mercado, a termo, são as negociações de mercadorias e valores para entrega e pagamento em data futura, preestabelecida, mas ao preço do dia da transação. Mercado de capitais opera com capital para financiamento e mercado de trabalho: a relação entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores em época e lugar determinado provocam o surgimento e as condições desta relação. O mercado livre é a negociação de mercadoria ou valores e moeda sem tabelamento. O mercado negro é o comércio ilegal ou clandestino mantido sobretudo nos períodos de racionamento e o mercado paralelo que movimenta ilegalmente o numerário de quem não quer ou não pode utilizar-se do mercado financeiro legal. Mercadoria é o objeto do comércio; aquilo que se expôs à venda; é a mercância, Valier (1995).

Nem todo produto é necessariamente uma mercadoria. Assim, por exemplo, os objetos não vendidos no mercado, não são mercadorias. Nem todo produto, por ser útil, converte-se em mercadoria. A propriedade comum das mercadorias é que são produzidas pelo trabalho do homem.

“O mercado não foi criado por Deus nos seis primeiros dias, nem mantém-se pela vontade divina. É um artefato humano, uma soma mutável de um conjunto de julgamento acerca de direitos e responsabilidades individuais. O que é meu? O que é seu? O que é nosso? O que deveríamos e o que não deveríamos comercializar? À medida que o país conceitua e acumula respostas a essas questões, cria uma versão de mercado.” (REICH, 1996, p.86.)

Não é possível encontrar as respostas a essas questões somente pela lógica. As respostas dependem dos valores que a sociedade professa, do peso que deposita na solidariedade, prosperidade, tradição, piedade e assim por diante. Nos países modernos, o governo é o principal órgão pelo qual a sociedade delibera, define e impõe as normas que organizam o mercado. “*Desregulamentação*”, é um termo que teve o apogeu nos anos 80 e a era vista como uma mudança em direção ao livre mercado, longe de intervenções do Estado - autonomia e flexibilidade, adequações se necessárias.

A economia globalizada, a rede de informações disponível, a flexibilidade do trabalho trouxeram características peculiares ao mercado dentre as quais destaca-se a subjetividade do ser humano e sua percepção desse novo eixo.

É um desafio preparar os profissionais para atuar neste tipo de mercado. As instituições estão mudando sua concepção; os alunos são clientes e ganham muito mais força para reivindicar aulas e instalações que vão ao encontro de suas expectativas. As escolas estão adequando seus currículos a estas necessidades para não perderem seus alunos para o mercado competitivo. (REICH, 1996).

Por que o psicólogo deverá ser um estrategista? E por que agora, início do terceiro milênio? Daí alguns princípios para a sua formação: analisar as forças da demanda e os fatores do setor que causam impacto sobre o mercado. Selecionar os seguimentos da demanda mais lucrativos; construir proposições de valor, duradouras, por meio da diferenciação; identificar as estratégias e sistemas de negócios necessários para atender a demanda; alocar recursos e executar a estratégia e demanda.

Percebe-se que a empregabilidade depende do grau de instrução do sujeito. Em tempos de novas tecnologias, a escolaridade superior é muito importante, pois quem não dominar os conceitos produtivos, aquele que não fizer uma leitura do mercado, não é empregável. A universidade e seus currículos são desempate na busca dos profissionais. Já que a formação educacional é essencial no mercado, hoje, questiona-se os currículos e a preparação da mão-de-obra. Inexistem ainda projetos oficiais de formação de profissionais; somente Anteprojetos de Resoluções. As Universidades buscam alternativas de compensação por meio dos seus currículos e necessitam de pesquisa constante, para corresponderem às necessidades e ao futuro do aluno. Pode-se perceber que, na atual conjuntura de mercado, apenas a

formação universitária já não garante empregos ou formas alternativas deste, a ninguém (OLIVEIRA, 2002).

Uma das soluções encontradas para a melhor formação de ensino superior é o incentivo de uma formação mais generalista mais disciplinar, onde os futuros profissionais, além de terem conhecimentos específicos dentro de sua área de atuação, terão também conhecimentos no domínio de áreas afins, como literatura, filosofia, artes, linguagem, psicologia, economia, dentre outras. Outra solução é a realização de projetos de ensino a distância que possibilita à comunidade universitária desfrutar de vantagens de um sistema educacional avançado e com grandes oportunidades de crescimento, por meio das tecnologias da informática e telecomunicações, que levam o conhecimento a qualquer ponto do mundo. As universidades que ousarem em seus currículos flexíveis, serão mais aptas no aproveitamento de oportunidades oferecidas. No âmbito do próprio mercado, outras soluções vêm sendo encontradas para aumentar o conhecimento dos profissionais e a capacidade destes para “aprender”. É a organização que aprende.

A preocupação com a educação continuada atinge os sindicatos que vêm realizando cursos de computação, telemarketing, inglês, espanhol e outros.

Todavia, surge, nessa conjuntura, a possibilidade de novas e diferentes vagas para novos processos de trabalho, que exigem qualificação diferenciada da exigida em décadas atrás. Algumas atividades que estão em alta: como os serviços, a informática, as franquias, o comércio exterior, abertura de negócio próprio, marketing, exigência de clientes e concorrentes, turismo, idiomas, falar mais de uma língua é pré-condição para alcançar novos postos de trabalho, cooperativas e serviços na própria casa (REICH, 1996).

O profissional, formado hoje, precisa entender de informática, falar pelo menos duas outras línguas (inglês e espanhol); deve ter conhecimentos multidisciplinares, deve estar se reciclando freqüentemente, trocando experiências com outras pessoas; ter a capacidade de questionar e criar atitudes que quebram os limites impostos pela cultura e ciência; deve ter flexibilidade já que as empresas precisam de pessoas capazes de compreender a máquina e usar seu potencial de forma flexível para maximizar o trabalho; deve visar o cuidado pessoal, já que nenhuma empresa quer contratar uma pessoa negligente consigo mesma, para representar ou para a venda de serviços; o marketing de relacionamento conta plenamente e principalmente deve ter a maior e melhor formação que puder. Esta formação deve

ser constantemente renovada através da educação continuada, visto que o processo de produção vem mudando rapidamente e é necessário que o profissional compreenda e adapte-se ao novo processo econômico, político e social vigente. Quanto maior é a base acadêmica, maior a chance do trabalhador integrar-se às novas exigências mercadológicas; expandir habilidades e garantir melhor remuneração, o que Reich (1996, p.85), chama de “*analista simbólico*”.

Werlang (2001), economista da Fundação Getúlio Vargas, afirma que cada ano adicional de estudo significa um acréscimo de renda ao salário do profissional da ordem de 16%.

Para Oliveira (2002), a criatividade é fundamental para a permanência no mercado, para o sucesso profissional. Como conciliar criatividade e medo? A função do medo é defender e aí tenta-se um mundo mais organizado, o mais previsível possível. Na criatividade tem-se que desorganizar; não possuir modelos fixos ou padrões imutáveis.

O autor citado afirma que a escola rígida, a educação rígida terá que flexibilizar os currículos. Não se tem que ensinar apenas em nível cognitivo, mas o desenvolvimento afetivo e também o espírito crítico do cidadão; não apenas a tecnologia, mas também as dimensões humanas, de amor e de ética.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) preocupado com as novas exigências em relação à formação do psicólogo, propõe uma re-elaboração das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de psicologia, em 2002, por área de conhecimento, que situam-se nas perspectivas que se abrem com velocidade cada vez maior nas práticas sociais da sociedade contemporânea, no Parecer CNE 072-02, de Maio/2002, que estabelece diretrizes para organização dos cursos de Psicologia.

Observa-se que em Belo Horizonte, escolas da rede pública e particular de ensino estão moldando-se às exigências do mercado competitivo, ajustando-se para atender ao aluno que atualmente é uma clientela cada vez mais exigente, com objetivos definidos.

Faz-se necessário melhorar a escola, ao rever os currículos, atualizar os professores e adequar a educação aos novos trabalhadores. Esta é uma responsabilidade que os dirigentes de escolas devem assumir, para que o país esteja realmente inserido num mundo globalizado.

Kash (2002), orienta para uma trajetória sustentável - o que funciona; onde precisa-se de ajuda? A mudança oferece um novo modo de refletir sobre a vida no

mundo de hoje, no qual mudanças constantes e radicais da vida pessoal e profissional, com frequência ameaçam e subjugam as pessoas.

A formação do psicólogo está explicitada nas universidades dentro da Proposta Pedagógica do Curso e é regida por Pareceres e Resoluções das políticas públicas, emanadas do Ministério da Educação (Parecer CNE nº 072/2002), em consonância com os órgãos específicos da profissão, ou seja, os Conselhos Regional e Federal de Psicologia.

Segundo Weber (2002), as tendências atuais remetem ao compromisso com a perspectiva científica e com o exercício de cidadania, asseguradores da ética, de uma visão integrada dos processos psicológicos, que desenvolvem um profissional detentor de uma postura pró-ativa em relação à educação continuada, ou seja, contínua capacitação e aprofundamento. Tais tendências indicam que os currículos deixam de centrarem-se apenas no acesso e extensão dos serviços, para focarem, com igual importância, a dinâmica das relações humanas, a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem e a relevância da competência, aqui entendida como saberes, habilidades e atitudes relativas ao perfil de psicólogo. Isso está de acordo com os pareceres 1314/2001 e 072/2002 do CNE - Conselho Nacional de Educação, relativos às diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, que indicam a necessidade de incorporação de competências, habilidades e atitudes para que o sujeito se desenvolva física, afetiva, intelectual e moralmente, e assim possa desempenhar com autonomia o perfil profissional, nos âmbitos político, econômico e social.

O perfil de formação e a ênfase curricular são, no dizer de Feitosa (1999, p.87), “as orientações para as decisões institucionais, acerca da definição de competências específicas, a natureza dos estágios supervisionados e a distribuição de carga horária”.

A autora citada estabelece a congruência das necessidades regionais com as condições institucionais e propõe a formação para o exercício profissional, para o ensino, e para a pesquisa e extensão em Psicologia, trilogia da razão da vida acadêmica, em nível de graduação e pós-graduação. Tal proposta está em acordo com o presente trabalho, que visa verificar como se caracterizam os currículos da formação dos psicólogos e a partir de análises propor aprimoramento do currículo IV do Centro Universitário Newton Paiva.

Neste estudo, articulam-se dois pontos: os currículos da formação acadêmica do psicólogo no contexto atual (Proposta do MEC para o ano de 2000) e o mercado de

trabalho. Trata-se de uma abordagem que tem provocado debates freqüentes nas universidades, que se dedicam à graduação de psicólogos como é o caso do Centro Universitário Newton Paiva, bem como nos Conselhos Regional e Federal de Psicologia, órgãos responsáveis pela normatização da profissão. As forças econômicas, tecnológicas e sociais combinam para criar os ambientes onde os líderes devem repensar suas ações para competirem com êxito e prosperarem na economia da demanda. Diante deste contexto vamos permear o momento atual da formação do psicólogo com o aparecimento das idéias psicológicas, no Brasil, em Minas Gerais e as propostas de Cursos de Psicologia, articuladas à atual formação do psicólogo e o PPP (Projeto Político e Pedagógico) do Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva.

1.2 Objetivos do Trabalho

1.2.1 Objetivo geral

Investigar a correlação entre o currículo do Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, denominado Currículo IV, e a inserção no mercado dos alunos dele egressos; bem como refletir sobre a adequação das disciplinas teóricas, práticas e os estágios, como facilitadores dessa inserção.

1.2.2. Objetivos específicos

- Analisar as expectativas dos alunos e às possibilidades de inserção no mercado de trabalho em função do Currículo IV do Centro Universitário Newton Paiva.
- Levantar, com base nas respostas dos alunos, bem como nas análises dos currículos, propostas pedagógicas capazes de motivar a formação e inserção no mercado de trabalho.

1.3 Justificativa e/ou Importância do Trabalho

- **Justificativa do Trabalho**

As mudanças organizacionais vigentes reportam os profissionais à evolução do modelo. Tractenberg, (2000), propõe a tese de Adam Smith, em sua obra tradicional, “A riqueza das nações”, publicada em 1776 sobre a divisão, especialização e fragmentação do trabalho.

Em princípios do século XX, Taylor e Fayol apresentam suas teses da administração científica, nas quais, a organização era vista como uma máquina e a produtividade era o maior objetivo; com o planejamento e controle com o intuito de evitar falhas ao longo do processo.

As exigências fisiológicas do tempo e o ritmo impostos ao trabalhador, aparecem como impacto dos prejuízos do trabalho. A separação do intelectual e do braçal, de Taylor neutraliza a atividade mental (DEJOURS, 1987). A falta de motivação para o trabalho denunciava o esgotamento do modelo, levando a novas saídas.

Maslow (apud DEJOURS, 1987) apresentou a teoria da motivação, sugerindo que os seres humanos seriam motivados por uma hierarquia de necessidades. Utilizou uma pirâmide em cuja base estavam as necessidades fisiológicas, seguidas da segurança, sociais, auto-estima e, no topo, a auto-realização.

No dizer de Tractenberg (2000), os psicólogos organizacionais começaram a trabalhar no intuito de mostrar como as estruturas burocráticas, os estilos de liderança e a organização do trabalho poderiam ser modificados para incentivar as pessoas nas suas capacidades de autocontrole e criatividade.

A Teoria Neoclássica ou Novo Movimento das relações humanas enfatiza satisfazer os funcionários; possuir um processo de tomada de decisão participativo, ter organização flexível e buscar atualizar-se com novos conhecimentos.

Nas décadas subseqüentes, 60 e 70, concebeu-se o planejamento como meio de aumentar a produtividade e a satisfação no trabalho, reduzindo o absenteísmo e o giro da mão-de-obra.

A Teoria da Contingência, da década de 70, tem como idéia principal satisfazer e equilibrar as necessidades internas e se adaptar às circunstâncias ambientais.

As filosofias gerenciais trouxeram como contribuição a valorização da participação e envolvimento do trabalhador conquistadas por meio de políticas de

recursos humanos. Enxugaram-se os níveis hierárquicos, possibilitaram a redução nas barreiras de comunicação.

Nos anos oitenta surgiram programas de qualidade total oriundos de um modelo japonês que otimiza os processos e reduz os custos.

Nos anos noventa, Senge (1999), traz a lume a organização que aprende.

Verifica-se que o trabalhador, ao longo da história vai tomando seu espaço. O foco, nos tempos atuais, está voltado para o trabalhador; investindo em capacitação porque a diferença está na colaboração.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de adequar a formação acadêmica ao mundo do trabalho. Os currículos, aqui entendidos, não só como os saberes e as práticas essenciais à formação do perfil do psicólogo, mas também a possibilidade dinâmica da empregabilidade; os estágios, face à mobilidade do mercado (a praça onde o trabalho se expõe), o jogo dos salários, da oferta e da busca e o bem estar do sujeito cidadão.

É da responsabilidade das agências formadoras o fomento à adequação ao mercado de trabalho por meio da oferta de currículos adequados. A investigação desse objeto - inserção no mercado e seus correlatos, ou seja, os currículos das escolas formadoras, propicia a melhor adequação da demanda às necessidades dos alunos.

A globalização enviou as mensagens da era do comércio, do mercado, ao mundo inteiro e acelerou extremamente a velocidade de circulação de mercadorias, capitais e conhecimento. Os países viram a democracia, o pluralismo e a era dos direitos. Mas, quais são as leis que devem reger esta sociedade universal, tão complexa?

- **Importância do Trabalho**

O perfil do trabalhador e os empregos foram sendo modificados ao longo dos séculos exigindo habilidades diferentes das anteriores. O profissional deve preocupar-se com a formação constante, educação continuada e progressiva e atualizar-se com frequência, gerindo o seu próprio trabalho como se fosse um negócio. Empregos estão sendo afetados e planos de carreira lineares não condizem com a realidade das organizações. Os cargos hoje têm que ser mais dinâmicos, multifuncionais. O número de profissionais autônomos, os que atuam no mercado informal, sem vínculo empregatício, ou contratos temporários têm crescido enormemente. Daí que as pessoas devem gerir seus próprios negócios ou criarem

novas formas de trabalho; adquirir por conta própria, capacidades e habilidades condizentes com as requeridas pelas organizações, (SENGE, 1999).

A psicologia exige educação continuada para buscar novas oportunidades de emprego. O empregador resiste em investir no empregado porque sabe que quanto mais capacitados, maior será o valor agregado.

Para Senge (1999), todas as pessoas têm um valor individual, conhecimentos e experiências, cultura, códigos de comunicação, habilidades, traços de personalidade, como resultado da formação e desenvolvimento.

O psicólogo insere o seu perfil profissional nas evidências da vida cotidiana e permeia os multirreferenciais teóricos nos vários campos da ciência, predominantemente humanas, às vezes sociais, às vezes físicas e biológicas, interdisciplinarmente, (WEBER, 2002).

A interrogação central é: será que há adequação entre a formação do psicólogo, por meio do Currículo IV do Centro Universitário Newton Paiva, à inserção no mercado de trabalho contemporâneo? Até que ponto, os alunos egressos do Currículo IV receberam esse fomento?

A aproximação empírica do objeto de estudo, acima exposto, foram os registros sobre o Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, desde a origem nos anos setenta e a implantação de currículos, que se sucederam com a criação do curso, até aos dias atuais, bem como as entrevistas com o Corpo Administrativo e questionários aplicados aos acadêmicos concluintes do referido Currículo IV.

Agrega-se também a pesquisa dos egressos e concluintes do Curso de Psicologia, Currículo IV, evidenciada nos questionários 1 e 2, bem como uma análise dos currículos das instituições: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Humanas e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, por meio de análise comparativa para evidência ou não da inserção no mercado.

Espera-se, como relevância do presente estudo, a contribuição quanto a rever os eixos epistemológicos do Currículo IV e suas articulações teórico-práticas, tendo em vista a oferta e demanda da sociedade atual, frente ao mercado de trabalho.

O mercado requer:

- Habilidades

Lehman (1999), afirma que os empregos para a vida toda desapareceram, mas os valores de sucesso vão manter-se no próximo milênio. Deve-se ter competências para empregabilidade, que é a habilidade de ter emprego. Condição de cada pessoa

em aplicar suas potencialidades e conhecimentos de forma útil, compatíveis com a demanda do mercado de trabalho. O sujeito descobre, por si mesmo, suas habilidades, talentos, para utilizá-los nas circunstâncias a que é submetido.

- Adequação vocacional

As pessoas devem criar e recriar sua vida profissional em cima de ocupações que lhes proporcionem satisfação e gratificação. É necessária uma reflexão sobre a vocação. A descoberta de interesses e aptidões leva as pessoas a serem produtivas e a escolherem, dentre suas potencialidades, as escolhidas para suas ocupações. (SENGE, 1999).

- Competências

É necessário destaque na resolução de problemas. Para Minarelli (1995), o profissional deve buscar adequação e capacitação constantes e estar atento às mudanças. Para o autor citado, a competência favorece a ação individual e é constituída pelo conhecimento dos fatos adquiridos pela informação e recebidos pela educação formal adquirida e treinamentos e práticas profissionais, para reflexão entre erros e acertos.

- Relações interpessoais

Minarelli (1995), ressalta o convívio interpessoal como relevante na empregabilidade. A equipe, hoje, consolidou-se como forma de trabalho; daí a habilidade de conviver com o outro. A empregabilidade exige que o sujeito se faça útil no trabalho e contribua na equipe. Deve apresentar a capacidade de se comunicar, perceber o que espera dele na execução de tarefa, cumprir metas e resolver problemas. As amizades dentro e fora do trabalho são excelentes. A recolocação, muitas vezes, é fruto das amizades; que representa hoje um patrimônio.

- Visão do todo, do conjunto

Para Oliveira (2002), a capacidade de perceber como o trabalho de cada um influencia o todo da organização e que não deve limitar-se somente a sua área; conhecer o todo, a visão sistêmica é um diferencial do profissional trabalhador.

- Criatividade / Flexibilidade

As mudanças do mundo do trabalho exigem criatividade - fazer diferente e flexibilidade - aproveitar as oportunidades, adaptar-se aos contextos, dar-se bem em situações de incertezas e usar as informações disponíveis. Os erros não são negativos

porque o medo inibe o processo criativo. O mercado quer pessoas com coragem de correr riscos.

Oliveira (2002), coloca que ser versátil implica ter sensibilidade e agudeza situacional, aproveitando ao máximo as oportunidades, bem como as potencialidades a serem desenvolvidas.

- Educação continuada - Aprendizagem contínua.

Estar disposto a aprender coisas novas a todo momento; exercitar a reflexão, constante auto-avaliação, posicionamento crítico diante de si mesmo. Fala-se em organizações de aprendizagem. Os trabalhadores são estimulados a aprender a aprender, (SENGE, 1999).

- Reserva financeira e fontes alternativas

A ameaça de perder o emprego está ligada à subsistência. Há a preocupação pela busca de novas alternativas de trabalho (GALBRAITH, 1989). Este autor fala da reserva financeira, guardar um percentual da remuneração mensal para as emergências e como sobrevivência em momentos de instabilidade. Controle e planejamento de gastos são formas de preservar o dinheiro. Além disso, ter uma segunda atividade paralela ao emprego que, de certa forma, abre o leque de possibilidades.

- Idoneidade

Estar dentro de preceitos legais e éticos. Para Minarelli (1995, p.54) “o profissional idôneo, correto, honesto, que conduz sua vida dentro dos princípios legais e éticos tem a seu favor a consideração das pessoas.” O contexto atual caracteriza-se por uma revolução nos valores individuais e sociais. O trabalhador ético conquista boa reputação diante de outro profissional e diante do mercado de trabalho.

- Outras habilidades

Manuseio computacional; domínio de outro idioma; participação em programas de voluntariado, ajuda a carentes, são características de modificar onde vivem. Observa-se ainda que o mercado quer pessoas com habilidades de fazer, técnicas, que saibam inovar e criar, que modifiquem. Um profissional deve apresentar um conjunto de habilidades e potencialidades, umas aprendidas, outras desenvolvidas, e disponibilidade para se adequar aos novos tempos; para os caminhos que se abrem.

1.4 Estrutura do Trabalho

No Capítulo 1 aborda-se o mercado; justifica-se a importância do trabalho e traça-se os objetivos gerais e específicos.

O Capítulo 2 trata da formação curricular do graduado em psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva: desafios e diretrizes; aborda o surgimento histórico das idéias psicológicas no Brasil, os períodos de expansão e a especificidade do Currículo IV.

O Capítulo 3 descreve o método abordado, a estratégia da investigação, os instrumentos de coleta de dados e o procedimento de análise.

O Capítulo 4 compõe da explicação do estudo de caso, apresenta-se sua análise a conclusão do mesmo.

O Capítulo 5 engloba conclusões articuladas aos objetivos, refletindo as adequações das disciplinas teóricas, práticas e estágios do Currículo IV ao mercado. Apresenta as conclusões e recomendações para trabalhos futuros.

Por fim colocam-se a Bibliografia e Anexos.

2 FORMAÇÃO CURRICULAR DO PSICÓLOGO

2.1. Educação

Para Planchard (apud LIBÂNEO, 2000) educar é conduzir de um estado para outro; é agir de maneira sistemática sobre o ser humano, por meio de currículos. A ação educadora é a ação de transmitir aos sujeitos, crianças, jovens ou adultos, princípios, valores, costumes, idéias, normas sociais, regras de vida, habilidades. Várias concepções permeiam o termo educação, do latim, *educare*, *educere*, tirar de dentro, transformar. (LIBÂNEO, 2000).

Concepções naturalistas, chamadas inatistas, dão conta do primado da educação nos fatores biológicos. Os fatores sociais e culturais, vindos de fora, agiriam como reguladores do ritmo e das manifestações dos processos inatos. À educação cumpre tirar para fora o que está pronto, dentro do sujeito, para adaptar-se à natureza biológica e psicológica; às tendências de desenvolvimento já prontas no meio.

A concepção pragmática postula que é pela experiência, pelas interações com o organismo e o meio que o sujeito desenvolve o processo educativo, já que educação e desenvolvimento se confundem. (LIBÂNEO, 2000).

Concepções espiritualistas preconizam um processo interior de regeneração do homem corrompido, preparando-se para a vida eterna, cujo modelo é Cristo. Para os culturalistas, (apud LIBÂNEO, 2000) a educação visa os bens culturais que se transformam em forças espirituais.

A corrente behaviorista descreve o homem como moldável, daí a ação do ambiente; o controle do comportamento desejável das pessoas (SKINNER, apud LIBÂNEO, 2000).

Os interacionistas polarizam a atividade interna e externa, biológica e psíquica. Piaget, Wallon, Vygotsky (apud LIBÂNEO, 2000) diferenciam a ênfase que dão ao sujeito, ou ao meio, ou ao papel das modificações ocorridas. O comum neles é a interação: os sujeitos constroem o conhecimento pela ação e não estão prontos ao nascer. Há uma construção com o outro e com o meio. As concepções dadas acima, ora apresentam uma visão individualista e liberal de educação, ora passam por condições históricas e sociais; ora uma visão crítica de superação dessas visões,

para enfatizar a subjetividade. O fenômeno educativo é social; eivado de contradições e é na praxis que se encontra o ideal. (LIBÂNEO, 2000).

A concepção histórico-social de educação critica o individualismo. A educação, para esses teóricos, notadamente Paulo Freire (1996), engendra-se nas práticas sociais, econômicas, político-culturais, que caracterizam uma sociedade e suas relações, as formas econômicas em jogo, feitas de idéias, planos, legislação, medidas administrativas e processos. Dessa forma, a prática educativa requer uma intencionalidade conscientemente orientada. Os processos sociais de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, modos de agir, não intencionados e não institucionalizados e constituem a educação informal. Na educação formal o ensino é convencional: escolas, cursos de aperfeiçoamento e/ou treinamento; dados em sindicatos, partidos, escolas, extensão universitária, extensão rural ou atividades escolares extra-classes. (D'AMBRÓSIO, 1997).

Conceitos e tipos de educação tornam-se relevantes porquanto o currículo pleno da formação profissional necessita teoricamente do alicerce dos saberes educativos já consagrados, das habilidades e atitudes subjacentes aos saberes propostos nos currículos escolares. (D'AMBRÓSIO, 1997).

2.2. Estratégias de Formação

O termo currículo vem do latim *curriculum* e significa percurso, carreira, curso. Significa também corrida, o ato de correr, o modo, a forma, o local, o que ocorre durante o percurso até o final. (FARIA, 1962).

Na vida acadêmica temos várias concepções de currículo: desde a versão técnico-linear, uma questão de objetivos a serem atingidos, grades curriculares, conteúdos, carga horária, avaliação de resultados até projetos político-pedagógicos, estrutura de valores, ideologias, cultura e poder, perfil do profissional que se quer formar e para qual sociedade. (MOREIRA, 1994). Isso é uma mudança de paradigma dentro da perspectiva progressista e emancipatória de currículo, apontado pelo autor citado, que se encontra nas propostas do Conselho Federal de Psicologia e também adotado pela Comissão de Especialistas de Ensino do SESU/MEC (1999).

O eixo central desta perspectiva é de crítica e de ação, o que pressupõe um processo de construção coletiva que garanta a participação dos envolvidos nas decisões e ações sobre o currículo e o incentivo à autonomia e à valorização integrativa teoria e prática.

O currículo subtende a preocupação com um compromisso político social que deve permear as atividades práticas e os estudos teóricos de um curso; uma formação compromissada com o atendimento das demandas sociais, que inclui uma visão do fenômeno psicológico dentro do seu contexto social. A sociedade contemporânea vive transformações decorrentes da necessidade de compatibilizar, adequar ou mesmo mudar valores de uma ordem mundial em transição, está sendo inserida na chamada “Era do saber, do conhecimento, da informação”. (HOBBSAWM, 1999, p.91).

Nesse contexto mundial, a universidade e a formação acadêmica devem encontrar meios de lidar com as contradições, reais ou aparentes. Se por um lado há consenso sobre a importância da vida acadêmica para o desenvolvimento de nosso país, de maneira a assegurar-lhe inserção na economia global, por outro lado, questionam-se os custos advindos das atividades relacionadas à produção do saber inovador ou daquele saber acarretado pela ampliação de vagas no ensino superior. (CASTELO BRANCO, 1998).

Cabe à Universidade “proteger todo o conhecimento e ciências, fatos e princípios, pesquisa e descobertas, experimentos e especulações” (WEBER, 2002, p.26).

Esta visão tem sido confrontada com outra que entende a universidade como instituição criada para atender às demandas de um mundo que hoje deseja consumir produtos que agregam informações de conteúdo tecnológico e é impulsionado cada vez mais pelas necessidades da economia de mercado. Mesmo diante de tais pressões, Pardo (1988), afirma que a universidade tem procurado exercer sua vocação histórica e manter a liberdade de pensamento e geração de novos conhecimentos, que lhe são característicos. Assim ela, a universidade, responde, hoje, por cerca de 80% da pesquisa básica realizada no mundo e pela efetiva melhoria da qualidade de vida dos povos e dos países. (PARDO, 1998).

Para Saviani (1994), a universidade brasileira está em crise. O mercado de trabalho não absorve o grande número de profissionais formados. O ensino está deteriorado e a formação desqualificada. Os cursos, na área humana, foram pouco privilegiados dada a necessidade de mão-de-obra qualificada para o modelo

tecnocrático vigente. O problema do desenvolvimento era técnico e a opção do Brasil foi pela eficiência e racionalização de recursos. Esboça-se a concepção tecnocrática de ensino, a racionalidade técnica. A Lei 5540/68, que vigeu longos anos, é a concepção tecnicista da racionalidade, eficiência e produtividade - o máximo de resultados, com o mínimo de desperdício. Daí surge o ciclo básico, regime de crédito, matrícula por disciplina e departamentalização. Essa tecnificação trouxe conseqüências para a formação do psicólogo, sendo necessário entender como os cursos de psicologia surgiram, que classe social buscava esse ensino, aspirações e expectativas no mercado de trabalho (SAVIANI, 1994). O currículo prescrevia as disciplinas e os laboratórios; estatísticas e teorias abundavam; a predominância da Análise Experimental do Comportamento, baseados no modelo médico de formação. Os psicólogos empenhavam-se em tornarem-se profissionais liberais, pouco valor foi dado ao eixo comunitário, atualmente, forte na formação curricular. Saviani (1994), fala da divisão do conhecimento em compartimentos, um sintoma de que a escola está alienada com um currículo rígido, sem espaços para opções.

Uma universidade não pode ser somente reprodutora e transmissora de conhecimentos. Deve estar vinculada a uma realidade, estar sensível, atenta, investigando as modificações que ocorrem nessa realidade. Os projetos optativos são sintomas de que ela está ligada à realidade. O autor afirma que o distanciamento das universidades da realidade social implantou um ensino inadequado. O mercado de trabalho, visto como liberal, tornou-se restrito pelo próprio empobrecimento das camadas sociais. Para Saviani (1994), o mercado de hoje apresenta, no poder público, nas instituições e empresas e nos movimentos populares, uma formação acadêmica fraca e sem consciência crítica. O autor diz que o mercado de trabalho atual precisa de profissionais que entendam de Saúde Pública, Saúde Mental e a universidade ainda continua formando profissionais liberais. O tipo de profissional que está saindo da escola não é aquele que o mercado precisa. (SAVIANI, 1994).

O mercado de trabalho, hoje, requer um profissional psicólogo estrategista, que saiba reconstruir o conceito de competência profissional para cada área do que é competente e esse conceito surge de um determinado diagnóstico.

A necessidade de transformações na estrutura geral da sociedade se fez sentir mais intensamente nos últimos anos pela reorganização e exige direitos básicos. É dentro desse novo contexto político e econômico que o psicólogo e a universidade

estão redimensionando a prática. Manter a identidade da Universidade, enquanto produtora de conhecimento e desencadeadora do desenvolvimento social vem sendo um desafio do qual a parceria Universidade e setor privado é apenas uma face. O crescimento da população jovem no país e as necessidades criadas pela sociedade pós-industrial, cujo processo de produção exige indivíduos altamente qualificados e com habilidades para usar e processar informações, é outro desafio com o qual se depara a universidade do século XXI. As necessidades colocadas pela massificação do ensino em termos de infra-estrutura e recursos humanos não foram atendidos em patamares adequados, o que nos leva a questionar se a evolução ocorrida implicou em perda da qualidade de formação. (OLIVEIRA, 2002).

Massimi (1990), relata que se, no passado, a universidade era a principal instituição detentora do conhecimento, hoje, o saber encontra-se disseminado em toda a sociedade, nas mais variadas formas e disponibilizado através dos meios de comunicação de massa e dos sistemas e redes de informação. A perda da hegemonia recoloca a missão institucional da universidade, por meio de seus currículos, na busca de formas de assegurar um ensino que contemple a diversidade do conhecimento e que, simultaneamente, em nível da individualidade e subjetividade do aluno, forme profissionais com competências em áreas específicas e capazes de incorporar valores que propiciem o pleno exercício da cidadania. Para isso faz-se necessário fazer a adoção de práticas pedagógicas que privilegiem o ensino, em forma e ritmo compatíveis com a realidade econômica, social e cultural do aluno e, que lhe permitam acompanhar a evolução dos conhecimentos produzidos, que mudam numa velocidade sem precedentes, na sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2002).

A construção de um perfil de psicólogo, trabalhado em cursos de formação acadêmica, pautada na visão crítica da realidade, no saber pensar, na criatividade e na produção própria do conhecimento constitui uma imposição da modernidade e vem sendo considerada, no âmbito do projeto educacional, um meio de garantir a qualidade do perfil egresso desses currículos, ou do ensino (WEBER, 2002).

2.3. Histórico do Surgimento das Idéias Psicológicas no Brasil

Apresenta-se, a seguir, uma linha do tempo com os eventos que tiveram destaque na história da Psicologia, no Brasil:

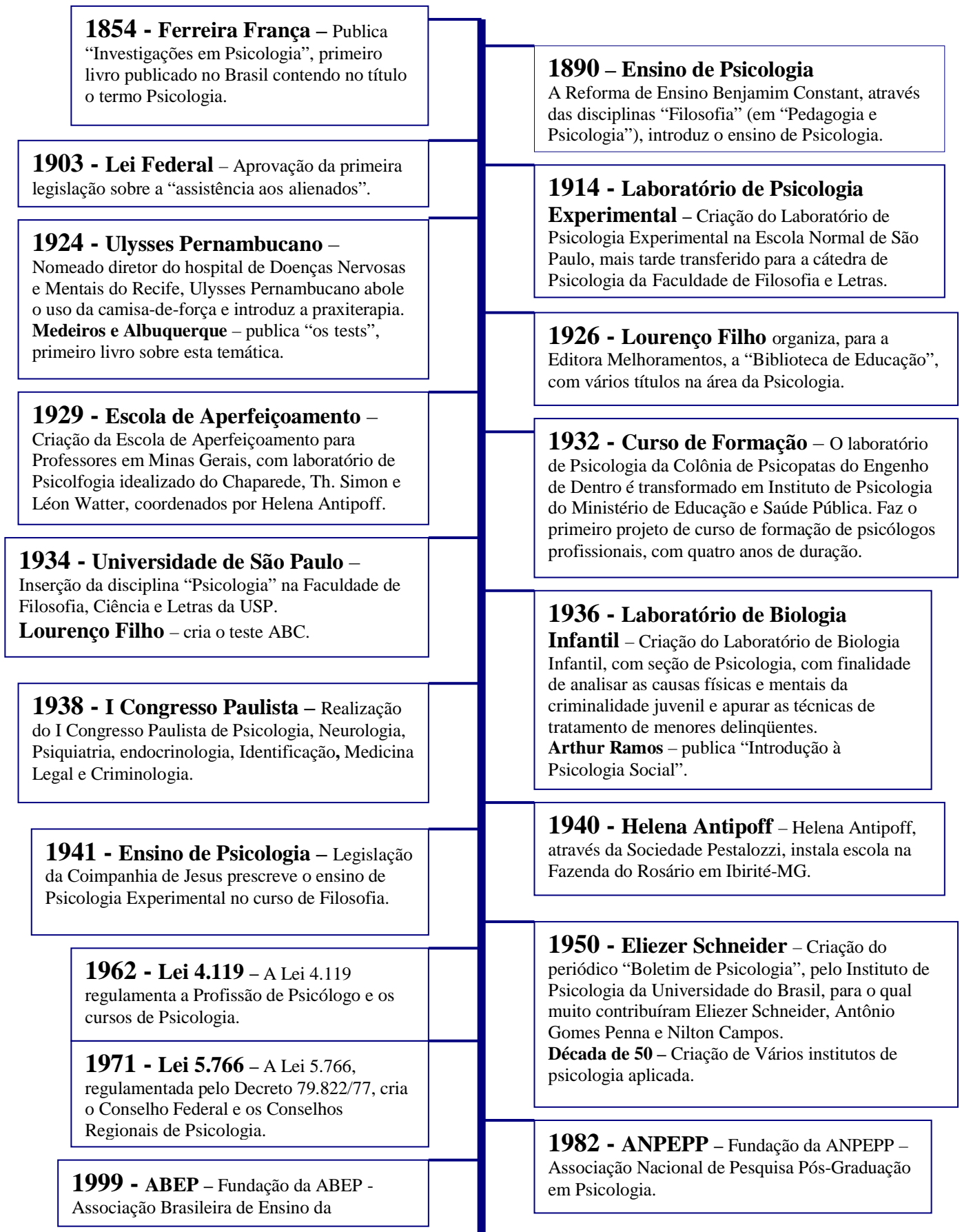


Figura 1: Histórico da Psicologia no Brasil, nos últimos cem anos.

Fonte: Conselho Federal de Psicologia, Brasília, Cem anos de Psicologia no Brasil, 1990

A história da Psicologia mostra que esta é uma ciência nova (FIGUEIREDO, 1996). A existência da Psicologia como profissão é também recente. No Brasil, a profissão de psicólogo foi regulamentada a partir dos anos 30. Campos (1992), relata a leitura do trabalho de Pessotti, ao distinguir quatro grandes períodos da história das idéias psicológicas no Brasil, o que demonstra existir uma correlação entre a história social das idéias e as práticas sociais. A periodização das idéias psicológicas no Brasil circunscreve-se em quatro grandes períodos: o início é o período intitulado como Pré-institucional, passando pelo Período Institucional, vindo a seguir o Período Profissional e, finalmente, o Período Universitário.

2.3.1 Período Pré-Institucional - até o século XVIII

No período Pré-Institucional predominam idéias sobre processos psicológicos veiculados em trabalhos de cunho religioso ou político, com forte influência do pensamento europeu, visando refletir sobre a organização da sociedade e do estado brasileiro.

Essas idéias veiculadas refletem ainda o século XVIII, quando constatou-se a emergência das primeiras expressões da consciência autônoma dos colonizados. Como ressalta Campos (1992), observa-se no Brasil Colonial o aparecimento de um interesse difuso por conhecimentos psicológicos registrados em obras dedicadas a estudo da medicina, da moral, teologia, pedagogia, política e arquitetura. Tais estudos apresentavam ensinamentos sobre a maneira de educar as crianças, sobre as “enfermidades da alma”, que expressavam a visão dos intelectuais da época sobre a natureza humana, embora não se tratasse de um saber psicológico propriamente dito. Marco importante, destacado por Campos (1992), foi apresentado no Seminário de Mariana (MG), 1996, na instituição Jesuítica fundada em 1750, quando as concepções psicológicas estavam iminentes nas disciplinas de Filosofia Moral, Filosofia Racional e Ética. Estes conteúdos, depois da Independência (1882), foram encontrados também nos colégios no Rio de Janeiro.

2.3.2. Período Institucional - Séc. XIX

Segundo Campos (1992), é a partir do Período Institucional que a produção para o conhecimento dos fenômenos psicológicos vai ocorrer. Esse autor nomeia de base institucional o surgimento da pesquisa e da sistematização de pensamentos nas

áreas da Educação e da Medicina. Na Medicina, é nítido este surgimento com a origem das escolas de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro e, na educação através do surgimento das Escolas Normais no país.

O autor citado relata que, segundo Pessotti, não havia nessa época uma preocupação que evidenciasse os problemas da sociedade brasileira o que se encontrava era a busca em estabelecer instituições educativas e de assistência psiquiátrica. Foi a partir do ano de 1890 que se edificou a disciplina de Psicologia no currículo das escolas secundárias, tornando-a distinta e singular da Filosofia e da Psiquiatria.

Em Minas Gerais, foi fundado em 1903 o Hospital Colônia de Barbacena e as primeiras Escolas Superiores no final do século XIX, (CAMPOS, 1992).

Americus (apud CAMPOS, 1992), é autor de uma série de artigos sobre *“Idéias elementares sobre um sistema de educação nacional”*, em que a idéia da educação é dividida em física (corpo), moral (hábitos) e intelectual (compreensão). A educação teria como função cuidar das sensações para que dessa forma o indivíduo fosse condicionado aos hábitos “desejáveis”. Com isso, poder-se-ia distinguir um homem selvagem de um homem civilizado. Os filósofos mineiros recebiam outras perspectivas teóricas como o revolucionismo de Spencer e o positivismo de Comte, (apud CAMPOS, 1992), correntes estas denominadas de pensamento cientificista.

2.3.3. Período Universitário

As elites progressivas, em luta pela modernização, vão tentar renovar e reformar o sistema educacional herdado do Império. Era uma espécie de reinvenção do país: apagar as histórias da escravidão e da dominação colonial, modernizar a nação e inseri-la no contexto capitalista ocidental. Era preciso educar a população e ensinar principalmente à população urbana os princípios higiênicos básicos.

Foi inspirado nas idéias escolanovistas de Antipof, André Rey, e Montessori (apud LIBÂNEO, 2000), vindas do exterior, notadamente da Suíça, Itália, França, que teve-se a avaliação de que o progresso do país dependia de um extenso sistema público de ensino primário, de instituições adequadas para a formação das elites. A Psicologia veio a ganhar o status de disciplina autônoma e necessária à formação de novos educadores, no bojo dessas transformações e idéias.

2.3.4. Período Profissional

Para Pessotti (apud CAMPOS, 1992) o Período Profissional da Psicologia no Brasil tem início com a criação dos cursos universitários específicos para a formação de psicólogos.

Nos cursos regulamentados com o currículo de 1962, predominou inicialmente a perspectiva técnica e corporativa. Na concepção instrumental da Psicologia, a tendência cientificista que elege o método das ciências naturais como método apropriado para a ciência psicológica ganha adeptos, conforme atesta Campos (1992 p.48-49):

O predomínio dessa tendência de análise do sujeito como entidade a-histórica, abstraída de suas condições reais de existência, na Psicologia desse período universitário, tem sido considerada como um subproduto perverso do regime militar que dominou o país de 1964 a 1985.

Em Minas Gerais, os primeiros cursos de Psicologia foram instituídos no início da década 60. Os currículos dos cursos tinham a ênfase em uma formação técnica, com autonomia da Psicologia científica em relação às demais ciências humanas, fruto da concepção educacional da época e das políticas públicas de educação, onde há a ausência de uma formação interdisciplinar e a presença do tecnicismo/behaviorismo:

A formação acadêmica ampla, orientada para a crítica epistemológica e para a produção de conhecimento não só sobre as condições de produção do discurso sobre a Psicologia, mas também sobre a dimensão psico-sociológica da própria população sobre a qual se pretendia aplicar as técnicas transmitidas nos cursos, foi relegada a segundo plano. (CAMPOS, 1992, p.15)

Nos anos 80, surgiram iniciativas voltadas para práticas mais comprometidas com o questionamento e humanização das relações sociais, tanto na área escolar, clínica, quanto na área do trabalho. Já se esboçava a tendência crítico-social dos conteúdos, na educação.

Segundo Pessotti (apud CAMPOS, 1992) o Período Profissional inicia após a criação dos cursos de bacharelado e licenciatura em Psicologia e, da profissão de psicólogo em 1962. Nesse período, pensa-se o indivíduo separado de sua realidade social. “Em 1975, vamos assistir a um verdadeiro *“boom”* de psicólogos e de escolas de Psicologia.” (BOCK, 1999, p.75). Livros especializados são editados, pesquisas e

técnicas de trabalho surgem e há uma conquista no mercado de trabalho emergente. (BOCK, 1999).

“Observa-se ainda nessa última fase, por todo o país, um rápido crescimento no número de cursos de Psicologia, havendo um certo sacrifício na qualidade da formação, proporcionada pelos diversos núcleos acadêmicos”. (CAMPOS, 1992, p.15).

2.4 Origem da Psicologia em Minas Gerais

Em Minas Gerais, na década de 40, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da UFMG e seguindo-se a ela um serviço de orientação escolar:

Esse esforço de modernização teria também reflexos na Psicologia aplicada em Minas. Em 1949, foi criado pelo Governo do Estado um Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP), vinculado ao Instituto de Educação de Minas Gerais - escola normal que substituiu a antiga Escola de Aperfeiçoamento, existente em 1945. (CAMPOS, 1992, p.42).

O SOSP, Serviço de Orientação e Seleção Profissional, oferecia orientação a escolares - crianças e adolescentes com base nas aptidões de cada um e nas ofertas do mercado. Ao lado das atividades de orientação, o SOSP era responsável pela realização de provas psicológicas, instituídas a partir de 1950, como condição para o ingresso nos cursos de Formação de Profissionais de Educação Pré-primária, de Biblioteconomia, de Trabalhos Manuais, Educação Física e de Administração Escolar do Instituto de Educação e para a seleção de motoristas profissionais e amadores no Serviço Estadual de Trânsito. Os profissionais da Psicologia buscavam um lugar no mercado de trabalho, numa sociedade em processo de modernização. Em 1956, cerca de 30 profissionais de saúde mental criaram a Sociedade Mineira de Psicologia porque sentiam necessidade de aperfeiçoamento profissional na área. (CAMPOS, 1992). Os Boletins publicados nos anos 50 mencionavam, claramente, a necessidade de pesquisa em saúde. Nos anos 60, as atribuições do psicólogo eram: ortofonia (reeducação e correção de dificuldades de linguagem), a reeducação psicomotora, terapia ocupacional, a reeducação ocular, Psicologia clínica, Psicotecnia, orientação profissional e correção de dislexia. (CAMPOS, 1992). O psicólogo precisava demonstrar sua utilidade e não sua capacidade de gerar novos conhecimentos, apesar dos apelos da sociedade, para procurar incentivar a pesquisa, o domínio de técnicas. Uma experiência do Departamento de Orientação e

Treinamento do Banco da Lavoura de Minas Gerais, no início da década de 60, destacava uma abordagem psico-sociológica, quanto à conduta dos indivíduos em grupos a partir de uma perspectiva interdisciplinar e contextualizada a seus funcionários. A experiência do Banco da Lavoura, teve influência nos primeiros cursos de formação de psicólogos implantados em Minas nos anos 60, em oposição à abordagem psicométrica. (CAMPOS, 1992).

Pode-se concluir que, de um lado, havia uma concepção individualizante instrumental, o SOSP, combinando com o controle que o regime militar (1964 a 1974) exercia sobre os universitários que eram proibidos de se reunirem, lerem determinadas obras, questionarem o sistema político vigente e de outro, emergiu uma perspectiva psico-sociológica, interrelacional, que privilegiava a análise das vivências e da problemática individual no contexto sócio-cultural, que evidenciava novas tendências na evolução da concepção dos cursos. (CAMPOS, 1992).

2.5 Características do Curso de Psicologia no Centro Universitário Newton Paiva

O eixo de todos os esforços na reestruturação curricular é a melhoria da qualidade do ensino. Uma das ações estratégicas mais incisivas para o alcance desse objetivo é o desenvolvimento do currículo IV, através de um perfil que valoriza o aperfeiçoamento e avalia o desempenho do profissional por ele formado. Para que a formação de psicólogos, quer seja inicial ou continuada, não perca de vista os objetivos definidos e mantenha a coerência com os propósitos do Projeto Pedagógico, impõe-se a explicitação das diretrizes que a presidirão, nesta proposta. (CAMPOS, 1992).

As diretrizes do Currículo IV orientam a definição dos princípios, finalidades, conteúdos, organização e funcionamento do curso destinado à formação de psicólogos para as diversas ênfases profissionais, na instituição formadora – Centro Universitário Newton Paiva.

A concepção do psicólogo como uma das alavancas do desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País é o ponto de partida para a definição das diretrizes curriculares referentes a essa categoria profissional. (WEBER, 2002).

O psicólogo deve ser formado no “aprender a aprender” e na “educação continuada”, porquanto a orientação a ser dada aos cursos destinados à formação

desse profissional e que deverão ser observadas na relação com o mercado, está condicionada a fatores:

- a superação do uso de métodos e processos calcados na visão ultrapassada de ensino e aprendizagem;
- a vontade e o esforço persistente de construir a nova competência do “aprender a aprender”, “educação continuada”, bem como o “aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver” (DELORS, 2000, p.83).

Isto significa que o Unicentro, no desempenho de sua função institucional, não pode ficar restrito ao papel de transmissor de conhecimento disponível, mas que os sujeitos do processo, alunos e professores, devem ser levados a saber pensar de forma crítica e criativa, apropriando-se do conhecimento e reelaborando-o como instrumento mais eficaz de emancipação das pessoas e da sociedade. (GOULART, 1998).

Competência, em lugar da cópia, reprodução e imitação - atitudes e habilidades verdadeiramente construtiva, crítica e criativa. É necessário haver modificações e quais deveriam ser elas? Há indefinição na legislação trabalhista do País, bem como no posicionamento da comunidade, perante a escola, agência formadora, que não se define claramente sobre o que é necessário no mercado, hoje em dia, para oferecer a qualidade necessária, por meio dos currículos (WEBER, 2002).

Dando continuidade ao estudo do currículo do Curso de Graduação em Psicologia, do Centro Universitário Newton Paiva, de Belo Horizonte-MG, vigente desde o primeiro semestre de 1996, esclarece-se que: consta de 4100 horas, distribuídas em dez períodos letivos semestrais, com cerca de quatro, a cinco ou seis disciplinas a serem cursadas pelos alunos, em cada semestre letivo, nos eixos epistemológicos social, psicanálise, comportamental e existencial-fenomenológico. Chama-se “Currículo IV”, porque vem de uma trajetória histórica na Instituição, sendo já a quarta proposta curricular em vigência.

O Currículo I surgiu para autorização de funcionamento do curso em 1973. Delineava os pressupostos educacionais da época, quando vigia a Lei 5.540/68 e seus desdobramentos, que regulamentavam o ensino superior no país, ao tempo da 5692/71 no ensino fundamental e médio. O Currículo II, implantado no segundo semestre de 1992, trazia mais ampliada a idéia de formação profissional. A ênfase era Psiquiatria e Fisiologia, conforme se depreende dos documentos (Anexo 5 e 6). O Currículo III, que vigorou por maior espaço de tempo, foi elaborado à época do reconhecimento do curso em 1973. A ênfase era dada às exigências do MEC -

Ministério da Educação e Cultura - tendo em vista os currículos mínimos vigentes. Em 2001, tais currículos entraram em desuso pela flexibilização e autonomia dadas às instituições e pelas novas legislações de ensino, Lei 9394/96 e as regulamentações. (WEBER, 2002). O Currículo IV, com pressupostos inovadores, participativos, de mudança e partilha, flexibilidade sobretudo, baseou-se também na “Carta de Serra Negra”, 1989, (BOCK, 1999), documento que norteou os trabalhos curriculares. No Encontro Nacional, para Debater os Princípios Norteadores da Formação dos Psicólogos, face às mudanças de pensamento e transformação da sociedade, o “Currículo IV” nasce com a preocupação de uma formação generalista, pluralista, comprometido com a ética e epistemologicamente com a diversidade, com a pluralidade do mundo.

Esse “Currículo IV” permite ao aluno o percurso ético, epistemológico que fundamenta as práticas psicológicas e as respostas às necessidades sociais. Aponta diretrizes multirreferenciais necessárias ao perfil do psicólogo, garantindo uma formação generalista e pluralista, em conformidade também com as políticas públicas vigentes. Em vigor desde 1996, formou em 2001, a primeira turma de psicólogos com uma formação generalista fundamentada nos 4 eixos epistemológicos: social, psicanálise, comportamental e existencial-fenomenológico.

2.6 Evolução histórica do Curso de Psicologia no Centro Universitário Newton Paiva.

Segundo dados fornecidos pela Instituição, em arquivos da Secretaria Geral, o Curso de Psicologia teve início em 1973, na Unidade Monte Calvário. Transferiu-se, em 1977, para a Unidade Manuel Pedro de Souza e, em definitivo, para a Unidade Silva Lobo, em 1985. A localização geográfica teve razões de ordem político-institucional. A Clínica Especializada de Serviço de Psicologia Aplicada - CESP, foi inaugurada na década de setenta (1976) na rua Santa Catarina, 746, Bairro de Lourdes e atualmente funciona com o nome de Clínica de Psicologia Newton Paiva, na Rua Peperi, 700, Bairro Nova Granada. As atividades de Pesquisa e Extensão foram desenvolvidas desde os primeiros momentos do curso. A extensão foi assumida pela CESP, enquanto as de pesquisa se colocaram de início como ações esporádicas de alguns professores e alunos.

O processo de mudança curricular do Curso de Psicologia tomou como referência o currículo do ano de 1982, denominado Currículo I, embora a criação do Curso de

Psicologia no Centro Universitário Newton Paiva data de 1972 e o currículo até então vigente data da criação do curso.

O currículo de 1982 visava o Bacharelado, seguido de habilitações em Licenciatura e em Formação de Psicólogos. O Bacharelado contemplava fundamentos filosóficos, sociológicos, antropológicos, fisiológicos e estatísticos. Na parte específica, o aluno cursava as disciplinas das teorias psicológicas abrangendo a História da Psicologia, as Teorias de Psicologia do Desenvolvimento, de Psicologia da Personalidade, de Psicologia Social, de Psicologia da Aprendizagem e as Técnicas de Exames Psicológicos. A habilitação em Licenciatura organizava-se em torno das disciplinas Didática, Estrutura, Funcionamento do Ensino e Estágio. Já a habilitação Formação de Psicólogos era direcionada para uma formação clínica enfatizando as seguintes abordagens psicoterápicas: Gestalt-terapia, Psicanálise, Existencial-Humanista, Comportamental e Psicologia da Indústria, juntamente com os Estágios Clínicos Supervisionados, feitos na comunidade.

No ano de 1989, o Currículo I sofreu as seguintes alterações: foram incluídas, a partir do 6º período, aulas de prática de Métodos e Técnicas de Pesquisa Psicológica e Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem. No que concerne à habilitação de Formação de Psicólogo, foram introduzidas as disciplinas Terapia Familiar e Psicoterapia Infantil e a abordagem multimodal em Teorias e Técnicas Psicoterápicas. Essas mudanças ocorreram devido a uma demanda que se fazia presente no trabalho do profissional de Psicologia junto ao mercado, constituindo o Currículo II, evidenciada nas avaliações de acompanhamento da qualidade do curso e inserção no mercado. A partir de 1993, houve uma redistribuição da carga horária, sendo introduzidas disciplinas que articulavam o psicológico, o neurológico e o fisiológico. Com isso, ocorreu a introdução das seguintes disciplinas: Fundamentos de Química e Bioquímica e a disciplina Neuroquímica. Diante das transformações que a sociedade brasileira vivia, abrindo novas frentes de atuação para os trabalhadores de saúde mental, as disciplinas eletivas passam a figurar nesse Currículo II como dispositivos para operar nessa realidade. Articulavam com as disciplinas: Psicologia e Linguagem, Psicologia e Diferença Social, Psicologia e Jogos e Psicologia e Cultura Brasileira. Em 1996, o Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva passou por uma alteração fundamental na sua proposta curricular. Foi implementado o Currículo IV, que tem como diretriz básica a fundamentação epistemológica e ética norteada por importantes eixos teóricos: a

teoria psicanalítica, as teorias psicossociais, a teoria existencial-fenomenológico-humanista, a teoria comportamental e a teoria cognitivista, abrigada nas disciplinas de Psicologia da Aprendizagem. Os estágios profissionalizantes passaram a ser iniciados, não mais no 8º período, como se dava no Currículo III, mas, de forma marcante, a partir do 4º período, articulado a atividades de Iniciação Científica, a pesquisa, permitindo a elaboração da formação profissional ao longo de todo o curso, e introduziu-se a atividade de Monografia ao final da graduação, como TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, à vista das diretrizes emanadas do CNE - Conselho Nacional de Educação. (WEBER, 2002).

O Currículo IV objetiva permitir que o aluno faça um percurso de epistemologia em direção às éticas dos discursos e práticas psicológicas, articulando, assim, os aspectos teóricos, instrumentais e operacionais que orientam a prática do psicólogo. Nesse sentido, a nova proposta busca formar um profissional comprometido com a atuação em diferentes contextos, a partir de múltiplos referenciais, compreendendo o fenômeno psicológico em interface com outras ciências, a partir das necessidades individuais e coletivas - interdisciplinar e multirreferencial. Além disso, o Currículo IV ocupa-se de forma rigorosa da fundamentação epistemológica e ética, essencial à diversidade constitutiva do Psicólogo.

Analisando as diretrizes descritas acima, conclui-se que o curso, em seu desenvolvimento, tem como objetivo amplo, formar profissionais para a atuação numa perspectiva multidisciplinar e multirreferencial com espírito investigativo, valendo-se de uma pluralidade de recursos teóricos, técnicos e instrumentais, buscando gerar conhecimentos e tecnologia apropriada à realidade em que atuam. (In: Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia, 1999).

Através do documento onde está contido o Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado/Licenciatura e Formação de Psicólogos da Faculdade de Ciências Humanas e Letras, do Centro Universitário Newton Paiva (1999), elaborou-se a partir de Figueiredo (1996), uma resenha dos objetivos básicos do curso e criaram-se as diretrizes propostas para o Curso de Psicologia da instituição, observando-se os eixos epistemológicos. Os princípios contidos no projeto definem o perfil do aluno que se quer formar e que está nos objetivos do Curso e nos conhecimentos e conteúdos necessários ao Projeto Pedagógico, às diretrizes nele contidas, que denotam uma preocupação de assegurar um curso articulado a uma posição crítica diante dos conhecimentos, que embasam e são gerados pela prática, assim como a

uma posição diante do trabalho e das atividades propriamente ditas, privilegiando uma postura ética, reguladora da vida profissional do psicólogo; em última instância, o perfil.

O projeto em questão parte do pressuposto de que a Psicologia, hoje, se constitui em seu campo distinto do saber; e se confronta com a sua pluralidade epistemológica e ética. Tal posição obriga os Cursos de Psicologia a desenvolverem uma formação básica pluralista. É fundamentada na discussão epistemológica, visando a consolidação de práticas profissionais, conforme a realidade sócio-cultural, o que irá estabelecer como pontos fundamentais a necessidade de uma formação básica pluralista, postura investigativa e a inserção na realidade sócio-cultural.

O Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, no intuito de abranger a diversidade do saber psicológico, engloba o estudo de quatro eixos teóricos, denominados Sistemas. O Sistema I corresponde à Abordagem Behaviorista e suas implicações práticas; o Sistema II corresponde à Abordagem Existencial Humanista e suas implicações práticas; O Sistema III corresponde à Abordagem Psicanalítica e suas implicações práticas; e o sistema IV corresponde à Abordagem Psicossocial e suas implicações práticas. A psicologia organizacional e educacional estão contempladas na abordagem teórica Psicossocial e à época de elaboração do Projeto (1993) apresentava-se assim, uma nova perspectiva para a Psicologia, como a revisão dos saberes constituídos e o surgimento de novos paradigmas teóricos. A perspectiva que se colocava era de urgência teórica. Em consequência disso, os saberes que não se sustentavam a partir de referenciais próprios, seriam substituídos por outros campos de saber. Era preciso que a Psicologia se sustentasse a partir da diversidade que se instalou em seu seio desde o seu surgimento como ciência oficial para que não desaparecesse enquanto campo de saber. Constatou-se, a partir dos estudos da epistemologia psicológica, que a diversidade e a aparente dispersão de saberes em Psicologia não equivaliam ao caos, à desordem. A diversidade é fruto da existência de éticas distintas que compõem o campo da Psicologia. (FIGUEIREDO, 1996).

Foi diante de concepções de natureza humana e ética do psicólogo, da prática profissional, que a equipe técnica de professores do Centro Universitário Newton Paiva elaborou um currículo, que visava sustentar as grandes correntes teóricas psicológicas, objetivando permitir ao Psicólogo conhecer e reconhecer os referenciais próprios do saber e lhe possibilitar instrumentais suficientes para construir uma prática ética, seja qual for a abordagem escolhida. (FIGUEIREDO, 1996).

O Curso tem como perfis de referência a formação do psicólogo-pesquisador e do professor de psicologia, para formar um profissional comprometido com uma atuação em diferentes contextos, a partir de múltiplos referenciais compreendendo o fenômeno psicológico, em interface com outras ciências, a partir das necessidades individuais e coletivas; objetiva um perfil que privilegia a formação do profissional e do cidadão, tendo a ética como princípio norteador de suas ações. (WEBER, 2002).

No Projeto Pedagógico do Curso (2000) são explicitadas posturas diante do conhecimento, do trabalho e das características pessoais: saberes, habilidades e atitudes. Tem-se diante do conhecimento, a autonomia para buscar novos conhecimentos, a ampliação e integração desses conhecimentos, a contextualização e a produção dos conhecimentos a partir da realidade em que se insere. Tem-se diante do Trabalho, a apreensão das demandas sociais e políticas, o atendimento para a abertura e redefinição de espaços, a contextualização de problemas, a reflexão crítica sobre a atuação e seus resultados, repensando abordagens e alternativas, numa visão pluralista. (WEBER, 2002).

E por fim, as características pessoais seria o desenvolvimento de habilidades interpessoais de comunicabilidade, flexibilidade, adaptabilidade e argumentação, capacidade para sensibilização e, engajamento das parcerias, capacidade reflexiva e de síntese de conhecimento e experiências, ser pró-ativo, empreendedor e ter a ação pautada sob profunda consciência ética. (WEBER, 2002).

Em consonância com as diretrizes formuladas, no Projeto Pedagógico, constatou-se que o curso em seu desenvolvimento, tem como objetivo amplo formar profissionais para a atuação numa perspectiva multidisciplinar, com espírito investigativo, com maior poder decisório, valendo-se de uma pluralidade de recursos teóricos, técnicos e instrumentais, buscando gerar conhecimentos e tecnologia apropriada à realidade em que atua, que é o perfil profissional. (WEBER, 2002).

Concluindo: o estudo do Curso de Psicologia do CUNP – Centro Universitário Newton Paiva, através do Currículo IV, descreve a formação do psicólogo baseando-se nos seguintes paradigmas:

- **Referenciais teóricos baseados nas correntes psicológicas**

O Centro Universitário Newton Paiva elaborou um currículo, que visa sustentar às grandes correntes teóricas psicológicas, objetivando permitir ao Psicólogo conhecer e reconhecer os referenciais próprios do saber e lhe possibilitar instrumentais suficientes para construir uma prática ética, seja qual for a abordagem escolhida.

Constatou-se, a partir dos estudos da epistemologia psicológica, que a diversidade e a aparente dispersão de saberes em Psicologia não equivaliam ao caos, à desordem. A diversidade é fruto da existência de éticas distintas que compõem o campo da Psicologia.

- **Formação do Psicólogo**

O Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, no intuito de abranger a diversidade do saber psicológico, engloba o estudo de quatro eixos teóricos, denominados Sistemas. O Sistema I corresponde à Abordagem Behaviorista e suas implicações práticas; o Sistema II corresponde à Abordagem Existencial Humanista e suas implicações práticas; O Sistema III corresponde à Abordagem Psicanalítica e suas implicações práticas; e o sistema IV corresponde à Abordagem Psicossocial e suas implicações práticas.

- **Formação dos perfis do Psicólogo pesquisador e de professor**

O Curso também tem como perfis de referência a formação do profissional-pesquisador e do professor de psicologia, para formar um psicólogo comprometido com uma atuação em diferentes contextos, a partir de múltiplos referenciais compreendendo o fenômeno psicológico em interface com outras ciências, a partir das necessidades individuais e coletivas; objetiva um perfil que privilegia a formação do profissional e do cidadão, tendo a ética como princípio norteador de suas ações. (WEBER, 2002).

- **Formação do Psicólogo Organizacional / Educacional ambos dentro do eixo epistemológico profissional**

O Currículo IV de psicologia pauta-se por diretrizes que exigem uma constante interlocução do grupo de docentes e discentes e apoio administrativo, dada a mudança de perfil provocada nos conteúdos curriculares, na articulação teoria-prática, relacionadas a seguir: formação básica pluralista que rompe com o tecnicismo e permite ao aluno uma análise dos diferentes eixos teóricos (psicanálise-social-comportamental-existencial-fenomenológico). Descobre a diversidade como fundante do campo profissional. No Currículo IV, o aluno depara-se com uma visão ampliada de possibilidades de mercado de trabalho do psicólogo, focando a matriz psicológica, epistemológica e ética, que sustenta cada prática. O contínuo aperfeiçoamento dos conhecimentos e habilidades, mesmo depois de concluído a graduação, é demarcado desde o início do curso, de forma autônoma.

A formação generalista garante ao egresso o contato com distintos domínios do campo de ação do psicólogo para exercer a profissão onde o mercado se lhe aparecer. Rompe com o modelo de profissional liberal, amplia as questões de saúde, abriga excluídos sociais, pela prestação de serviços em instituições. A formação é interdisciplinar: não é mais de atender classes abastadas, mas populações de outros níveis sócio-econômicos, que vai exigir outros olhares e parcerias. A duração do curso é de 5 anos letivos, perfazendo um total de 4.100 horas integralizadas em 10 períodos, nos turnos manhã e noite.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Definição do Método – Estratégia da pesquisa

Usou-se neste trabalho o estudo de caso que é considerado por Good (1969), um tipo de análise qualitativa. Por outro lado Bonoma (apud BRESSAN, 2001) considera o estudo de caso mais um recurso pedagógico, uma maneira exploratória de abordagem do objeto de estudo do que propriamente uma pesquisa. Apesar dessa restrição, o estudo de caso é largamente usado nas Ciências Sociais, que se presta a análises adequadas a problemas diferenciados. Assim este método será usado para o estudo do currículo atual da graduação em Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva e da possibilidade de inserção do acadêmico no mercado de trabalho.

BRESSAN (2001), recomenda ao usar o método de estudo de caso o cuidado de planejar a estratégia de pesquisa, considerando os aspectos relevantes para obter os resultados esperados e propostos nos objetivos.

Autores como Bonoma; Tull e Yin, (apud BRESSAN, 2001) afirmam que o estudo de caso parte de uma situação empírica para investigar um fenômeno contemporâneo, num contexto da vida real. É um método adequado às pesquisas exploratórias e, no caso específico, do Currículo IV, objeto de estudo desta pesquisa, responde às questões “como” e “por que” se dá a qualidade da proposta, tendo em vista a resposta às questões aplicadas aos sujeitos concluintes. Isso significa que o estudo de caso não releva a quantidade ou a enumeração delas, mas permite a ênfase nos discursos: a descrição, o desenvolvimento teórico, a compreensão, enfim o que foi explorado na pesquisa.

3.2 Caracterização Metodológica

Um estudo de caso¹ é o estudo detalhado de uma situação (um caso). Os estudos de caso variam na sua complexidade, podem ser simples e específicos (como o estudo de um professor, um conteúdo ou uma aula) ou complexos e abstratos (como o estudo das relações entre os participantes de uma experiência ou a influência de

¹ Texto síntese extraído do trabalho de dissertação de mestrado “Centros de Recursos Educativos. Potencialidades e actualidade”, realizada em 1991 por Cecília Bento, elemento da equipa do Projecto INFRA-Lisboa, 1993.

uma inovação numa escola). O caso é sempre bem delimitado, tem contornos bem definidos. Pode ser semelhante a outros, mas tem sempre um caráter distinto, próprio, constituindo uma unidade dentro de um sistema e o interesse num estudo dessa natureza reside precisamente naquilo que tem de particular. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher um estudo de caso (LUDKE E ANDRÉ apud BENAVENTE, 1993). De um modo geral, os estudos de caso são de natureza qualitativa ou naturalísticos. No entanto, há situações em que a análise quantitativa se justifica, nomeadamente para complemento de dados recolhidos por observação direta. As características de um estudo de caso qualitativo são as mesmas dos estudos etnográficos em geral. Fundamenta-se na hipótese naturalista-ecológica, que afirma ser o comportamento humano significativamente influenciado pelo contexto em que se situa e na hipótese qualitativo-fenomenológica que determina ser quase impossível entender o comportamento humano, sem tentar entender o quadro referencial dentro do qual os indivíduos interpretam os seus pensamentos, sentimentos e ações (WILSON, 1977). Geralmente, a investigação faz-se em três etapas, a exploração, a decisão e a descoberta.

A 1ª etapa envolve a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde será feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a recolha dos dados.

A 2ª etapa consiste numa procura mais sistemática dos dados que o investigador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenómeno estudado.

A 3ª etapa consiste na explicação da realidade, isto é, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenómeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo.

Numa investigação de tipo etnográfico, segundo Ludke e Andre, 1986 (apud BENAVENTE, 1993), o envolvimento do investigador pode ir desde participante total, participante como observador, observador como participante, até observador total, dependendo do grau de interação com o grupo observado.

Segundo Ludke e André (apud BENAVENTE, 1993) as principais características dos estudos de caso são as seguintes:

1. Os estudos de caso visam a descoberta – O investigador tem de estar atento a todos os elementos novos que vão surgindo ao longo do estudo, mesmo que parta já de alguns pressupostos teóricos. Parte-se do princípio de que o conhecimento evolui constantemente e o investigador estará sempre à procura de novas respostas à medida que o seu trabalho vai avançando.

2. Os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto” – Parte-se do pressuposto que para uma apreensão mais completa do objeto é preciso levar em conta o contexto em que se situa. O investigador procura relacionar as ações, as pessoas, os comportamentos com a situação específica em que ocorrem.
3. Os estudos de caso procuram retratar a realidade de forma completa e profunda – Na apresentação dos resultados o investigador procura revelar a multiplicidade de dimensões que existem num determinado problema ou situação. Dá-se, portanto, ênfase à complexidade natural das situações, evidenciando as inter-relações entre os seus componentes.
4. Os estudos de caso usam variedade de fontes de informação – o investigador recorre a uma variedade de fontes recolhidas de diversas maneiras, para poder cruzar informação, confirmar ou rejeitar hipótese, descobrir novos dados e formular hipóteses alternativas.
5. Os estudos de caso revelam experiência única específica e permitem generalizações naturalistas – Um estudo de caso não constitui uma amostra representativa de alguma coisa. Mas os processos analisados podem ser transpostos para outras situações com as necessárias reestruturações de adaptação ao contexto. A generalização naturalista consiste na integração, no estudo de caso, do conhecimento experiencial do sujeito, isto é, o sujeito tenta associar dados encontrados no estudo com dados que são fruto das suas experiências pessoais.
6. Os estudos de caso procuram representar os diferentes e, às vezes, conflituosos pontos de vista presentes numa situação social – o investigador necessariamente traz para o seu estudo as opiniões divergentes (inclusivamente pode dar a sua própria visão do assunto) deixando as conclusões para todos os utilizadores do estudo. Parte-se do princípio de que a realidade não é a mesma para toda a gente, não havendo uma mais verdadeira que as outras.
7. Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa – A apresentação de resultados de um estudo de caso pode Ter formas variadas, desde a escrita até mesas-redondas, passando por meios de transmissão audiovisual. Um mesmo caso pode ter diferentes formas de apresentação, dependendo geralmente do público a quem se destina o relato da experiência.

Segundo Bogdan e Biklen (apud BENAVENTE,1993) há vários tipos de estudos de caso qualitativos.

Os estudos de **organização histórica** que se concentram numa organização particular no tempo, traçando o desenvolvimento dessa organização.

Os estudos **observacionais** em que o foco está numa organização particular (por exemplo uma escola) ou em determinados aspectos da organização (um lugar específico – sala de aula, centro de recursos – um grupo específico de pessoas, algumas atividades da escola). Frequentemente, os estudos de caso debruçam-se sobre uma combinação de todos estes aspectos. O investigador colhe uma organização, como uma escola, e focaliza a sua atenção num determinado aspecto dela.

Os estudos ditos de **histórias de vida** em que o investigador conduz longas entrevistas com cada pessoa, com o objetivo de obter uma narrativa pessoal.

Os estudos **comunitários** em que o foco da atenção é um bairro ou uma comunidade, em vez de, por exemplo, uma organização, e é apenas isso que os distingue dos organizacionais ou dos observacionais.

Os estudos de **análise situacional** em que se estuda um acontecimento particular (por exemplo, castigo de um aluno) segundo os pontos de vista de todos os participantes.

Os estudos de **microetnografia** referentes a casos que dizem respeito a pequenas unidades de uma organização ou de uma atividade organizacional muito específica (por exemplo) crianças a aprender a desenhar).

Uma vez que um estudo de caso não é, geralmente, representativo de uma população determinada, a questão da generalização passa a ter pouca relevância, uma vez que o interesse se volta para a investigação sistemática de uma situação específica. No entanto, podem reconhecer-se aspectos comuns em estudos de caso desenvolvidos em contextos diferentes. A identificação desses aspectos vai permitir uma ampliação e uma maior solidez no conhecimento do que se pretende estudar. Por isso, existem **multi-estudo de caso** em que os investigadores estudam várias situações semelhantes, mas em diferentes contextos. O objetivo pode ser a tentativa de generalização de determinados aspectos ou pode ser a comparação de situações para evidenciar a diversidade e os contrastes a partir de um estudo original – validação externa por generalização naturalista.

Seja qual for o tipo de estudo de caso escolhido, é necessário avaliar o seu grau de praticabilidade e a possibilidade de ser levado a termo. Isso implica envolvimento

na experiência, muito tempo para recolha dos dados, acesso a informação diversa e indivíduos treinados na observação, recolha e análise da informação.

Um bom relacionamento com os participantes é imprescindível para o desenvolvimento correto de todo o processo. O estudo de caso pode Ter potencialidades enormes no estudo de situações educativas, uma vez que ao retratar a realidade quotidiana de uma escola em toda a sua multiplicidade, permitindo conhecer e compreender melhor os problemas dessa escola, pode proporcionar a compreensão de outras situações semelhantes e evitar a repetição de erros ou desencadear novos processos adequados aos diferentes contextos.

Deste modo, conclui-se que o estudo de caso realizado pode ser classificado como: complexo, predominantemente qualitativo e observacional.

3.3 Universo da Pesquisa e Coleta de Dados

Para levantamento dos dados foram utilizados diferentes instrumentos de coleta a saber:

- Entrevista;
- Questionário;
- Levantamento documental

↳ Quanto às entrevistas (anexo 4,5 e 6):

As entrevistas foram realizadas com:

- pesquisador da história da psicologia em Minas Gerais;
- administradores do Centro Universitário Newton Paiva, Curso de Psicologia;
- Professor envolvido no Projeto Pedagógico do Curso.

Essas entrevistas permitiram recolher dados sobre as práticas e percursos dos professores, bem como sobre o trabalho realizado no âmbito do Projeto, que é o Currículo IV. A partir dos relatos foi possível ter uma visão mais alargada sobre a organização, funcionamento e modo como o Projeto do Currículo IV foi concebido e

como se articulava com a história do Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva.

→ Quanto aos questionários (anexo 1 e 2)

Os questionários foram realizadas com:

- alunos do 10º período unificado do curso de psicologia do Centro Universitário Newton Paiva;
- ex-alunos do curso de psicologia do Centro Universitário Newton Paiva que durante o curso seguiram o currículo IV.

Buscou-se formular as questões de maneira clara e objetiva, com linguagem acessível, visando, com isso, facilitar o entendimento por todos os entrevistados

Estes questionários serviram para conhecer o envolvimento dos alunos no projeto, para saber o que pensam; o que lhes trouxe de novo, as atividades de que mais gostaram e as expectativas futuras relativamente à continuação do trabalho em curso. Se o Currículo IV o capacita para o mercado de trabalho, inserindo-o nesse contexto. Além disso, o acompanhamento de egressos permitiu caracterizar a situação dos mesmos com relação a atividade profissional.

→ Quanto ao levantamento documental

Foi realizado o levantamento de currículo de outros cursos de psicologia existentes em Minas Gerais com o objetivo de confrontá-los para verificar diferenças existentes em relação ao currículo IV do Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva e através dessa análise identificar a existência de pontos positivos e/ou negativos no Currículo IV.

3.4 Análise dos Dados

Entrevistas foram utilizadas mediante análise de discursos.

- Entrevista coletiva com os administradores: reconstrução histórica (os anos) dos currículos já existentes, mediante análise de discurso.
- Entrevista estruturada, com a professora coordenadora do curso em 1972, mediante análise de discurso;
- Entrevista com o professor historiador mediante análise de discurso;
- Os questionários nº 1 e nº 2 dos alunos concluintes, as questões receberam o tratamento estatístico, mediante gráficos. As respostas abertas do questionário nº 1 receberam o agrupamento por significantes;
- Levantamento Documental dos cursos deu origem a cinco quadros comparativos entre as disciplinas das instituições pesquisadas e o Centro Universitário Newton Paiva, Currículo IV, para verificar a existência de diferenças entre elas.

A junção do trabalho dessas análises possibilitou inferir conclusões sobre o “estudo de caso” do Currículo IV, do Curso de Psicologia do Centro universitário Newton Paiva.

4 ESTUDO DE CASO

O “Estudo de Caso” foi realizado no Centro Universitário Newton Paiva, em 2001 e 2002, primeiro e segundo semestres. Para este estudo considerou-se que, uma investigação de tipo etnográfico, seria a mais adequada. Escolheu-se o “Estudo de caso” por ser a metodologia que, de uma modo mais fiel, permite estudar a situação que se pretende caracterizar. Trata-se de **um caso de tipo observacional** em que se pretende estudar um aspecto particular da escola, o do Currículo IV, dando atenção ao contexto onde a experiência se desenvolve com grupos de alunos, bem como as características desenvolvidas no âmbito desse currículo.

4.1. Centro Universitário Newton Paiva

O Centro Universitário Newton Paiva é uma instituição de direito privado, que atua numa área competitiva à das organizações sociais (instituições públicas não governamentais).

Em decorrência, o Centro Universitário Newton Paiva é uma instituição pluralista, que acolhe em seu projeto a condução de todas as áreas de saber que, na medida de suas possibilidades, tenham condições, reais de oferecer oportunidades de contribuir para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade onde está inserido.

O Centro Universitário Newton Paiva, como instituição de prestação de serviços de educação, reúne as pessoas a partir do ensino de graduação e da pós-graduação. Para cumprir esse objetivo máximo oferece-lhes oportunidades de desenvolver seus conhecimentos nas áreas da ciência, da técnica e das artes, testando, na prática, seu alcance e relevância social.

Mantém cursos de graduação, seqüenciais, Pós-Graduação, Universidade Corporativa, Ensino a Distância, Parceria com a Comunidade, Expressão Cultural, Incentivo ao Esporte, Agência de Estágios e Associação de Ex-alunos – ASSEANP, Orquestra Newton Paiva e Centros de Estudos.

A Newton Paiva tem como filosofia que, somente através da educação, o futuro pode ser transformado. Conta com 23 cursos de graduação, 5 cursos seqüenciais, 16 de especialização, ensino a distância e cooperativo. Está qualificado a atender às exigências atuais do mercado de trabalho e visa também o cidadão ético e

comprometido, direciona os projetos pedagógicos para as seguintes áreas de formação, qualificação e desenvolvimento profissional:

- Educação: Ensino Básico, superior e Línguas;
- Saúde: Psicológica, Nutrição, Odontológica, Fisiológica;
- Sócio-econômica: Econômica, Administrativa, Contábil, Turística e de Comunicação;
- Ciências Jurídicas: Direito;
- Ciências Exatas e Tecnológicas: Matemática e Computacional.

O curso de Psicologia iniciou-se em 1973 na Unidade Monte Calvário e transferiu-se para a Unidade Silva Lobo, em 1985.

A CESP, Clínica Especializada de Serviço de Psicologia Aplicada, foi inaugurada na década de setenta (1976-77) à rua Santa Catarina, 746 – Bairro de Lourdes. Atualmente, redenominada Clínica de Psicologia Newton Paiva, localiza-se à rua Peperi, 700, bairro Nova Granada, próximo ao Campus Silva Lobo. As atividades de Pesquisa e Extensão foram desenvolvidas desde os primeiros momentos do curso. A extensão foi assumida pela Clínica de Psicologia enquanto as de pesquisa se colocaram, de início, como ações esporádicas de alguns professores e alunos.

Em fevereiro de 1996 o currículo IV veio ampliar significativamente as funções da Clínica no âmbito da extensão, bem como implementar a Iniciação Científica no âmbito da Pesquisa, dando uma nova configuração à formação do Psicólogo, que se mantém até o momento atual (2001).

Cumprir lembrar que os estágios profissionalizantes passaram a ser iniciados a partir do 4º período, permitindo a formação profissional ao longo de todo o curso. Além disso, o currículo IV ocupa-se da fundamentação epistemológica e ética, essencial à diversidade constitutiva do Psicólogo.

No ano de 2000 foram inaugurados mais dois núcleos de Psicologia: a Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e ao Tratamento da Toxicomania - CAMT e o SOS – Centro de Solidariedade. Uma nova estrutura de Coordenação do Colegiado dos Núcleos de Psicologia com representantes de cada abordagem psicológica foi implantada, a partir de 2001, a fim de proporcionar uma maior integração e agilidade desses núcleos junto às comunidades acadêmicas e externas.

Atualmente, o Curso de Psicologia funciona em 2 turnos, manhã e noite. São oferecidas 54 vagas, semestralmente, para o turno da manhã e 104 vagas para o

turno da noite. No ano de 2000, encontravam-se matriculados no curso cerca de 1000 alunos.

O Projeto Pedagógico do curso sustenta-se a partir da constituição de quatro eixos teóricos que cumprem o objetivo de abranger a diversidade do saber psicológico. Os eixos teóricos passarão a serem chamados, daqui por diante, de Sistemas:

- O Sistema I corresponde à Abordagem Behaviorista e suas implicações práticas;
- O Sistema II corresponde à Abordagem Existencial Humanista e suas implicações práticas;
- O Sistema III corresponde à Abordagem Psicanalítica e suas implicações práticas;
- O Sistema IV corresponde à Abordagem Psicossocial e suas implicações práticas, contemplando a abordagem cognitiva.

Em consonância com as diretrizes formuladas, o curso em seu desenvolvimento tem como objetivo amplo formar profissionais para a atuação numa perspectiva multidisciplinar, com postura investigativa, com poder decisório, valendo-se de uma pluralidade de recursos teóricos, técnicos e instrumentais, buscando gerar conhecimentos e procedimentos apropriados à realidade em que atua.

Para graduar-se é necessário o cumprimento de 4.488 (quatro mil, quatrocentos e oitenta e oito) horas/aula no mínimo, integralizadas, em 10 (dez) e no máximo 14 (quatorze) semestres letivos.

Para a Formação de Psicólogo, é necessário o cumprimento de 500 (quinhentas) horas de estágio supervisionado.

4.2. Universo da Pesquisa e Coleta de Dados

Entrevistas

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, assim organizadas:

- Entrevista coletiva, com os administradores, que acompanharam o desenrolar da história do curso de Psicologia: Dr. Nominato de Couto e Silva, Professora Kátia Carvalhais e Professor Mauro Pinto. (Anexo 5)
- Entrevista com a coordenadora do Curso, em 1972, Professora Maria Isabel de Sá. (Anexo 6)
- Entrevista com o historiador Professor Wilson Leite. (Anexo 4)

Questionários

- Alunos concluintes

O questionário Nº 1 (ANEXO 1) foi aplicado, precedente à colação de grau. O grupo de alunos concluintes compunha-se, no total, de 56, dos quais 39 responderam ao questionário, entre rapazes e moças, formandos do 2º semestre, do ano de 2000, independentemente do gênero.

A Figura 2 apresenta a distribuição por faixa etária dos respondentes, através dela pode-se perceber a juventude demandada pelo mercado de trabalho. Somente 8% está acima dos 36 anos e 69% pertencem à faixa etária entre 20 e 25 anos.

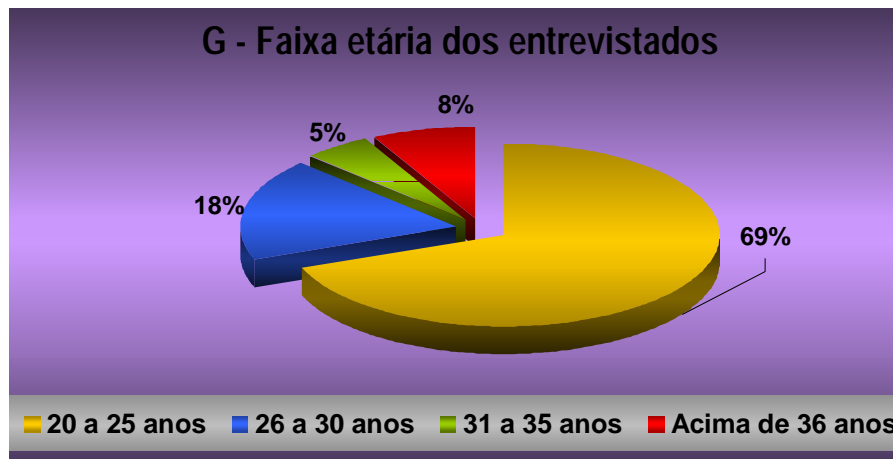


Figura 2: Distribuição Quanto à Faixa etária

- Egressos

O Questionário nº 2 (ANEXO 2) foi aplicado em uma amostra de 56 ex-alunos de 140 cadastrados na ASSEANP – Associação de Ex-alunos do Centro Universitário Newton Paiva em parceria com a gerência da citada associação. Os sujeitos supra citados freqüentaram o Currículo IV, ora em estudo.

Levantamento Documental

Nesta etapa foram pesquisados os currículos de três instituições de ensino superior para análise comparativa. As instituições pesquisadas foram:

- **Faculdade de Ciências Humanas – FUMEC**, fundada em 1971, obteve reconhecimento do curso de Psicologia em 1976. Sua sede está situada na rua Cobre, nº 200, Bairro Cruzeiro – Belo Horizonte – MG, é uma instituição de ensino privada e seu currículo aborda os seguintes eixos epistemológicos: Psicanálise, Existencial-Humanista e Social.
- **Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG**, está situada na Avenida Dom José Gaspar, nº 500, Bairro Coração Eucarístico, Belo Horizonte – MG, é uma instituição de ensino privada, seu currículo aborda os seguintes eixos epistemológicos: Psicanálise, Existencial-Humanista e Social.
- **Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**, a atual Fafich - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas foi fundada em 1939 e atualmente está situada na Av. Antônio Carlos, nº 6627, Bairro Pampulha, Belo Horizonte – MG, é uma instituição de ensino pública e seu currículo aborda os seguintes eixos epistemológicos: Psicanálise, Comportamental, Existencial-Humanista e Social.

4.3 Análise dos Dados

Inicialmente foi realizada a análise relativa as questões fechadas constantes no questionário 1.

Na figura 3 e 4 são mostradas questões sobre a atuação desses alunos no mercado de trabalho. A investigação foi realizada em junho de 2001 e a colação de grau deu-se em Dezembro de 2000.

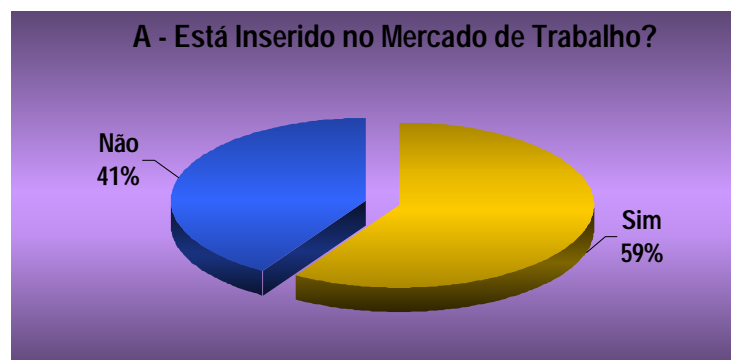


Figura3: Distribuição dos Alunos quanto à inserção no mercado de trabalho



Figura 4: Distribuição dos Alunos quanto à atuação como Psicólogo – Estagiário

Através das Figuras 3 e 4 percebe-se que 91% dos alunos que estão inseridos no mercado de trabalho estão atuando na área de psicologia.

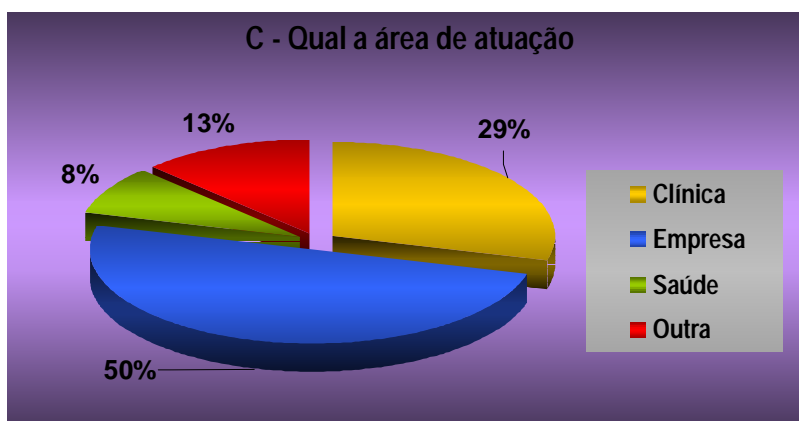


Figura 5: Distribuição dos Alunos quanto à área de atuação

Esses alunos estão atuando nas diversas áreas de formação, a saber: clínica, empresa, saúde e outras. Observa-se (Figura 5) a predominância de atuação nas áreas de empresa (50%) e clínica (29%).

Na figura 6 são apresentadas as percentagens quanto a incorporação como psicólogo no local que trabalha. O mercado de trabalho apresenta indícios de empregabilidade.



Figura 6: Distribuição dos Alunos quanto a Perspectivas de ser incorporado como Psicólogo no local onde trabalha

Quanto à formação acadêmica 95% dos alunos acham que essa foi adequada permitindo sua futura inserção no mercado de trabalho como psicólogo (Figura 7). Havendo uma predominância, quanto a formação, na área clínica (Figura 8).

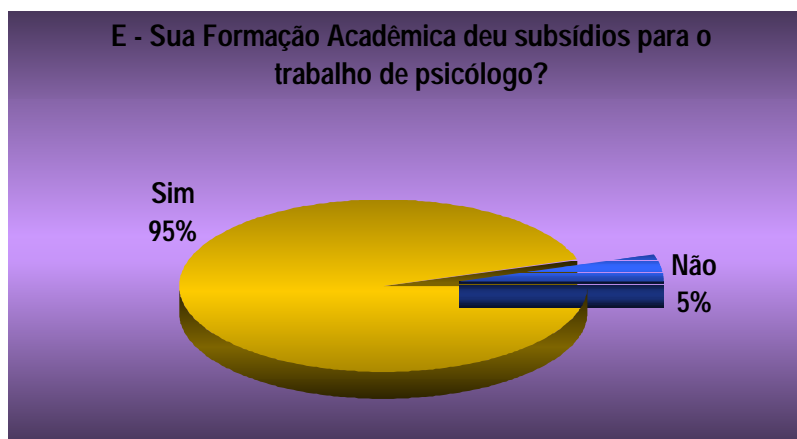


Figura 7: Distribuição dos alunos quanto a formação acadêmica e o trabalho de psicólogo

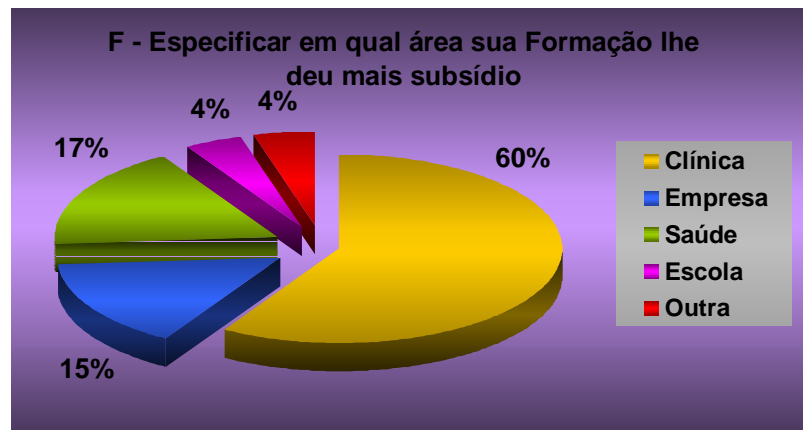


Figura 8: Gráfico F – Especificar em qual área sua formação lhe deu mais subsídios

As Figuras 7 e 8 evidenciam que o Currículo IV deu subsídios, na formação acadêmica, para inserção no mercado, com destaque para a área clínica. Entretanto, observando a Figura 4 (onde 50% dos alunos estão atuando na área empresarial) tem-se indicativos para ampliação desta formação.

Quanto às respostas abertas do questionário nº 1 (ANEXO 3) diversos agrupamento por significante foram realizados (tabelas 1 a 6).

Tabela 1: Agrupamento 1: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – A escola preparou-o para o mercado? (Educação continuada – Aprender a aprender).

Significantes	Frequência
O Unicentro preparou, mas é preciso continuar.	4
A escola abre possibilidades para o recém formado, mas é preciso continuar.	2
Estou sem saber entrar na minha área: hospitalar.	1
FALTOU ATUALIDADES SOBRE O MERCADO DE TRABALHO.	2
Esta escolaridade é apenas o início.	2

A Tabela 1 denuncia a necessidade da educação continuada.

Tabela 2: Agrupamento 2: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – O Currículo IV satisfaz?

Significantes	Frequência
Enfoque na área clínica. É preciso alargar o foco.	2
Defasagem na área empresarial.	2
Não foca a psicologia do trânsito.	1
Não foca a psicologia desportiva.	1

Neste grupo há uma solicitação para uma ampliação em outras áreas da psicologia, reconhecendo que receberam uma ênfase maior na área clínica.

Tabela 3: Agrupamento 3: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – Participação em estágios.

Significantes	Frequência
Sem estágio não se consegue emprego.	2
O estágio é oportunidade de emprego.	1

Este grupo valoriza como facilitador para a inserção no mercado de trabalho, a participação em estágios.

Tabela 4: Agrupamento 4: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – A academia não prepara para a realidade do mercado de trabalho.

Significantes	Frequência
A formação não deixa o sujeito preparado para o mercado de trabalho.	1
A formação teórica satisfaz. O excesso de estágios e aulas optativas, prejudicam a busca do mercado.	2
A base teórica foi boa. Faltou prática.	1

Neste grupo a formação acadêmica não prepara para a realidade do mercado de trabalho.

Tabela 5: Agrupamento 5: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem – Características do mercado: competitivo, seletivo, inacessível.

Significantes	Frequência
O mercado é difícil genericamente para todos.	2
O mercado é distante da faculdade.	1

Neste grupo há uma expressiva manifestação que o mercado é competitivo e seletivo. Reconhece que a formação qualificada pode tornar mais fácil o ingresso neste mercado, mas, ele está cada vez mais inacessível.

Tabela 6: Agrupamento 6: significantes dos sujeitos inquiridos por amostragem - Compromisso profissional.

Significantes	Frequência
É necessário envolvimento, participação durante todo o curso.	4
Correr atrás o curso todo.	4
Investimento durante o curso.	1

Este grupo, de forma mais expressiva, manifesta que a boa formação propicia os meios que os qualificam para a inserção no mercado de trabalho, mas é necessário que haja envolvimento, participação do aluno ao longo do curso.

Levando em consideração os significantes das respostas abertas do Questionário nº 1, pode-se inferir que os sujeitos inquiridos estão contextualizados quanto ao

mercado (Tabela 5). Evidenciam contrapontos de formação acadêmica e mercado (Tabela 4); demonstram a necessidade de estágio/facilitador da inserção no mercado (Tabela 3). O Currículo IV prepara para o mercado, evidência anterior, demonstrada nos gráficos e corroborada nas questões abertas, com solicitação de ampliar o foco, principalmente na área empresarial.

A seguir são apresentadas as figuras relativas as análises do questionário 2, egressos.

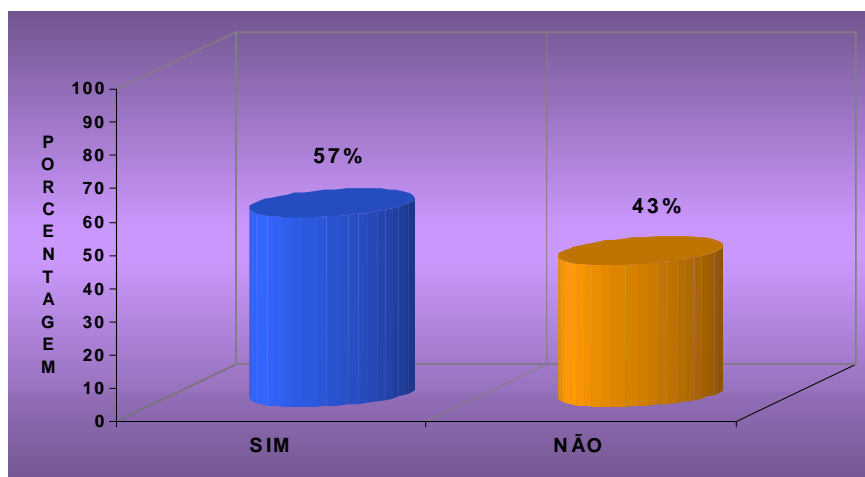


Figura 9: Distribuição dos ex-alunos quanto a inserção no mercado de trabalho

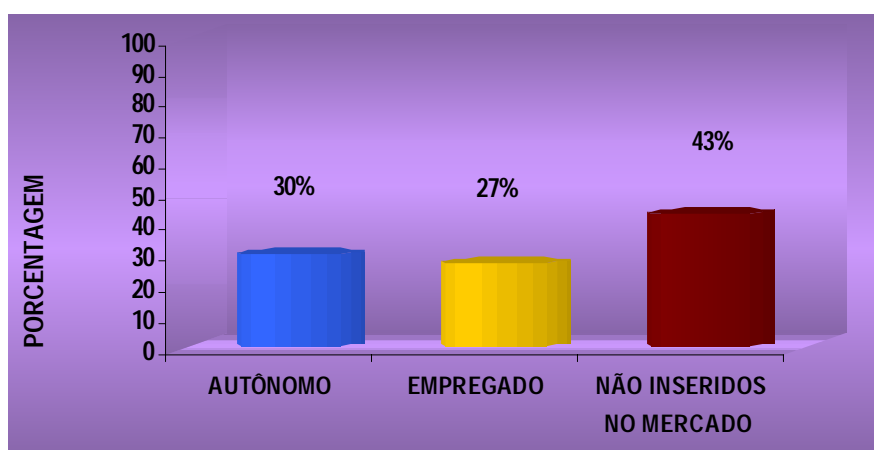


Figura 10: Distribuição dos ex-alunos relativa a forma de emprego Autônomo ou empregado

Quanto à forma de emprego, 57% estão trabalhando e o restante, 43% não estão inseridos no mercado de trabalho.

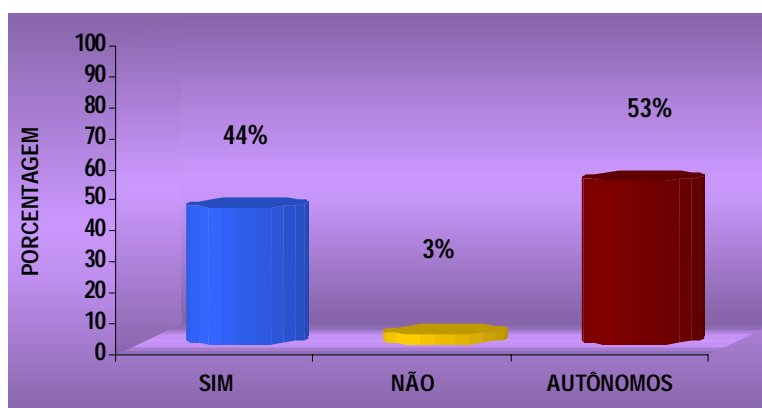


Figura 11: Distribuição dos ex-alunos relativa a incorporação como psicólogo

93% têm possibilidade de serem empregados e apenas 3%, não têm.

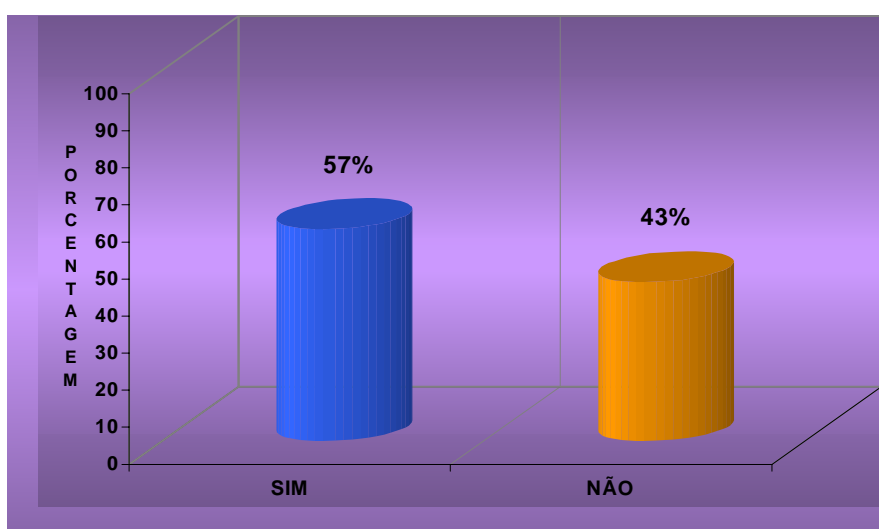


Figura 12: Distribuição dos ex-alunos quanto a atuação como Psicólogo

Observando a figura 12 percebe-se que 57% dos ex-alunos estão atuando como psicólogo. Cruzando essa informação com a mostrada na figura 9 conclui-se que 100% dos ex-alunos que estão trabalhando estão atuando como psicólogo.

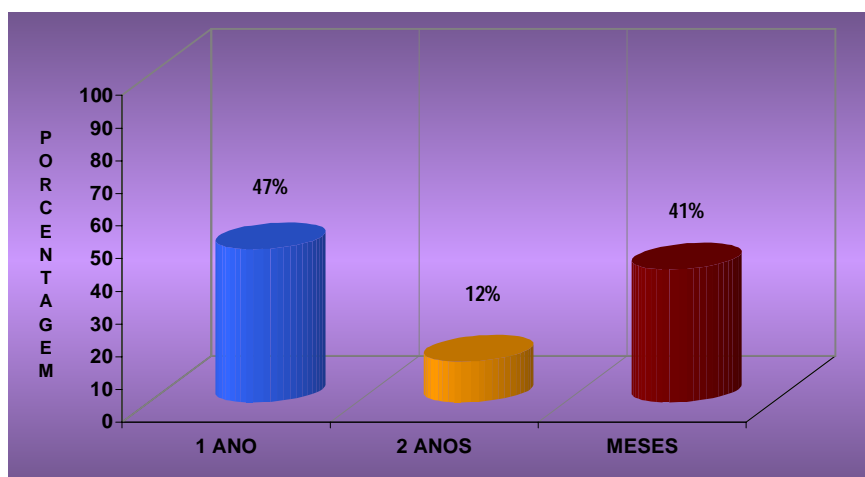


Figura 13: Distribuição relativa ao tempo de serviço

59% estão entre 2 e 1 ano no mercado, 41% apenas começando.

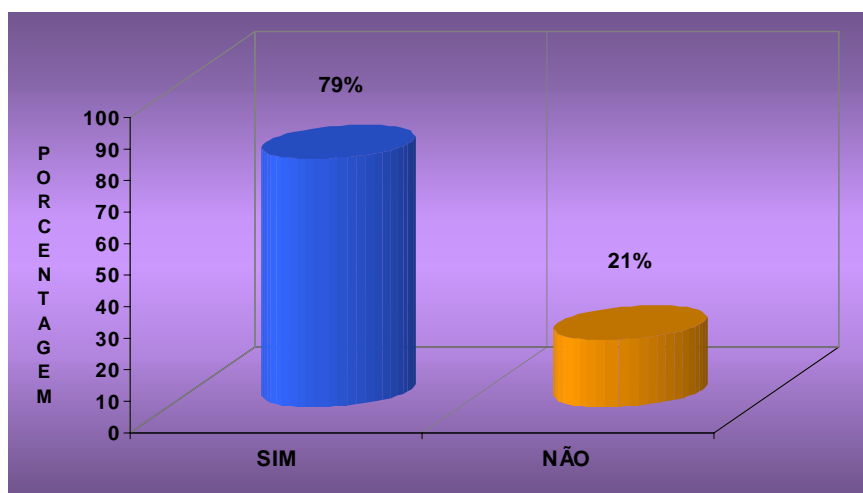


Figura 14: Distribuição quanto a opinião dos ex-alunos e a formação acadêmica como subsídios para atuação como psicólogo

A maioria (88%) dos ex-alunos estão trabalhando a no máximo 1 ano (Figura 13) e desses 93% ressaltam a formação acadêmica como dando subsídios à inserção no mercado de trabalho. Fato que pode ser evidenciado na Figura 9. A Figura 14 destaca, de maneira geral, a boa aceitação do curso quanto a formação por parte dos ex-alunos (79%).

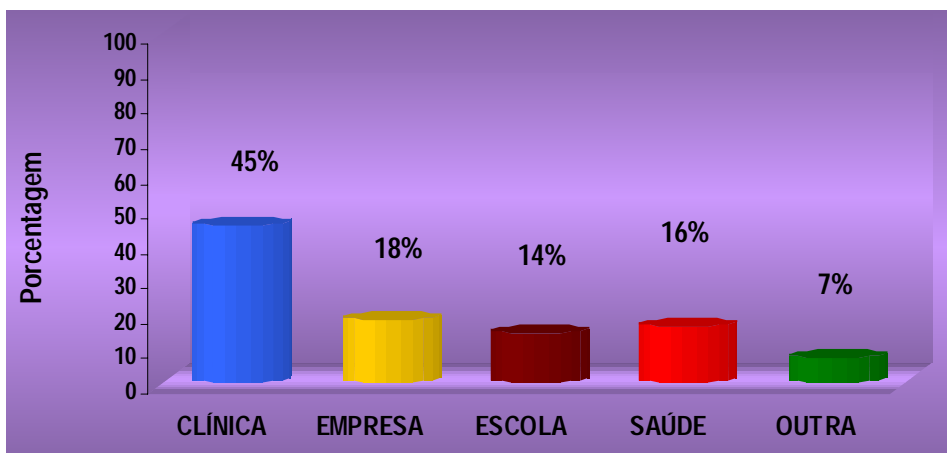


Figura 15: Distribuição quanto a área de formação que deu mais subsídios

Novamente aparece como relevância a formação clínica e o reconhecimento desse indicador na formação profissional, do Currículo IV.

4.4. Levantamento Documental

A análise dos currículos do Curso de Psicologia das quatro instituições de ensino de Minas Gerais pesquisadas encontram-se nos quadros 1,2,3,4 e 5. Nesses quadros são realizadas comparações entre os currículos a fim de auxiliar a comprovação dos fatos identificados nas pesquisas anteriores.

Quadro 1: Comparativo entre o Currículo IV do curso de psicologia do UNICENTRO e os currículos do curso de psicologia de outras três instituições (UFMG, PUC-MG, FUMEC).

DISCIPLINAS DO CURRÍCULO IV	NEWTON PAIVA			UFMG			PUC-MINAS			FUMEC		
	período	CR	CH	período	CR	CH	período	CR	CH	período	CR	CH
Sociologia Geral	1º	04	60	1º	04	60	4º	04	60	1º		48
Introdução à Filosofia	1º	04	60	1º	04	60	4º	04	60	1º		48
Filosofia II	2º	04	60				5º	04	60			
Estatística I	1º	04	60	1º	04	60	2º	03	60	1º		64
Estatística II	2º	04	60	2º	04	60				2º		48
Psicologia Geral	2º	04	60	1º	04	60	1º	04	60			
Psi Desenvolvimento I	2º	04	60	3º	04	60	2º	04	60	3º		64
Psi Desenvolvimento II	3º	04	60	4º	04	60	3º	04	60	4º		64
Psi Desenvolvimento III	4º	04	60	5º	04	60				5º		64
Psi. Da Personalidade I	2º	04	60	5º	04	60	2º	04	60	5º		80
Psi da Personalidade II	3º	04	60	6º	04	60				6º		96
Psicologia Social I	2º	04	60	3º	04	60	1º	04	60	3º		64
Psicologia Social II	3º	04	60	4º	04	60				4º		64
Psicologia Social III	4º	04	60	5º	04	60				5º		64
Antrop Cultural	3º	04	60	2º	04	60	3º	04	60	2º		64
Psi. Experimental I	3º	05	90	3º	06	90	1º	04	60			
Psi. Experimental II	4º	04	60	4º	06	90						
Fisiologia	3º	05	90	2º	04	60	4º	04	60	3º		96
Psicofisiologia	4º	04	60	3º	04	60						
Psi da Aprendizagem I	5º	04	60				2º	04	60			
Psicopatologia Geral I	5º	07		5º	06	90	5º	05	90	6º		96
Psicopatologia Geral II	6º	07		6º	06	90				7º		96
Ética Profissional	5º	02	30	6º	04	60	8º	04	60	5º		64
Tec. Ex. Acons. Psic. I	5º	04	60	4º	04	60	5º	05	90	5º		32
Téc. Ex. Acons. Psic. II	6º	05		5º	04	60				6º		64
Téc. Ex. Acons. Psic. III	7º	05	90							7º		64
Psi do Trabalho I	6º	04	60				10º	04	60			
Fundam. Psicoterapia	6º	04	60				4º	04	60			
Psi. Esc. Prob. Aprend. I	7º	04	60	7º	04	60				6º		48
Psi. Esc. Prob. Aprend. II	8º	04	60	8º	04	60				7º		32
Dinâmica Grupo e Rel. Hum. I	7º	04	60	1º	04	60	4º	04	60	1º		32
Dinâmica Grupo Rel. Hum. II	8º	04	60	OP	04	60				4º		32
Psicot Breves Emergenciais	7º	04	60				8º	04	60			
Orientação Profissional	8º	04	60							8º		64
Psi Comunitária	9º	02	30	OP	04	60				6º		32
Psi. Contemporânea	9º	02	30				6º	04	60			
Est. Supervisionado I	4º	01	30	7º	02	30	2º	01	45			
Est. Supervisionado II	5º	01	30	10º	04	60	3º	01	45			
Est. Supervisionado III	6º	01	30				4º	01	45			
Est. Supervisionado IV	7º	01	30				5º	01	45			
Est. Supervisionado V	8º	01	30				6º	01	45			
Est. Supervisionado VI	9º	01	30				7º	01	45			

• Fonte: Currículos vigentes em 2002, fornecidos pelas instituições.

Quadro 2: Disciplinas constantes somente do currículo do UNICENTRO, se comparado às outras instituições do Quadro 1.

DISCIPLINA INCOMUNS – UNICENTRO*	PERÍODO	CR	CH
História Da Psicologia	1º	04	60
Psicol Da Personalidade III	4º	04	60
Introdução à Pesquisa Científica	1º	04	60
Métodos Técnicas E Pesquisa	4º	05	90
Antropologia Filosófica	5º	04	60
Psicologia Da Aprendizagem II	6º	04	60
Análise Institucional	5º	04	60
Técnicas De Aconselhamento Psicológico III	7º	05	90
Psicologia Do Trabalho II	7º	04	60
Orientação Profissional	8º	04	60
Psicoterapia Da Criança	8º	04	60
Psicologia Clínica E Saúde Mental	8º	04	60
Psicoterapia Do Adolescente	9º	04	60
Psicologia Clínica A I	9º	04	60
Psicologia Clínica B I	9º	04	60
Met Proj I Psi Tr Es	9º	05	90

Fonte: currículos vigentes em 2002, fornecido pela instituição

Quadro 3: Disciplinas obrigatórias constantes do currículo da UFMG que não fazem parte do Currículo IV do UNICENTRO.

QUADRO 3 - DISCIPLINA INCOMUNS – UFMG*	PERÍODO	CR	CH
ANATOMIA APLICADA À PSICOLOGIA	1º	04	60
METODOLOGIA EM PSICOLOGIA I	1º	04	60
NEUROANATOMIA APLICADA À PSICOLOGIA	2º	04	60
PSICANÁLISE A	2º	04	60
PSICOLOGIA GERAL II	2º	04	60
METODOLOGIA EM PSICOLOGIA I	1º	04	60
METODOLOGIA EM PSICOLOGIA II	2º	04	60
TÉCNICAS DE EXAME ESPECÍFICAS A	3º	04	60
TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGICO I	4º	04	60
TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGICO II	5º	04	60
PSICOLOGIA EXPERIMENTAL III	5º	04	60
INTRODUÇÃO A EDUCAÇÃO	6º	03	45
PSICOLOGIA DA INDÚSTRIA	6º	04	60
ESTRUTURA E FUNC. DO ENSINO DE I E II GRAUS	7º	04	60
DIDÁTICA DA LICENCIATURA	7º	04	60
ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO	7º	04	60

Fonte: currículos vigentes em 2002, fornecidos pelas instituições

Quadro 4: Disciplinas obrigatórias constantes do currículo da PUC-MG que não fazem parte do Currículo IV do UNICENTRO.

DISCIPLINA INCOMUNS – PUC-MINAS*	PERÍODO	CR	CH
Ciência E Psicologia	1º	04	60
Cultura Religiosa I	1º	04	60
Seminários De Psicologia	1º	04	60
Metodologia Em Psicologia	2º	04	60
Análise Experimental Do Comportamento	3º	04	60
Cultura Religiosa II	3º	02	30
Psicologia Social Comunitária	3º	04	60
Psicologia E Educação	3º	04	60
Psicologia E Trabalho	4º	04	60
Psicologia E Políticas Sociais	4º	04	60
Psicologia E Relações Pedagógicas	4º	04	60
Teorias E Técnicas Psicoterápicas	4º	04	60
Análise Comportamental Aplicada	5º	04	60
Teoria Psicanalítica	5º	04	60
Psicologia Humanista Existencial	5º	04	60
Psicologia Da Cognição	6º	04	60
Psicodianoóstico (Teoria E Prática)	6º	05	90
Psicologia Institucional	6º	04	60
Téc. Exames Da Personalidade I (Teor/Prát.)	6º	05	90
Psicodinâmica E Saúde No Trabalho	6º	04	60
Intervenção Psicossociológica	6º	04	60
Psicomotricidade	6º	04	60
Temas Em Psicologia Contemporânea II	7º	04	60
Psicoadministração De Recursos Humanos	8º	04	60
Psicopedagogia	8º	04	60
Temas Em Psicologia Contemporânea III	8º	04	60
Psi No Trein., Desenv., e Acomp. De Pessoal	9º	04	60
Psicoterapia Sistêmica I	9º	04	60
Psicoterapia Existencial Humanista	9º	04	60
Psicoterapia Comportamental-Cognitiva	9º	04	60
Temas Em Psicologia Contemporânea IV	9º	04	60
Psicologia Do Excepcional	10º	04	60
Psicoterapia Sistêmica II	10º	04	60
Clínica Social	10º	04	60
Temas Em Psicologia Contemporânea V	10º	04	60

Fonte: currículos vigentes em 2002, fornecidos pelas instituições.

Quadro 5: Disciplinas obrigatórias constantes do currículo da FUMEC que não fazem parte do Currículo IV, do UNICENTRO.

DISCIPLINA INCOMUNS – FUMEC*	PERÍODO	CR	CH
Introdução À Biologia	1º		64
Introdução À Psicologia	1º		48
Metodologia I	1º		48
Realidade Brasileira	1º		32
Introdução À Bioquímica	2º		64
Metodologia II	2º		48
P.G.E. I (Aprendizagem)	2º		64
P.G.E. I (Laboratório)	2º		64
P.G.E. II (Motivação E Emoção)	3º		80
P.G.E. II (Percepção E Laboratório)	3º		80
P.G.E. III (Linguagem)	4º		80
Psicometria I	4º		64
Dinâmica De Grupo E Relações Humanas III	5º		48
Fisiologia III	5º		48
Psicometria II	5º		48
Psicologia Do Excepcional I	7º		64
Psicologia Da Indústria	7º		64
Metodologia II (Epistemologia)	7º		64
T.T.P. I (Psicomotricidade)	8º		32
T.T.P. I (Psicoterapia Centrada)	8º		32
T.T.P. I (Gestalt)	8º		64
Técnicas De Exame E Acons. Psicológico IV	8º		96
Psicologia Do Excepcional II	8º		64
Seleção E Orientação Profissional	8º		64
Psicopatologia Geral III (Prática)	8º		32
T.T.P. II (Psicanálise)	9º		64
T.T.P. II (Psicoterapia Centrada)	9º		32
T.T.P. II (Psicologia Infantil)	9º		32
T.T.P. II (Análise Existencial)	9º		32
T.T.P. II (Grupo Operativo)	9º		32
T.T.P. II (Intervenção Psicossociológica)	9º		32
Pedagogia Terapêutica	9º		32
Técnicas De Exame E Acons. Psicológico V	9º		96
T.T.P. III (Psicanálise)	10º		64
T.T.P. III (Epistemologia No Campo Clínico)	10º		64
T.T.P. III (Psicanálise E Linguagem)	10º		64
T.T.P. III (Análise Existencial)	10º		32
T.T.P. III (Grupo Operativo)	10º		32
T.T.P. III (Ideologia E Saúde Mental)	10º		32

Fonte: currículos vigentes em 2002, fornecidos pelas instituições

No quadro 1 – Comparativo dos Cursos de Psicologia da Universidade Federal, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da FUMEC, mostra-se a lógica da formação do psicólogo em Belo Horizonte, em contraponto com o currículo do Centro Universitário Newton Paiva. Neste quadro observa-se a fraca intersecção

(com relação as disciplinas) entre os currículos do UNICENTRO com a PUC-Minas e FUMEC, existindo uma maior proximidade com o currículo da UFMG

No quadro 2 observam-se as disciplinas que constam apenas do currículo do Centro Universitário Newton Paiva, evidenciando a predominância da área clínica, confirmando os indicadores apresentados anteriormente.

Através dos quadros 3, 4 e 5 pode-se identificar a área de formação predominante na UFMG, PUC-Minas e FUMEC, respectivamente . Percebe-se indícios de que nos outros currículos, pela análise, também há predominância da área clínica.

4.5.Proposta para um novo currículo

A pesquisa aponta a necessidade de rever o “Currículo IV”. Evidencia-se, neste estudo, a necessidade de reformulações a saber:

- **Articulação dos diferentes âmbitos de conhecimento profissional**

Interdisciplinaridade, multirreferencialidade – as transversalidades. É preciso tempos e espaços curriculares diversificados embora continue a reconhecer tempos e programas definidos para a apropriação e organização dos conhecimentos. Oficinas, seminários, grupos de trabalho supervisionados, grupos de estudos, tutorias e eventos, atividades de extensão, entre outras, capazes de promover e ao mesmo tempo exigir dos novos psicólogos atuações diferenciadas, percursos de aprendizagens variados, diferentes formas de organização de trabalho, possibilitando o exercício das diferentes competências a serem desenvolvidas.

- **Articulação da autonomia intelectual e profissional**

Ao (re) elaborar o “Currículo IV”, sugere-se que a equipe deva buscar formas de organização em contraposição ao isolamento do modo individualizado. A (re) elaboração exige ações compartilhadas de produção coletiva, porquanto isso amplia a possibilidade de criação de diferentes respostas às situações reais. A construção do Projeto Político e Pedagógico da Graduação de Psicólogos é necessariamente um trabalho coletivo do qual o psicólogo em formação (o aluno, o aprendiz) terá que participar, porquanto seja necessário que ao longo de sua formação, o futuro psicólogo possa exercer e desenvolver sua autonomia profissional e intelectual e o

senso de responsabilidade, tanto pessoal, quanto coletivo, base da ética profissional. São fundamentais aprendizagens colaborativas e de interação, de comunicação entre os psicólogos em formação e deles com os formadores, uma vez que tais aprendizagens necessitam de práticas sistemáticas para se efetivarem. O currículo deverá criar dispositivos, inclusive de tecnologia da informação, que possibilitem a convivência interativa dentro da Instituição e entre esta e o ambiente. Os tempos e espaços devem favorecer iniciativas próprias dos alunos, ou a sua participação na organização delas – grupos de estudos, seminários longitudinais e interdisciplinares sobre temas profissionais, programação de exposições e debates de trabalhos realizados, atividades culturais. Daí a importância do memorial do psicólogo em formação, a sua história de vida, enquanto ser aprendiz, suas reflexões sobre atuação profissional e a monografia de conclusão do curso (Questionários 1 e 2 resposta agrupamento por significantes).

- **Articulação da disciplinaridade e interdisciplinaridade**

A formação do psicólogo demanda estudos disciplinares que possibilitem a sistematização e o aprofundamento de conceitos e relações sem cujo domínio não se constituem as competências profissionais. Esse domínio refere-se tanto aos fundamentos psicológicos, sociais e culturais, quanto aos objetos de conhecimentos a serem transformados em objetos da prática profissional. A intervenção é específica e própria da profissão – aliviar o sofrimento alheio, melhorar o mundo.

A matriz curricular não pode ser a justaposição ou convivência de estudos disciplinares e interdisciplinares, mas permitir o exercício permanente de aprofundar conhecimentos disciplinares e ao mesmo tempo executar, avaliar situações, que só podem ser clareadas numa perspectiva interdisciplinar. Atravessando as fronteiras disciplinares existirá um trabalho integrado de diferentes visões, uma simetria invertida da disciplinaridade. Este paradigma curricular exige estratégias didáticas que privilegiem a resolução de problemas contextualizados, para o que são necessárias abordagens interdisciplinares.

- **Articulador entre as discussões da teoria e da prática – a hermenêutica**

Todo fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer. Não se trata de dar prioridade à teoria ou à prática. No processo de construção da autonomia intelectual, o psicólogo, além de saber e de saber fazer, deve compreender, interpretar o que faz: hermenêutica.

A prática na matriz curricular dos cursos de formação não pode ficar reduzida a um espaço isolado de estágios como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso. Não é possível deixar ao futuro profissional, em formação, a tarefa de integrar e transpor o conhecimento sobre ensino e aprendizagem, sem ter oportunidade de participar de uma reflexão coletiva e sistemática sobre o processo.

O planejamento dos cursos deve prever situações didáticas em que os futuros psicólogos coloquem em uso os conhecimentos que aprenderam e ao mesmo tempo possam mobilizar outros de diferentes campos, em diferentes tempos e espaços curriculares, a saber:

- no interior das áreas ou disciplinas. Todas as disciplinas que constituem o currículo de formação do psicólogo têm sua dimensão prática. E esta dimensão prática deve estar permanentemente trabalhada, tanto na perspectiva de sua aplicação no mundo social, quanto na perspectiva da didática, aqui considerada a relação professor e aluno – a aprendizagem significativa.

Os estágios devem ser vivenciados, obrigatoriamente, ao longo de todo o curso de formação e com tempo suficiente para abordar às diferentes concepções e dimensões da atuação profissional (Respostas por Significantes). Deve acontecer desde o primeiro ano, reservando um período final para atendimento, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistentes de professores experientes. Para tanto, é preciso um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação inicial e os campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituição de ensino e instituições de saúde mental – indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Esses tempos devem ser diferentes, segundo os objetivos de cada momento da formação. Sendo assim, o estágio não pode ficar sob a responsabilidade de um único professor da academia de formação, mas envolver uma atuação coletiva de formadores.

Caberá ainda, no Projeto Pedagógico do Curso, a oferta de formação continuada que propicie o retorno, planejado e sistemático, às agências formadoras atualização constante.

1. Pode-se pensar o psicólogo com as características de seu perfil:

- a) domínio de conceitos científicos básicos para atuar em diferentes áreas de exercício profissional;

- b) competência para interpretar demandas a partir de um referencial teórico consistente;
- c) competência para realizar investigação científica em Psicologia (planejar, desenvolver, avaliar e relatar);
- d) competência para diagnosticar, planejar e desenvolver ações preventivas e interventivas, em diferentes contextos;
- e) competência para propor ações de promoção da qualidade de vida em diferentes contextos;
- f) capacidade para nortear suas ações por princípios éticos.

2. Conteúdos a serem abordados:

- a) processos psicológicos básicos e seus fundamentos;
- b) processos básicos de interação social e seus fundamentos;
- c) desenvolvimento psicológico;
- d) alterações das funções e estruturas psicológicas
- e) interações entre comportamento e contexto biológico;
- f) interações entre comportamento e contexto sociocultural;
- g) relações grupais, institucionais e comunitárias;
- h) teorias e sistemas em psicologia;
- i) métodos e técnicas de avaliação psicológica;
- j) métodos de investigação científica em Psicologia;
- k) procedimentos aplicados a situações específicas de atuação profissional;
- l) procedimentos de diagnóstico e intervenção psicológicos.

3. Habilidades a serem praticadas:

- a) empregar conceitos teóricos da Psicologia para analisar uma situação;
- b) identificar conceitos teóricos da Psicologia subjacentes à análise de processos psicológicos e comportamentais;
- c) formular questões pertinentes ao âmbito da Psicologia;
- d) buscar informações especializadas, analisá-las criticamente, tomar e justificar decisões metodológicas;
- e) ler e interpretar dados (tabelas, gráficos, narrativas);
- f) estabelecer relações entre variáveis e processos psicológicos e comportamentais;

- g) perceber, em determinadas situações, quais as questões psicológicas que se apresentam e de que forma a prática profissional lida com essas situações;
- h) planejar uma ação profissional, explicitando o referencial teórico utilizado;
- i) planejar ações relativas à melhoria da qualidade de vida de indivíduos, grupos e instituições;
- j) realizar atendimento psicológico individual e grupal;
- k) avaliar a efetividade de ações profissionais, em consonância com os objetivos propostos.

Este estudo sobre o “Currículo IV” e o mercado de trabalho do psicólogo não deve ser entendido como uma produção acabada na medida em que seu caráter de pesquisa exploratória lhe confere uma necessidade de continuidade e aprofundamento, conforme o já exposto anteriormente.

Pelo escrito na discussão, surgem as contribuições para reorganização da matriz curricular, fundamental para a facilitação de entrada no mercado, competitivo e em perene mudança, hoje, ano 2002.

O (re) planejamento da matriz curricular de formação do psicólogo identificará competências, critérios de organização que completem as orientações para (re) desenhar uma matriz curricular coerente com os objetivos propostos. Tais critérios se expressam em eixos em torno dos quais se articulam dimensões que precisam ser contempladas na formação e sinalizam o tipo de atividade profissional demandada no ensino e aprendizagem que materializam o planejamento e ação dos formadores de psicólogo.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 Conclusões

Este estudo constitui um percurso de reflexão pessoal e profissional. Revestiu-se de uma atitude de permanente ponderação na decodificação dos dados e de questionamento do real observado e vivido. Assegurou o rigor nas análises e por outro lado, construiu um sentido a partir dos resultados obtidos sem os reportar à experiência concreta.

A partir do estudo realizado pôde-se verificar a necessidade do mercado de trabalho que demanda profissionais com vivência prática, preocupados com o desenvolvimento epistemológico contemporâneo, com espírito de equipe, afeito às novas tecnologias da comunicação e do conhecimento. O currículo IV flexibiliza-se para atingir essas certificações.

A necessidade de proposta de mudança da estrutura curricular foi percebida, na interpretação dos dados, para aprimorar os conceitos de curso e perfil, numa tentativa de fazer adequações que possibilitem responder às novas demandas da sociedade. A contribuição do graduando entrevistado serviu para ampliar a base de informações sobre as quais se pode trabalhar a proposição de novo modelo de currículo.

O grande desafio agora é estender a discussão deste estudo de caso à comunidade acadêmica, em sua totalidade de curso de Psicologia, para a estrutura social futura do currículo e revisão de proposta curricular.

A crença na necessidade de mudanças na estrutura curricular leva à formulação de uma proposta, que contempla as vertentes conceituais, operacionais passíveis de serem equacionados para a definição da nova oferta. As sugestões recebidas dos sujeitos envolvidos criaram a possibilidade de estabelecer uma proposta de flexibilização da estrutura curricular, promotora da dinamização do ensino da graduação do Centro Universitário Newton Paiva, com perspectivas de poder promover as mudanças sociais que se espera, hoje, Terceiro Milênio.

O exame, a avaliação dos currículos estudados revelam que há ainda rigidez remanescentes da expressão técnica, que esteve em vigência no país por cerca de três décadas (1960, 1970 e 1980). Houve enquadramento do aluno num padrão predeterminado que, teoricamente, deveria capacitá-lo para adquirir a melhor

formação dentro do campo profissional. Por vezes, os currículos avaliados resultam em visões restritivas do conhecimento, especificando o que o aluno deve aprender durante a sua formação. Perde-se, nesta concepção, a alternativa de oferecer ao aluno a possibilidade de ampliar os horizontes do conhecimento e da aquisição de uma visão crítica que lhe permita extrapolar a aptidão específica de seu campo de atuação profissional, pelo viés do princípio da autonomia, descentralização e democracia. O fenômeno foi observado tanto no currículo da UFMG, quanto no da PUC-MG, no da FUMEC, e do Unicentro Newton Paiva, (Currículo IV).

A pesquisa revelou que a rigidez do currículo traz problemas de adequabilidade de conteúdos e de habilidades às demandas impostas pelo ambiente acelerado de mudança do conhecimento e pelo dinamismo do mercado de trabalho, da era globalizada e da transparência na comunicação.

Os currículos examinados (PUC, UFMG, FUMEC e Currículo IV), concebidos a partir de eixos epistemológicos, seguem a lógica institucional e a lógica individual: informação e importância da disciplina. Em consequência, exibem quase sempre, carga horária excessiva e, não raro, fragmentação de conteúdos, cujo nexo é buscado através de uma “cadeia” rígida de pré-requisitos. Contudo, a articulação entre os diversos programas é frágil.

Os programas, modificados pelo professor para adequá-los aos seus conhecimentos específicos, sem a devida comunicação ao Colegiado do Curso, rancos do autoritarismo dos anos 60 e 70, dificultam a avaliação do que vem a ser o núcleo específico. Percebe-se, ainda, uma associação entre a rigidez estrutural e individualismo da visão fragmentada do professor com “sua” disciplina.

Aspecto crítico do currículo é a centralização do processo de ensino e aprendizagem no professor, tão somente, formados em sua maioria, nos anos sessenta e setenta. Aulas expositivas, que restringem a participação do aluno, restringem a democratização das oportunidades. As atividades didáticas, centradas em disciplinas, procuram responder às questões formuladas nos objetivos deste trabalho, na esfera dos processos, que são: analisar as expectativas dos alunos face às possibilidades de inserção no mercado de trabalho, em função do Currículo IV do Centro Universitário Newton Paiva e, levantar, com base nas respostas dos alunos, bem como nas análises dos currículos, propostas político pedagógicas capazes de motivar a formação e inserção no mercado de trabalho.

A flexibilização, necessária, fundamenta-se nas premissas do entendimento de que o curso é um (per) curso; que pode haver alternativas de trajetórias. Cada aluno terá um grau de liberdade e autonomia para transitar pelo caminho da formação complementar em outra área, ou áreas plurais.

Existem conhecimentos que vão além das áreas específicas da formação profissional. Os campos específicos preservam características próprias, o que possibilita o delineamento em habilitações em propostas pedagógicas capazes de motivar a inserção no mercado de trabalho, pela forma articulada de conhecimentos, habilidades e atitudes, adequação da teoria, práticas e estágios, elementos facilitadores dessa inserção.

Percebe-se, nos dados levantados e analisados a necessidade de propor a alternativa da flexibilização, entendida como flexibilização vertical e flexibilização horizontal, ausentes, no Currículo IV, vigente.

A flexibilização curricular é a tendência da gestão contemporânea.

Acredita-se existir ambiente propício para que mudanças culturais tenham chance de serem implementadas, com sucesso, portanto, ao ouvir a comunidade escolar, não se incorre no risco de optar por uma trajetória que exclua a diversidade e o princípio participativo de gestão. Propõe-se a fazer uma análise crítica do modelo, a implementar, acrescentando aspectos que, embora relevantes, não foram contemplados no “Currículo IV”, ora avaliado. São características transparentes, que possibilitam contribuições à formação final, para atender ao objetivo de inserção no mercado global, pluralista; ao resultado expresso no produto, o objetivo geral que é investigar a correlação entre o currículo do Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, denominado Currículo IV e a inserção no mercado dos alunos dele egressos; bem como refletir sobre a adequação das disciplinas teóricas, práticas e os estágios, como facilitadores dessa inserção.

E por fim, propor o perfil de psicólogo, com foco nos anseios do corpo discente pela inserção no mercado de trabalho, em conformidade com o contexto, com as orientações sobre os principais fundamentos, condições de oferta e procedimentos para o planejamento, a implementação de nova proposta.

A formação em psicologia deverá estruturar-se em “Curso de Psicologia”, tendo como meta central a pesquisa, o ensino e a atuação do psicólogo no mercado globalizado.

Os princípios de construção e desenvolvimento do conhecimento científico; abrangem compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a

amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais; compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do país, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão; atuação em diferentes contextos, considerando as necessidades sociais, os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades; respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público; aprimoramento e capacitação contínuas – “educação continuada”.

A identidade do curso é conferida pelo perfil de formação: um conjunto amplo e articulado de competências, saberes, habilidades e atitudes, que configuram possibilidades diferenciadas de inserção profissional do egresso bacharel em Psicologia, Professor de Psicologia e Psicólogo, no mercado atual.

As competências e habilidades na formação devem ser gerais e específicas. As gerais atendem à saúde, à tomada de decisões, à liderança e comunicação, administração, gerenciamento e educação permanente, continuada, por meio do “aprender a aprender”, da autonomia.

As competências específicas estão estruturadas numa base homogênea para a formação no país previstas em Diretrizes Curriculares Nacionais, e uma capacitação básica para lidar com os conteúdos da Psicologia enquanto campo de conhecimento e atuação. Os conteúdos curriculares articulam os eixos epistemológicos e históricos; os fenômenos e processos psicológicos; os fundamentos metodológicos, os procedimentos para a investigação científica e a prática profissional e as interfaces com os campos afins do conhecimento para demarcar a especificidade do fenômeno psicológico; práticas profissionais voltadas para a inserção do graduado em diferentes contextos institucionais e sociais, de forma articulada com profissionais de áreas afins, numa multi e interdisciplinaridade.

O presente trabalho não exaure a temática. É tão somente uma contribuição, ainda que modesta, à revisão curricular. Outras investigações, em continuidade de tempo, espaço e sujeitos demandam reformulações contínuas do objeto de estudo, sobretudo o currículo de formação de psicólogo, na sociedade mutante e globalizada.

Porquanto este estudo constitui um percurso de reflexão profissional, uma atitude de investigação para correlacionar dados e questionamentos observados na prática do Currículo IV, do Centro Universitário Newton Paiva. Exigiu ir além de olhar o fenômeno – inserção no mercado, da profissão de psicólogo – para assegurar o rigor

nas análises, construir um saber modesto, a partir de resultados obtidos, classificados e analisados.

O problema do currículo, como facilitador da inserção no mercado de trabalho, é de suma importância. Atinge a vida acadêmica do Centro Universitário Newton Paiva, os pais, os alunos, a sociedade, em escala mais ampla. Se o aluno não se insere no mercado de trabalho, os pais ficam ansiosos, eles mesmos, também, por tender a achar que os filhos não se beneficiaram da vida acadêmica e também supondo que houve o insucesso escolar e familiar. Pode ainda haver o pensamento de que os alunos não foram preparados adequadamente para o futuro e para o mercado de trabalho. A UNESCO (1996) e o “Relatório Delors” (1996) recomendaram para a educação do Terceiro Milênio como forma de inserção na empregabilidade, o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver juntos, a conviver; metas dos currículos escolares, hoje.

Como os psicólogos são profissionais da convivência humana, pode-se inferir pelos depoimentos coletados que o “Currículo IV” propicia ao aluno dele egresso, a inserção no mercado de trabalho em parte, tão somente nos aspectos já discutidos.

Nos Capítulos III e IV, ficam evidências, neste estudo, de que há necessidade de reformulações do Currículo IV, porquanto os resultados aí estão na primeira turma de formandos 2000/2. Seguir o egresso, a partir deste trabalho, parece ser o ensejo para novas investigações e aprofundamento do assunto. Sugere-se que a amostra seja ampliada em função do nível sócio-econômico, do gênero, variações ambientais e de educação continuada. É importante, também, inquirir outros sujeitos envolvidos: professores, coordenadores, diretores, é o que se sugere, com modéstia e sensatez.

Este estudo sobre o “Currículo IV” e o mercado de trabalho, a adequação das disciplinas no currículo de formação do psicólogo não deve ser entendido como uma produção acabada na medida em que seu caráter de pesquisa exploratória lhe confere uma necessidade de continuidade e aprofundamento, conforme o já exposto anteriormente.

5.2 Recomendações

Recomenda-se prosseguir o acompanhamento de egressos, pela instituição, é a rota, para atualizar diuturnamente a correlação do Curso de Psicologia do Centro

Universitário Newton Paiva com o perfil exigido pela demanda do mercado de trabalho; Projeto específico será legado à ASSEANP – Associação de Ex-alunos, órgão institucional a que se destina a missão. Ampliando o número de pessoas entrevistadas e as categorias: gênero, classe social, nível, rendimento escolar e residência geográfica (local onde mora).

Retorno à instituição para atualização curricular e educação continuada.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1º ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE PSICOLOGIA, Anais, 2.000. Diretrizes Curriculares. **A formação em Psicologia e as Diretrizes Curriculares: Perspectivas e Desafios.** Alysson Massote Carvalho.

BASTOS, Antônio Virgílio. Mercado de Trabalho: uma velha questão e novos dados. In, Conselho Federal de Psicologia-BR, **Psicologia Ciência e Profissão**, nº 2, 3 e 4, 1990. pp.28-39.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 178p.

BENAVENTE, Ana. **Mudar a escola.** Mudar as práticas. Lisboa: Escolar, 1993.

BICALHO, M.L. **O Papel dos Conselhos Profissionais,** Jornal do CRP-01, Brasília, jun, 1996.

BOCK, Ana Mercês. **Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia.** São Paulo: Educ: Cortez Editora, 1999. Cap. 3, p.63-76; Capítulo 4, 77-167.

BOCK, Ana Mercês. **Formação do Psicólogo:** Um Debate a Partir do Significado do Fenômeno Psicológico. In, Conselho Federal de Psicologia-BR, *Psicologia Ciência e Profissão*, 1997, 17, (2), p.37-42.

BOCK, Ana Mercês; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias,** uma introdução do estudo da psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999. 368p.

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias.** Uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993. 319p.

BUECKEN, Francisco J. **Dicionário Técnico.** 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

CAMPOS, Alfeu Trancoso de. **A Filosofia no curso de Psicologia - PUC-MG.** In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, ano 1, nº 2, dez., 1992.

CANÇADO, Heloísa Reis. **Clínica na Universidade**. In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, ano 1, nº 1, jun.,1993.

CARNEIRO, T. F. (1993). **Academia e Profissão em Psicologia**: da relação possível à relação desejável. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, V.6, n1-2, p.103-105.

CARVALHO, Gislaine Maria de. **Do Bacharelado à Licenciatura**: Dimensões da Formação do Psicólogo/Professor. In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, ano 2, nº 3, dez., 1994.

CARVALHO, Maria Teresa M.; SAMPAIO, Jader dos Reis. **A formação do psicólogo e as áreas emergentes**. in: Conselho Federal de Psicologia-BR, *Psicologia ciência e profissão*, 1997, 17 (1), 14-10.

CASTELO BRANCO, Maria Tereza. **Que Profissional Queremos Formar?** In: Conselho Federal de Psicologia-BR, *Psicologia, Ciência e Profissão*, 1998, 18 (3), 28-35.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – Câmara de Educação e Formação Profissional. **Psicólogo Brasileiro**. Construção de Novos Espaços. Campinas: Editora Átomo, 1992. 227p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia no Brasil**: Direções Epistemológicas. Org. Pedro Bertolino, et. Al. Brasília: O conselho, 1995. 180p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro**. Práticas emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. 310p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o Psicólogo Brasileiro?** São Paulo: Educ, 1988. Cap. 1, p.17-31.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – 6ª Região (1995). **Psicologia: Formação, Atuação Profissional e Mercado de Trabalho**. SP: CRP-06.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Conceito de Currículo**. Cadernos RENOP. Londrina, Vol. 4. P.29-60. Jan-Dez. 1997.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

DELORS, Jaques. Relatório da Unesco. Publicações do CRP 2000.

DRAWIN, Carlos Roberto et al. **Psicologia**. Possíveis Olhares. Outros fazeres. Belo Horizonte: CRP-06, 1992. 339p.

DURAN, A. P. (1994). **Alguns Dilemas na Formação do Psicólogo**: Buscando sugestões para superá-los, In, *Conselho Federal de Psicólogo, Psicólogo Brasileiro. Práticas emergentes e desafios para a formação*, São Paulo: Casa do Psicólogo.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Latino Português**. Ministério da Educação e Cultura. 3 ed. 1962, p.605.

FEITOSA, Maria Ângela G. et al. **Diretrizes Curriculares de Psicologia**. Brasília: Comissão de Especialistas em Ensino de Psicologia. 1999.

FELIPPE, Wanderley Chieppe. **O psicólogo e sua formação profissional**. In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, Ano 1, nº 2, dez., 1993.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A invenção do Psicólogo**. Quatro séculos de subjetivação 1500-1900. 2ª ed. São Paulo: Educ/ Escuta, 1994, 184p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Matrizes do Pensamento Psicológico**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 208p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Modos de Subjetivação no Brasil** e outros escritos. São Paulo: Educ/ Escuta, 1995, 151p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Revisitando as Psicologias**. Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos. São Paulo: Educ/ Petrópolis: Vozes, 1995. 97p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; DE SANTI, Pedro Luiz R. **Psicologia** uma nova introdução. São Paulo: Editora da Puc-SP, 1997. 98p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Cortes, 1996.

GALBRAITH, J. K. **O pensamento econômico em perspectiva**. São Paulo: Pioneira, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **O psicólogo e sua ideologia**. Conselho Federal de Psicologia-BR, *Psicologia, Ciência e Profissão*, ano 5, nº 1, 1985. p.13-17.

GLEICK, James. **Caos – A Nova Teoria do Universo** – Rio de Janeiro: Campus, 1991.

GOULART, iris Barbosa. **Diretrizes para a Formação de Professores**. Belo horizonte: Centro de Formação de Professores. Secretaria da Educação de Minas Gerais. 1998.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1990.

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA Pesquisa, Formação, Ensino. Org. Regina Helena de Freitas Campos. São Paulo: Educ,V. 1, nº 15, set. 1996.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HOFF, Mirian Schifferli. **A Proposta de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia: uma Perspectiva de Avanços?** In, Conselho Federal de Psicologia-BR, *Psicologia Ciência e Profissão*, 1999, 19 (3), p.12-31.

JAPIASSU, Hilton. **As paixões da ciência**. 2ª ed. São Paulo: Letras & Letras, 1999. 336p.

KASH, Rick. **A nova ordem do mercado: procura e oferta**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Teoria da ciência e prática da pesquisa. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 180p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 270p.

LEHMAN, Bruno. **O planejamento da carreira**. <http://www.centroaltl.pt/edicoes99/edout/ed60cap2.html>:02

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos**. Para quê? São Paulo: Cortez, 2000.

LIMA, Maria Alice M. **A prática da Avaliação na Universidade**. Algumas Considerações Sobre Avaliação de Aprendizagem. In, *Cadernos de Psicologia*. Belo Horizonte, v. 4, nº 5, dez., 1996.

LIMA, Maria Alice M. **O Ensino de Psicologia em Alguns Cursos Universitários.** In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, ano 2, nº 3, dez., 1994.

LOBO, Escípio da Cunha. **A formação do Psicólogo.** In: *Cadernos de Psicologia*. Belo Horizonte, Ano I, nº 1, junho, 1993. p. 19-22.

LOPEZ, Marília A.; FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Quando e Quem procurar se você ou alguém de sua família necessita de atendimento psicológico.** São Paulo: Marco Zero, 1990.164p.

MASSIMI, Marina. **História da Psicologia Brasileira.** Da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990. 82p.

MELO, Sílvia Leser de. **A formação do Psicólogo.** in, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 4, nº 5, dez., 1996.

MINARELLI, José Augusto. **Empregabilidade: o caminho das pedras.** São Paulo: Gente, 1995.

MOREIRA, Maria Helena C. **Psicologia e Educação: uma história de parceria e indagações.** In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, ano 2, nº 3, dez., 1994.

MOURA, Eliana Perez G. **A Psicologia (e os Psicólogos) Que Temos e a Psicologia Que Queremos:** reflexões a Partir das Propostas de Diretrizes Curriculares (MEC/SESU) para os Cursos de Graduação em Psicologia, in: Conselho Federal de Psicologia-BR, *Psicologia Ciência e Profissão*, 1999,19 (2), 10-19.

NOLASCO, Nelson de C.; FRANCO, Vânia C. **Notas Sobre a Psicologia Social na PUC-MG.** In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, ano 2, nº 3, dez., 1994.

OLIVEIRA, Milton. **Energia emocional e mercado.** Belo Horizonte: UNA, 2002.

PARDO, Maria Benedita; MANGIERI, Regina Helena C. e NUCCI, Mara Silvia A. **Construção de um Modelo para Análise da Formação Profissional do Psicólogo,** in: Conselho Federal de Psicologia-BR. *Psicologia Ciência e Profissão*, 1998, 18 (3), 14-21.

PASQUALI, I. (1988). **Condições de trabalho do psicólogo**. Em: Conselho Federal de Psicologia, *Quem é o psicólogo brasileiro?* SP: Edicon/Educ.

PATTO, Maria Helena S. **Psicologia e Ideologia**. Uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987. 229p.

PENNA, Antonio Gomes. **História das idéias psicológicas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 151p.

POLÍTICA EDUCACIONAL e formação profissional do psicólogo. Brasília, Conselho Federal de Psicologia. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, ano 4, n° 2, 1984.

REDISCUTINDO a formação do psicólogo. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, ano 9, n° 1, 1989, p.5-35.

REICH, Roberto. **O Trabalho das Nações**. São Paulo: Educator. 1996. 173p.

ROQUETE MACEDO – **Projeto de Resolução MEC** mai, p.74.

SANTOS, Maria de Fátima S. **Formar Psicólogos para quê?** In, Conselho Federal de Psicologia, *Psicologia, Ciência e Profissão*, ano 14, n° 1, 2 e 3, 1994. p.40-41.

SAVIANI, Dermalval. **Política Educacional e Formação Profissional do Psicólogo**. *Psicologia Ciência e Profissão*. Ano 4. Nº 2, 1994.

SCHMITZ, Egídio F. **Adequação do Currículo na Formação do Educador**. São Leopoldo: RS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Centro de Ciências Humanas. Nº 8, vol. 5, Jan-Jun. 20001.

SENGE, Peter. **A Quinta disciplina**. Rio de Janeiro: Capus, 1999.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3ª ed. ver.atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SILVA, Mário Lúcio V. **O estágio no Departamento de Psicologia da PUC-MG**. In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, Ano 1, n° 1, jun, 1993.

SOUZA, Maria Izabel Sá. **A Formação do Psicólogo: Teoria, Epistemologia e Ética**, 1998. Revista Psique, 1998, nº 12, p.8-15.

TRACTENBERG, Leonel. **Futuros desafios para o psicólogo**. São Paulo, 2000. <http://www.pol.org.br>. jun, 2000.

TEIXEIRA, Geraldo Magela. **O Curso de Psicologia na PUC-MG**. In, *Cadernos de Psicologia*, Belo Horizonte, Ano 2, nº 3, dez., 1994.

VALIER, Jacques. **Uma introdução à economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

WEBER, Silke. **Currículo mínimo e o espaço da pesquisa na formação do psicólogo**. In, Conselho Federal de Psicologia, *Psicologia, Ciência e Profissão*, ano 5, nº 2, 1985. p.11-33.

WEBER, Silke. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Psicologia**. In: MPI Informativo, nº 317, Belo Horizonte, ano 2002, p.66-79.

WERLANG, Sérgio. **Empregabilidade e mercado**. Fundação Getúlio Vargas, ano 3, n 2, 2001, p.11-12.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA Nº 1

Idade:_____

Duração do curso_____

Início_____ Término_____

1- Está inserido no mercado de trabalho

Sim Não

2- Atua como psicólogo

Sim Não

3- Se trabalha com psicólogo qual a área de atuação

Clínica Empresa Escola Saúde Outro especificar

4-Perspectiva de ser incorporado como psicólogo no local onde trabalha

Sim Não

5- Sua Formação Acadêmica deu subsídios para o trabalho de psicólogo

Sim Não

6- Especifique qual área sua Formação lhe deu mais subsídio

Clínica Empresa Escola Saúde Outra (Especificar)

Não dá subsídio

7 – Qual a sua opinião sobre a relação “Formação profissional X Mercado de trabalho”

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA Nº 2

A. Está inserido no mercado de trabalho?

Sim Não

B. Autônomo ou empregado?

Autônomo Empregado

C. Onde trabalha você pode ser incorporado como psicólogo?

Sim Não

D. Atua como Psicólogo?

Sim Não

E. Há quanto tempo?

Um ano Dois anos Meses

F. Sua formação acadêmica deu subsídios para o trabalho como Psicólogo?

Sim Não

G - Especifique em qual área sua formação lhe deu mais subsídios.

Clínica Empresa Escola Saúde Outro especificar

ANEXO 3

RELAÇÃO DAS RESPOSTAS OBTIDAS NA PERGUNTA Nº 7 DO QUESTIONÁRIO ◊ Qual a sua opinião sobre a relação “Formação profissional X Mercado de trabalho”?

- ⇒ “O curso proporcionou uma boa formação para o mercado, embora a oferta de emprego tem sido pequena”.
- ⇒ “Atualmente, o nível mínimo de escolaridade exigido para se entrar no mercado de trabalho é a faculdade, portanto, este é o início da nossa longa caminhada”.
- ⇒ “A Newton Paiva tem uma característica fundamental, preparou o estudante para o mercado de trabalho. Valeu!”.
- ⇒ “Há que ser feita uma constante reciclagem”.
- ⇒ “Considero importante ressaltar que mesmo o mercado de trabalho apresentando-se como um atravessamento para o profissional, principalmente, o recém-formado, penso que a formação abre possibilidades, abre portas onde faz-se necessário, o profissional buscar, cavar o seu espaço”.
- ⇒ “Devemos nos aperfeiçoar cada vez mais para não ficarmos fora do mercado, ou defasados”.
- ⇒ “O mercado está muito competitivo, por mais que existam profissionais qualificados sempre alguns ficarão de fora”.
- ⇒ “O curso compreendeu bem a parte teórica e forneceu subsídios para a atividade prática, mas não houve repasse da atualidade do que concerne o mercado de trabalho dentro das disciplinas cursadas. Obrigatórias ou não”.
- ⇒ “O curso foi ótimo em questões teóricas, para ter uma base sobre a Psicologia, mas devido os horários das aulas optativas e os estágios prejudicam o trabalho no mercado. A base teórica foi boa, mas falhou na atualizações do mercado de trabalho”.
- ⇒ “Algumas boas oportunidades surgem durante o curso, com estágios. Fora isso, a concorrência não é fácil”.
- ⇒ “Uma boa formação profissional propicia os meios, juntamente com o empenho pessoal, de inserção no mercado de trabalho”.

- ⇨ A formação acadêmica dá subsídio para o trabalho, porém o mercado de trabalho está 'fechado', estou 'perdida', ou seja, sem saber como entrar na área em que desejo trabalhar, a psicologia hospitalar”.
- ⇨ “A nossa formação não nos deixa preparados para enfrentar a realidade do mercado de trabalho”.
- ⇨ “Muita ansiedade”.
- ⇨ “Penso que o espaço no mercado está de acordo com o investimento do estudante durante o curso”.
- ⇨ “Acho que vai do desejo de cada um, a formação pode até ser precária, mas grande parte dela, nós temos que ‘correr atrás’”.
- ⇨ “Acredito que quando o estudante começa a buscar estágio logo cedo ele tem grandes possibilidades de ingressar mais rápido no mercado de trabalho assim que se forma”.
- ⇨ “Como não há forma de cercar todas as exigências no mercado de trabalho, considero satisfatória a minha formação, sendo necessário cursos complementares para me manter atualizado”.
- ⇨ “Sinto que estou preparada para começar a trabalhar, mas o mercado de trabalho não absorve os recém-formados, estamos desamparados e contando com a sorte”.
- ⇨ “O mercado de trabalho se abre para aquele profissional que se preparou e empenhou durante a formação”.
- ⇨ “O mercado está difícil pra todo mundo independente da formação que tenha”.
- ⇨ “Estão correlacionadas e com certeza a formação profissional dá muito mais subsídios para um mercado de trabalho vindouro”.
- ⇨ “Para uma boa inserção no mercado de trabalho, devemos ter uma boa preparação na formação como profissional. Devemos aproveitar todas as oportunidades durante o curso”.
- ⇨ “O profissional precisa ser criativo, dinâmico, atencioso, sempre estar se atualizando”.
- ⇨ “Acredito que as aulas são muito importantes, mas sem estágio não conseguimos emprego”.
- ⇨ “Acredito ser difícil, mas não impossível. A faculdade dá base para fazermos a nossa inserção no mercado de trabalho”.

- ⇒ “A faculdade enfocou mais a área clínica, não possibilitando muito a área empresarial. Acredito que a teoria é muito importante, mas a prática possibilita averiguar o que foi passado na sala de aula”.
- ⇒ “Acho que os profissionais quando saem da faculdade, ficam perdidos, desamparados. Faculdade é um lugar muito confortável. O mercado está seletivo, competitivo e restrito”.
- ⇒ Acredito que não é possível desconsiderar a dificuldade de inserir-se no mercado de trabalho, mas partindo da minha experiência, acredito que fiz a minha parte e é necessário fazer por onde, ou seja, estágio, correr atrás, literalmente. “levei 2 estágios simultâneos, mas a faculdade desde o 6º período”.
- ⇒ “Acredito que a formação é basicamente clínica, mas deixa a desejar no que refere a área empresarial. Na área clínica estou extremamente satisfeita com a formação acadêmica”.
- ⇒ “O mercado de trabalho está cada vez mais inacessível às pessoas. Acredito que com a formação profissional seja mais fácil o ingresso”.
- ⇒ “Independente da formação profissional o Mercado de Trabalho está difícil para qualquer área profissional”.
- ⇒ “Às vezes o curso não dá subsídios para áreas como Psicologia do Trânsito, Psicologia do Esporte. Tem que generalizar mais”.

ANEXO 4

ENTREVISTA REALIZADA EM 23/04/2001, COM DR. PROF. WILSON LEITE (PESQUISADOR DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM MINAS GERAIS).

Wilson Leite ♦ Com o evento, com a vinda praticamente a história da Psicologia em nível de forma mais organizada, sistemática. Pessoas que falavam em Psicologia vão ter muito nas escolas secundárias, no curso normal principalmente, nas escolas de medicina tinha alguma coisa, na escola de direito... Mas a Psicologia mesmo, começa a entrar num regime universitário, vamos dizer assim, a partir da vinda da Dona Helena, que ela começa a trabalhar no que seria o Curso Superior de Educação, que mexia na chamada Escola de Aperfeiçoamento. Era uma escola de aperfeiçoamento de professores. Então ela foi convidada para dar a Psicologia, neste curso e fundar esta escola. Ela funda isso em 1928/29, e aí começa a ter uma cadeira de Psicologia. Pelo menos é nesse mesmo período que começa a surgir também os cursos de Psicologia ligados à Filosofia, na Federal, na Católica. A Católica depois passa a ter um curso que é um curso de interação educacional e esse curso depois vai ser o embrião do curso de Psicologia. Por isso que a Católica começa primeiro e quando estavam organizando, já discutindo pela criação da Lei 4.119, que vai criar o psicólogo, criar a profissão, a Católica se antecipa um pouco, começa a organizar um curso, porque a Lei, um dos critérios iniciais era o seguinte: aquelas pessoas que tinham um certo número de anos de prática na Psicologia, poderiam se registrar como psicólogo e as pessoas que não tinham aquele número de anos, elas poderiam fazer um curso complementar, fazer um certo tempo – um ano de curso – que complementariam com algumas cadeiras e teriam direito a pedir o registro de psicólogo. Então a Católica se antecipa e cria um curso aqui antes do surgimento da lei 4.119. Então é o primeiro curso, o que foi por volta de 61. Na Federal, se não me engano, foi em 63. Vou olhar estes dados direitinho. A Federal parece que inaugura em janeiro de 63, a Católica, um pouco antes. Então a Psicologia começa a se organizar à base, sem dúvida nenhuma, em Minas com a Helena Antipof, que traz um trabalho de pesquisa, que começa a montar um laboratório de Psicologia, que começa a trabalhar com a Psicologia muito voltada para a educação e depois ela estende isso para a clínica. O trabalho do Pestalozzi,

por exemplo, já é um trabalho clínico, inclusive ela convida o Pierre Weil para montar um consultório de Psicologia lá e ele monta esse trabalho e nesse meio tempo, já está começando também um trabalho no Banco da Lavoura. Então os primórdios da Psicologia aqui começam, basicamente, nestas três dimensões. Tem um trabalho clínico começando ligado à Sociedade Pestalozzi; tem um trabalho educacional, que é anterior, que começa com a Dona Helena, na Escola de Aperfeiçoamento; e você tem um trabalho ligado à área de Recurso Humanos, à área de desenvolvimento, que hoje nem é mais chamado de R. H. Mas enfim, o desenvolvimento de pessoal de empresa, que é esse trabalho do Banco da Lavoura. Desse lucro do Banco da Lavoura, surgem os primeiros psicólogos com registros que vão alguns caminhar, partir para a Psicanálise, outros vão para a clínica, outras para, não necessariamente psicanalítico. Mas o primeiro momento é basicamente psicanalítico. Você tem outras pessoas que tem então o próprio peso, que vai fazer clínica, que desde o início trabalha com isso, sem necessariamente estar ligado à formação da Psicanálise. Então o número de psicanalistas que estão no início, começam com três pessoas: é o Jarbas, se não me engano, o Djalma e uma mulher, Derly, um nome assim, que não estou me lembrando. São os três que entram em contato com o Marlow. Mas, aí os três eram... Essa idéia surge a partir do Jarbas e do Djalma basicamente, trabalhando lá no Banco da Lavoura. Eles começam a se interessar e fazem um contato com o Malomar aí _____ chama para _____. Acho que ele vem pra cá em 66, mas esse núcleo de Psicologia, do final da década de 20 até, vamos dizer, a criação, a instalação da profissão pela lei 4.119, aqui em Belo Horizonte. Acho que as raízes são essas três. Daí eles vão se organizando. O Pedro paralisa de perto o exército, numa liderança muito grande, nesse processo. É um cara que se empenha praticamente começa a substituir a Dona Helena em alguns espaços.

Junia Lara ♦ Ele foi diretor da Fumec?

Wilson Leite ♦ Não. Diretor da Fumec, foi o Walanger. Foi fundador da Fumec. Esse morreu. Mas também é uma pessoa importante na história da Psicologia, porque o Walanger formou em medicina, trabalhou com Psiquiatria um tempo e mais tarde um pouco é que ele ingressa no campo mais da Psicologia. Foi muito importante no movimento do cortejo. Nesse movimento de criação da profissão, ele não participou tanto, acho que ele não participou nada. Ele exercia um trabalho mais ligado à Psiquiatria infantil, foi importante. Foi uma pessoa muito crítica com relação à

medicalização da Psiquiatria, essa visão mais organicista, medicamentosa da Psiquiatria. Foi um cara muito crítico com relação à Psiquiatria e mais tarde ele vai se aproximar muito mais da Psicologia, inclusive tinha o registro de psicólogo. Depois que saiu a lei, ele teve o registro de psicólogo, foi presidente do Conselho Regional, foi presidente Federal, trabalhou muito dentro do Conselho, mas isso é uma história mais recente. Nesse primeiro momento a situação dele na Psicologia, especificamente, não é tão intensa quanto a de outras pessoas.

Junia Lara ◇ Quer dizer que é a Católica primeiro, logo depois a Federal. Então eles também tiveram muita dificuldade. Até para a própria formação do Corpo Docente, uma vez que com a regulamentação também da profissão...

Wilson Leite ◇ É acho que o próprio curso, o Pedro fala que ele é que foi o organizador do curso lá na Católica. E ele fala que teve que de certa forma brigar com o Reitor para sustentar o Curso, porque o pessoal queria acabar com o Curso. O Curso chamado de Orientação, num primeiro momento e que serviu de base para a Psicologia. Parece que foi muito uma batalha pessoal dele e de mais alguns psicólogos, algumas pessoas que estavam na área. Aí que conseguiram garantir esse curso. Na Federal foi a mesma coisa, era um grupo muito pequeno de pessoas que trabalhavam.

Junia Lara ◇ Formando pessoas...

Wilson Leite ◇ Que reúne num primeiro momento, talvez 20/30 pessoas, que estavam metida nestas instituições todas. Era o grupo de Banco da Lavoura. Era um grupo que chegou a ser muito grande.

Junia Lara ◇ Você formou onde?

Wilson Leite ◇ Formei na Federal.

Junia Lara ◇ Aí você pegou que época da Federal?

Wilson Leite ◇ Eu entrei em 70. Eu formei em 74. Peguei aquele primeiro vestibular único. Uma fase de reformulação. Um pouco antes a Psicologia ficava naquela história, ficava ligada à área biológica, ficava ligada à área humanas. E um dos vestibulares antes era feito o vestibular junto com área de biológica, depois passou para a área de humanas. Quando eu fiz, já era vestibular único.

Junia Lara ◇ E já tinha a tendência. Já era mais Behaviorista?

Wilson Leite ◇ Eu peguei uma fase muito Behaviorista. Tinha uma briga intensa do Behaviorismo de um lado e a Psicologia Social do Outro. E a Psicanálise não tinha

um crescimento. Era uma coisa muito ligada a alguns. Alguns professores, o pessoal mais da Psiquiatria. Os que mais falavam em Psicanálise eram os professores de Psicopatologia, alguns que eram _____, o próprio Jarbas que foi professor da gente.

Junia Lara ◊ Quem era do Corpo Docente naquela época? Jarbas...

Wilson Leite ◊ Não sei se vou lembrar tudo. É, você tinha ali um grupo, o Evandro que estava mais ligado à área de Experimental, quem liderava a área de behaviorismo era o Lúcio Mazagão. O Evandro fazia parte, tinha o João Bosco Jardim, basicamente... Tinha um grupo ligado aos behavioristas que era liderado pelo Lúcio. Tinha na Centrada, a grande liderança era o Wolber e o Rui Miranda também, e então eles tinham um Centro de Estudos que chamava... Eu até fui o secretário lá deste centro, trabalhei lá, pela Universidade. Era o Centro de Estudos de Psicoterapia, que era basicamente, tinha a Liza Manhani, a Heloíza, o Rui Miranda, o Wolber, o Ecíprio, que é da Católica. Então tinha um grupo de estudos de psicoterapia, basicamente a Terapia Centrada. O Wolber era uma liderança forte, uma pessoa extremamente respeitada, considerada na escola. Do lado da Psicologia Social era o Célio Garcia que liderava a Psicologia Social e era basicamente disso que constituía o curso de Psicologia. A Psicanálise era assim muito "an passan".

Junia Lara ◊ E aí eles também foram indo cada um para um canto? Por ex.: aí entra a Fumec _____ . A Fumec foi quando que começou?

Wilson Leite ◊ Eu não sei quando.

Junia Lara ◊ A Newton foi em 77.

Wilson Leite ◊ A Fumec teve uma história complicada, eles começaram com o curso...

Junia Lara ◊ De Pedagogia...

Wilson Leite ◊ Acho que inicialmente com o curso de Pedagogia. Depois tiveram que parar por falta de grana, por falta de aprovação. Ficou um tempo sem funcionar, depois voltaram. Quem fundou foi o Paulo, que é um cara que morreu. Que a gente chamava de Paulo..., que fundou aquele grupo Aruanda. Não sei se você conhece, é um grupo de Folclore, Paulo... Eram três que fundaram, se não me engano, o Curso de Psicologia. Era o Paulo, o Ari e o _____. E eu dei aula na Fumec. Em 73, eu comecei a dar aula lá. A primeira turma se formou, se não me engano, em 76.

Nessa área de Psicopatologia: o Rui Miranda, o Jarbas, Portela, um tal de Domingos, Zé Domingos, o Neide, quem mais... Tinha um grupo organizado de Psicologia Centrada que era inclusive o Rui Miranda que coordenava.

Junia Lara ◊ O Rui Miranda mexe com que?

Wilson Leite ◊ Eu nunca mais tive notícias dele. Tinha ele, tinha a esposa, que era Heloíza, os dois trabalhavam com Terapia Centrada.

Wilson Leite ◊ A última notícia que eu ouvi do Rui, eu vi pela imprensa que ele estava lançando um livro, ou coisa assim, há alguns anos atrás. Eu nem vi o livro, nem mesmo estive no lançamento, nem nada. Mas foi a última notícia que eu vi dele. Tinha o Wolber, muito famoso, que é pai do Samuel, do Skank...

Junia Lara ◊ Mas ele sempre foi famoso, eu lembro que ele já era famoso...

Wilson Leite ◊ É uma injustiça com ele, dizer que ele é famoso porque é pai do Samuel.

Wilson Leite ◊ É, a Fumec começa um pouco antes de 71. Aí ela teve uma parada. Eu sei que a primeira turma forma em 76. Aí as pessoas da primeira aula, não participou da Fumec. A Fumec começou com essas três pessoas.

Junia Lara ◊ Porque na verdade esse grupo ficou na Federal mesmo...

Wilson Leite ◊ Esse grupo da Federal não saiu da Federal, não. Acho que nessa época aí de 70, não. Depois, muito mais tarde é que começa a Federal a exportar alguns professores, alguns formandos para outras instituições. Mas num primeiro momento o que você tinha era alguns professores da Federal e da Católica. Mas mesmo assim muito poucos. Acho que a maioria da Federal tinham uma dedicação exclusiva ali, quer dizer à escola e clínica.

Junia Lara ◊ Aí na Fumec você participou então, porque você deu aula lá...

Wilson Leite ◊ Eu dei aula lá desde 73, se não me engano. Em 72, eu lembro que eu tinha ido a um congresso, no Chile, acho que foi em dezembro de 72. 71, eu acho, uns dez anos.

Junia Lara ◊ E por exemplo assim. Você estava falando das coisas que achou interessante. A sua pesquisa é sobre as idéias da Psicologia. Porque tem duas pesquisas que você está fazendo, a Federal e essa de Mestrado, com a Regina, não?

Wilson Leite ♦É. Essa que a Regina está orientando, é uma pesquisa sobre a criação da profissão, uma pesquisa em cima da lei 4.119. Não é bem localizada aqui não. E a pesquisa da Federal é que é da história da Psicologia Mineira.

Junia Lara ♦Ah, a da Federal é que é sobre a história da Psicologia Mineira.

Wilson Leite ♦Eu também elegi esse período dentre o final da década de 20, os primeiros eventos aí dessa Psicologia, que seria a vinda da Dona Helena, que a gente encontrou alguma referência, alguma coisa um pouco anterior, em termos de fundação. Mas a gente só encontrou referência, eu consegui, até hoje, só um documento, uma publicação. Basicamente o grande movimento em torno da Psicologia é com a vinda da Dona Helena mesmo. O interesse do Secretário de Educação e tal, começa aí. Até 72, que seria a profissionalização, do ponto de vista jurídico, da profissão. Eu tentei pegar esse período.

Junia Lara ♦A profissionalização jurídica?

Wilson Leite ♦É, na medida em que aprova a Lei, né. Aí você tem um estatuto jurídico para a profissão. Porque até então, o que você tinha eram pessoas que se diziam psicólogos, sem que essa profissão de fato existisse. Então tem um movimento muito interessante. Eu acho que é até muito interessante, à medida que você vai pesquisando, vai dando vontade de você ir mais fundo em cada um desses... essas instituições básicas. Eu acho que cada uma dessas daria uma pesquisa. Eu tive que passar muito por cima, as vezes fui entrando em certo documento. Eu tenho uma certa... um laboratório de Psicologia do Raul Soares, que a gente também não conseguiu muitos dados desse laboratório. Eu fui várias vezes à biblioteca do Raul Soares, e talvez numa pesquisa maior, de uma pessoa que tivesse tempo prá fuçar documentos que tá lá em arquivo morto, pudesse encontrar ata, ou coisa assim. Mas eu não tinha tempo prá isso. O Banco da Lavoura, que tem alguma coisa, inclusive tem um livro sendo publicado, de dinâmica de grupo, que fala um pouco da experiência de lá. Com relação ao Banco da Lavoura, eu entrevistei o Pierre Weil, entrevistei o Djalma, eu catei alguma informação, o próprio Pedro também, que embora não tenha trabalhado lá, ele passa alguma referência, então nós já temos mais informação. O Banco da Lavoura tem até documentos que o Djalma supõe que eles tenham sido guardados e aprovados de idéia. Porque o Banco tem a pretensão de montar um acervo, tipo um museu do Banco e a gente supõe que esses documentos de lá, uma boa parte esteja, não os documentos

clínicos, é claro, mas algumas coisas possam ter sido guardadas. Mas isso tá em São Paulo, a gente até tentou Ter acesso aqui, mas não conseguiu. Aliás isso foi tudo para São Paulo, quando o Real comprou o Lavoura, que hoje é também Banco Real. Então tem a história de aperfeiçoamento, que é o que tem mais registros.

Wilson Leite ◇ Funcionava até onde é hoje aquele Centro Cultural do lado do mercado. Como é que chama aquilo ali?

Junia Lara ◇Do lado do mercado? Minas Centro. Era ali?

Wilson Leite ◇Era ali a Escola de Aperfeiçoamento.

Junia Lara ◇Essa Escola de Aperfeiçoamento era Escola “Normal”?

Wilson Leite ◇Era para professoras. Que exatamente utilizavam para a formação dos professores que vinham do interior. Era para aperfeiçoar mesmo, o professorado que terminavam aqueles Cursos Normais deles, de segundo grau e iam trabalhar. Então eles montaram um curso, aí tinha um trabalho de Psicologia. Foi um núcleo importante, onde muitos dos professores que trabalharam ali, alguns como o Pedro Palafita, que caíram quase meio de pára-quedas. Mas ali eles criaram o Sócio que também funciona paralelo.

Junia Lara ◇O SOSP era ali? Prá mim o SOSP era no Instituto de Educação.

Wilson Leite ◇Não. O SOSP já no Instituto de Educação. Isso em 1949, que fundaram o SOSP. Depois pegou fogo. A Escola de Aperfeiçoamento, será que eu estou enganado? Que ela não funcionou lá.. tem que ver isso. Eu tenho a impressão de que ela começou lá e depois virou Instituto de Educação, deu continuidade. Quando ela foi fechada depois, tiveram que continuar com o Curso do Instituto.

Junia Lara ◇Mas a Psicologia cresceu muito em pouco tempo. Você vê, já tem quatro cursos, quatro faculdades, agora a Puc tem em Betim. Como é que você vê isso, hein? Dentro dessa história nossa. Tanta luta prá poder começar. Parece que foi um atalho.

Wilson Leite ◇É, foi um atalho. Inclusive, muito interessante na pesquisa que eu fiz da criação da Lei, o debate, eu peguei muito o debate no Congresso Nacional. O debate em torno do Projeto de Lei. E é muito interessante todo o preconceito que tinha em torno da Psicologia. Toda a campanha contra a Psicologia. E como é que a Psicologia acaba vencendo neste debate. Tem debates muito interessantes.

Junia Lara ◇Isso tudo vai estar na sua pesquisa, né?

Wilson Leite ◊É, isso tudo tá nessa pesquisa. Eu espero escrever. Essa para o mestrado. Lá que eu pego a lei 4.119. Essa tá mais atrasada. O material tá lido, agora em termos de escrever tá mais atrasada que a da Federal. A da Federal, praticamente, está escrita. E só tem que terminar o vídeo.

Junia Lara ◊Como é que você vai fazer esse vídeo? Filmagens dos locais? Fotos?

Wilson Leite ◊Eu filmei algumas coisas. Agora tem uma pessoa que tá trabalhando no roteiro. É um profissional da área. Um cara que já fez vários roteiros de filmes, então ele tá trabalhando no roteiro do vídeo. Inclusive eu estava fazendo algumas gravações de entrevista. Fiz com o Pedro, com o Pierre, e ele me aconselhou a parar – Não faz agora, não. Deixa a gente montar o roteiro que aí nós vamos juntar essas pessoas prá fazer cenas. – Fazer tipo, um filme mesmo. Mas não é tão fácil, não. Você contar uma história que é cheia de nuances, sem ficar aquela coisa meio cansativa, igual eu já vi em alguns vídeos de histórias, você fica mostrando cenas, mostrando fotografias, as vezes falando. A gente estava pensando era sair um pouco disso. Fazer alguma coisa que fosse mais dinâmica. Mas não é fácil de você conseguir isso não. Porque você tem que contar uma história. Você tem fatos que tem que contar. E tem por outro lado muita coisa prá ser contada, muitos detalhes e não tem como botar isso numa fita de trinta minutos, embora trinta minutos seja muito tempo. Mas eu estava batalhando nisso, em contar essa fita aí. Agora nessa década de 70, houve um _____.

Junia Lara ◊70. A Newton foi criada em 73.

Wilson Leite ◊Quando eu entrei nos dois vestibulares. Na federal tinha 60 vagas, inicialmente, talvez até menos, nos vestibulares anteriores. Nos dois anos antes teve uma briga enorme, porque tinha aquela história : passavam os caras, ficavam os excedentes. No ano anterior ao que eu entrei, teve uma pressão tão grande que eles acabaram aceitando mais uma ou duas turmas, além da vaga que era prevista sempre ter. E no meu ano, já foram três turmas de 120.

Junia Lara ◊Oh, que sorte. Diminuíram as vagas da Federal?

Wilson Leite ◊Por que? Hoje tem quantas?

Junia Lara ◊Hoje, acho que são duas turmas. Não, está certo, é que é anual.

Wilson Leite ◊É anual. Eram em torno de 120. Entrava uma turma de manhã e duas à tarde. Em 70 entravam três turmas – uma de manhã, Turma A e a B e C que eram

à tarde. Daí acho que vieram essas três turmas. Aí começa a surgir como já tinha Católica, depois vem a Fumec, em 70/71 por aí. Depois vem a Newton Paiva.

Junia Lara ♦Aí acabou.

Wilson Leite ♦Aqui né. Mas aí começam a surgir no interior. Então realmente houve um crescimento enorme, acho que a Psicologia cresceu em termos de demanda, em termos de conhecimento. Nisso teve um papel grande o Conselho. O trabalho que fez de esclarecimento da população, de divulgação da Psicologia, de estar presente na cultura, na sociedade em várias situações, de lutar por questões importantes, como a questão da saúde, na década de 80. Teve uma batalha enorme do Conselho para o reconhecimento da Psicologia como profissão de saúde e isso tudo foi abrindo espaço. Além dos tradicionais espaços que tinha na Educação e na Clínica privada, então o ingresso da Psicologia na área de saúde pública, eu acho que foi um avanço grande. Daí vem comunidade, daí vem outros campos que foram sendo abertos. Eu acho que esse crescimento tem duas raízes. Ele tem uma que é na necessidade. A demanda da própria Psicologia aumentou. E de outro lado houve muita forçada de barra no mercado de educação. Instituições que queriam fazer dinheiro e esses cursos baratos de montar, como a Psicologia é um dos. Psicologia, Direito, Administração, são cursos que são baratos para se montar e dão muito dinheiro. Porque têm uma demanda grande. Então você tem muitos alunos, teve muita facilidade. Teve um tempo que a demanda da Psicologia foi muito grande, hoje talvez seja um pouco menor do que já foi.

Junia Lara ♦É interessante que ela é menor, mas ela é estável, né? Lá na Newton ela é de 4 a 6 candidatos por vaga. O máximo é de 6 e nunca teve menos de 4. Na Federal o que? É isso, de 6 a 8, não mais do que isso. Aí as outras eu não sei, porque a Federal, a gente acompanha mais.

Wilson Leite ♦Agora o crescimento tem aspectos positivos e negativos. A qualidade caiu muito. Eu dei aula durante dez anos e eu parei de dar aula muito porque eu fui me decepcionando com o curso, com o nível dos alunos, com o nível dos próprios colégios, o nível das relações institucionais. Isso pesa eu acho que hoje no próprio campo profissional, assim, o nível das relações profissionais, da cultura profissional, da ética; começa a ser muitas vezes afetado por esse excesso de profissional no mercado. Essa briga, as vezes, por um espaço de trabalho. Isso tudo às vezes ferindo aspectos éticos. Aspectos de qualidade profissional, de qualificação

profissional. São algumas seqüelas negativas dessa expansão. Por outro lado, eu acho que a expansão em si aumenta a divulgação da Psicologia, aumenta o conhecimento sobre a Psicologia, aumenta o interesse. Isso pode ser interessante. Mas na maior parte das vezes diminui a qualidade. O que é um grande mal. Mas também acho que manter uma coisa, realmente elitizada não teria sentido. Acho que aí entra a responsabilidade do conselho, que trabalha para garantir qualidade, para garantir ética. Tem um trabalho importante aí.

Junia Lara ◇ Porque é muito Psicólogo que tá vindo por aí, né?

Wilson Leite ◇ É demais. Eu não sei qual seria a relação desejável entre o número de psicólogos, o número da relação.

Junia Lara ◇ O Conselho publicou. Eu não sei se você está sabendo. Tá no site do Conselho, saiu lá na APAF. Eles já puseram no site, que eu já até recebi.

Wilson Leite ◇ Da Federal?

Junia Lara ◇ É, você deve ter participado na época quando saiu a primeira pesquisa sobre quem é o psicólogo brasileiro. É aí tem uma pesquisa, depois fizeram uma outra em 80 e pouco, teve uma em 90 e alguma coisa e agora fizeram outra.

Wilson Leite ◇ Fizeram agora? Legal.

Junia Lara ◇ Fizeram recente. Agora, no início do ano. Já está no site. Se você tiver dificuldade eu posso te arrumar também. É interessante a gente poder ver...

Wilson Leite ◇ Comparar...

Junia Lara ◇ Comparar. O nível de formação do psicólogo melhorou, antigamente era menor o número de psicólogos que tinham mestrado ou especialização. Hoje em dia tem mais. De certa forma isso vai de encontro com aquelas pesquisas daquela época, que tem nos periódicos do conselho, que fala por exemplo que o psicólogo que mais investe na formação após o tempo que ele forma. Tem umas questões assim interessantes.

Wilson Leite ◇ Não tinha oferta de curso de pós-graduação quando eu formei. Por exemplo, não tinha mestrado aqui, nem especialização, nem nada. Não tinha nenhuma opção de pós-graduação em Minas Gerais. Em São Paulo...

Junia Lara ◇ Aumentou o número de mulheres.

Wilson Leite ◇ Sempre foi muito pouco o número de homens. Na minha turma tinha 40 alunos, tinha 10 homens. Era uma turma com muitos homens. Sempre foi muito pouco com relação às mulheres. Masculino/Feminino sempre foi muito pouco.

Junia Lara ◇ Na minha turma tinha um homem, muito pouco né? E a gente pega turma lá na Newton que tem 2 ou três homens.

Wilson Leite ◇ É uma profissão que atrai muito as mulheres.

Junia Lara ◇ Agora tem uma coisa que você falou que me chama a atenção, que é um pouco isso mesmo. Merece a gente está pensando mais sobre esse jeito da Psicologia. Na universidade, do mesmo jeito que ela nasce, dessa forma, vem pela educação, parece que isso vai tendo um certo movimento, uma onda, eu não entendo muito isso, estou pensando nisso agora. Em meu serviço, no Serviço Público, por exemplo, a gente nasce de um setor que vem do Serviço Social. Aí depois vira função e depois a gente vira outra clínica, da Saúde Mental.

Wilson Leite ◇ Você tá aonde?

Junia Lara ◇ Na clínica de Saúde Mental da Prefeitura de Belo Horizonte. Então interessante, que o embrião vai ser sempre esta área mesmo. Também parece que não só na formação profissional, mas por onde que ele vai agregando também por estar criando um trabalho. Isso que eu pensei, acho interessante que na Prefeitura também tem essa ordem, de tá indo, de tá chegando junto com o Serviço Social, por exemplo.

Wilson Leite ◇ Que é anterior à Psicologia. Como era a Educação, que embora não seja uma profissão regulamentada. Mas é uma função que pré existiu muito tempo. Sempre existiu antes da Psicologia. Parece que tinha, tem pesquisas interessantes, a Regina já pesquisou mais nessa área da Educação. Num primeiro momento parece que a Psicologia enfrentou muito preconceito, muita resistência.

Junia Lara ◇ Mas você estava falando disso, dos debates que você viu. Aí você trabalhou com os debates dos deputados. E quem que era que estava defendendo na época que apresentou. Tinha os nomes ou você não se lembra?

Wilson Leite ◇ Não vou me lembrar os nomes aqui, não. Essa parte eu, inclusive, parei de mexer já tem um tempo. Mas tem isso lá. Eu fui à Brasília e peguei no congresso Nacional, na Biblioteca do Congresso Nacional, todo debate, todas as vezes que surgiu referência ao Projeto nos debates da Câmara eu peguei. Se tinha algum deputado falando, ou se algum debate interessante. Tem muita discussão da religião, por exemplo.

Junia Lara ◇ O preconceito que vem da religião.

Wilson Leite ◇ Que a Psicologia é uma ciência da alma, mas a alma não pode ser...

Junia Lara ◊ Em que ano foi isso?

Wilson Leite ◊ Isso foi em meados da década de 50, até o final. Que aí ela vai ser aprovada. Esse debate começa quando entra o Projeto no Congresso. E daí é que começa esse debate no Congresso. E a lei é aprovada em 62. E no final da década de 50 que começa essa discussão toda no Congresso.

Do ponto de vista da história mineira, já que você também não tem espaço, ou interesse para ir muito fundo nisso, eu acho que esse trabalho da Regina ele atende. Se você quiser depois assim, aprofundar algum outro dado específico, a gente pode ver a partir do que eu pesquisei. O que eu pesquisei está tudo registrado, escrito na forma de arquivo de banco de dados. E um texto que tá ainda precisando de mexer, então eu não estou querendo botar ele prá circular, porque ainda está sendo mexido. Mas o que você precisar mais estou às ordens.

ANEXO 5

ENTREVISTA REALIZADA EM 01/06/2001 COM KÁTIA CARVALHAIS (), DR. NOMINATO (SECRETÁRIO DO UNICENTRO), PROF. MAURO LUIZ PINTO (DIRETOR DA CLÍNICA ESCOLAR DO UNICENTRO). BH – MG.

Junia ◇ Eu lembro que você falou uma vez daquela questão do currículo, quando entrou a LDB, aí começou o currículo 1, currículo 2, currículo 3 e currículo 4.

Kátia ◇ Quando começou a Newton era seriado. Seriação. Tinha primeiro período, segundo período, passava por seriação. O primeiro currículo, a primeira parte de Psicologia, foi para ter a parte da Faculdade de Filosofia. Então a Newton Paiva começou com Administração, Contábeis, Matemática e Pedagogia, depois entrou a Psicologia, aí todo o sistema era seriado. Seriado não, até 79 era seqüencial.

Junia ◇ Seqüencial quer dizer que era por período, para o aluno matricular.

Kátia ◇ É. O primeiro semestre formado por disciplina foi em 79/2, para todos os cursos então do Instituto Cultural Newton Paiva Ferreira.

Junia ◇ Foi quando passou para Instituto Newton Paiva Ferreira?

Kátia ◇ Era Instituto Newton Paiva Ferreira. Faculdades Integradas Newton Paiva passou em 80. Faculdades Integradas formada em Licenciatura foi autorizada em 72. E a Formação de Psicólogo, sabe quando? Em 79. 72/73/74/75 para 79. Até a criação de clínica. Nós tínhamos primeiro a formação ... Nós não tínhamos clínica. Aí eles ficaram fora da escola por três anos, esperando clínica. Mas também quando essa clínica foi autorizada, os alunos que estavam fora tiveram a clínica de graça. Não foi cobrada a parte clínica dos alunos.

Junia ◇ A parte de formação, que era mais dois semestres. Não quatro semestres...

Kátia ◇ Na época era 9º período, 10º período e 11º período, que era a clínica nossa.

Junia ◇ Demorou para abrir, por que na verdade a Newton só tinha interesse em ter bacharel?

Kátia ◇ Não, foi demorada para autorizar o funcionamento da parte clínica. Porque você só autoriza a primeira parte depois da primeira turma formada. Aí tem a autorização, depois o reconhecimento. Aí você pede a autorização de clínica e quando foi pedido a primeira parte é porque já tem a psicologia como bacharel. Porque no caso teria que entrar novamente com um novo processo e pedir a parte clínica. Aí a clínica tem todo o processo de entrada de novo de clínica, montagem clínica, tudo.

Junia ◇ Então quer dizer que a clínica escola, ela é integrante para a formação do psicólogo. Agora quando você fala que voltou, passou da seriação e passou para a matrícula por disciplina teve a ver com alguma mudança administrativa?

Kátia ◇ Administrativa. Nós queríamos então...

Junia ◇ Administrativa da Newton, não é do MEC, não?

Kátia ◇ Não, da Newton. Nós queríamos largar a matrícula seqüencial, periódica, para fazer a matrícula por turma. Coincidentemente no mesmo ano que nós passamos para matrícula por disciplina, foi autorizada a clínica em Psicologia.

Junia ◇ Você lembra porque resolveu? Tinha demanda clínica, na época, do mercado? Quais as idéias que tinha na época para a implementação do Curso de Psicologia?

Kátia ◇ Na época, foi quando a Psicologia começou a estourar mesmo como ciência.

Junia ◇ Tinha uma demanda de mercado, então.

Kátia ◇ Tinha uma demanda de aceitação, de mercado. A Psicologia Clínica ajudava efetivamente a pessoa. Começou a ter demanda clínica. Antes a Psicologia não tinha a clientela que tem hoje. Essa parte externa do formado. A pessoa só fazia Psicologia, alguns optavam por Clínica ou não. Hoje por exemplo, só se forma em Clínica. A sua formação final é Clínica. Você pode ter a formação que tiver, mas você pode ter a parte de licenciatura. Mas não tem nada a ver com o antigo. O antigo é por causa do mercado mesmo. O psicólogo era mais para orientação de escola, tanto que ele terminava bacharel. Mas não terminava a parte de licenciatura,

que ele não pensava efetivamente em Clínica. Exatamente nos anos 80 é que a Psicologia explodiu, como Clínica mesmo. De atendimento, de as pessoas acreditarem que pudesse trazer retorno a nível profissional.

Junia ◇ A primeira turma de Psicologia foi em que ano?

Kátia ◇ 72.

Kátia ◇ Primeiro semestre de 72. O curso começou em 72 e a primeira turma que formou em Clínica foi em 80, quatro anos depois. Eles fizeram três períodos, o 9º, 10º e 11º.

Junia ◇ Incluíram a licenciatura no currículo?

Kátia ◇ Quem quisesse, era opcional. A licenciatura era opcional. A clínica até o currículo antigo, também era opcional. O aluno podia ter um diploma de bacharel, um diploma de clínico e um diploma de licenciatura plena. Hoje só sai daqui com clínica.

Junia ◇ Vocês têm aqui na secretaria esses currículos dessas épocas?

Kátia ◇ Tem todos.

Junia ◇ Tem como você me dar uma cópia depois, para eu poder estar fazendo essa história. Porque eu estou montando este histórico. Porque eu estou fazendo um trabalho sobre a questão do mercado de trabalho e a Psicologia. Então como que era nessa época que começou, por exemplo, as disciplinas, a montagem, como é que foi.

Kátia ◇ Tem todos. Eu tenho assim, várias disciplinas que nem pode mais dar, nós tínhamos. O primeiro currículo de Psicologia tinha a disciplina “Complementos de Matemática”.

Júnia ◇ Interessante. E quem fez esse currículo, você se lembra?

Kátia ◇ Quem fez não.

Junia ◇ E era por sistema de chefe de departamento?

Kátia ◇ A montagem do curso tem que ser com o profissional, tem que ter no mínimo especialização e mestrado, hoje. Naquela época, você tinha que pegar um profissional que tivesse inclusive especialização. Hoje não, você pega um mestrado ou doutorado, para acompanhar a montagem do curso.

Dr. Nominato ◇ Formou-se um colegiado de professores para montar. Tinha o Brant, o pessoal que era encarregado de Psicopatologia. Você lembra? Psicopatologia 2. Tinha um monte de disciplinas assim ... Eu sei que foi um colegiado. Dona Mafra é que sabe disso. Mas foi um colegiado.

Kátia ◇ Quem montou mesmo eu não lembro.

Dr. Nominato ◇ Olha, quem montou, ajudou a montar foi o Délcio Ferreira Salomon. Eu era auxiliar dele, monitor proficiente dele, e aí eu fiquei com as aulas de Psicologia, administração. À primeira turma de administração quem aplicou psicologia foi ele também. Turma do Délcio também. Por que que você quer?

Júnia ◇ Porque eu estou reconstituindo historicamente o currículo nosso de Psicologia, para o mestrado. Então como a gente não tem a história, eu estou fazendo isso por entrevistas. E é bom que a gente tem isso escrito também, porque é nossa história.

Kátia ◇ Se não tivesse jogado fora, tinha até o jornal de oferta _____.

Prof. Mauro Luiz Pinto ◇ Agora as disciplinas, um bocado das disciplinas de estágio, você tem as relações lá na Clínica. Na Cespa. Você tem lá desde o primeiro estágio, da primeira. A primeira clínica foi montada na rua Safira, alí no Prado. Depois é que veio para a Cespa. Quem montou a Cespa fui eu.

Kátia ◇ É isso que eu estou te falando. Aqui tinha a clínica... Foi montar a clínica para poder chamar o pessoal. Então quando o pessoal voltou, eles voltaram sem ônus nenhum. Eles formaram em clínica sem pagar. As duas primeiras turmas, as outras não. Porque era considerado um teste.

Junia ◇ Como é que a clínica começou?

Prof. Mauro Luiz Pinto ◇ Ela começou assim, no segundo período já tinha Fisiologia, então eles tinham que ter... Ela começou assim, área experimental, logo em seguida a gente já começou...

Junia ◇ Tinha uma predominância então behaviorista nesta época?

Prof. Mauro Luiz Pinto ◇ Não é behaviorismo, era o laboratório que era da época a parte experimental, era mais evidente. Então se fazia a pesquisa, se fazia experiências práticas. Mais práticas com pombos. Tinha pombos, tinha sapos, ratos, se não me falta a minha memória, ratos tinha.

Kátia ◇ _____ pegar esse pessoal, mais antigo.

Dr. Nominato ◇ Quem poderia ajudar era o Roberto. Porque o Roberto é que ficava com essa parte administrativa da Psicologia.

Kátia ◇ Ele era o diretor da Psicologia.

Junia ◇ Ele era como se fosse o Mário Fernando hoje?

Kátia ◇ É, mas só do curso de Psicologia. Especificamente do Curso de Psicologia.

Junia ◇ E era um colegiado que dirigia o curso de Psicologia na época?

Prof. Mauro Luiz Pinto ◇ Não, para montar esse currículo, não sei se foi o primeiro, o segundo, eu tenho quase certeza que foi ali, no Monte Calvário, que nós reunimos para fazer uma mudança no programa, no currículo. Aí chamou vários professores. Nessa época tinha o Brant, tinha o Leonardo, tinha o Flávio. Não é Lúcio Flávio, não.

Kátia ◇ Essa parte da montagem, teria que consultar a Dona Marta, pegar ... Eu vou te passar esse currículo para você olhar, namorar muito, para você entender. Tem até a carga horária. Porque a carga horária vai te jogar a avaliação. Tem até Biologia Geral, Psicopatologia Geral, tudo isso como é que tá mudando. Carga horária teórica, carga horária prática, algumas disciplinas que saíram mesmo.

Junia ◇ Agora o bojo de uma estrutura de currículo, p. exemplo, ela permanece sempre a mesma? Igual a gente tem hoje? X prática, x teórica?

Kátia ◇ Não. Depende exatamente da época. Sabe o que acontece. Todo currículo que eu vejo, de Psicologia ou qualquer outro, ele tem reestruturação conforme o mercado. O que acontece, você vê que quando é coordenador e se os coordenadores tivessem, eles trabalham juntos e pegavam as vezes um grupo de pessoas para verem o que é que estava defasado no currículo. O que eles estavam vendo profissionalmente fora, o que no currículo não estava dando certo. O que é que deveria não ter mais. Inclusive durante o período de integralização do currículo eu nunca coloquei um currículo inteiro, porque sempre apresentava um currículo x e nunca acabou igual. Porque até que ele se integralizasse demorava uns cinco anos. Então ao longo dessa entrada curricular, os próprios coordenadores iam mudando, às vezes, conteúdos que tinham propostos. Mudava o mercado, precisa de mais prática, um disciplina não está tendo prática, precisa de estar com prática. Você ver isso, p. exemplo, o currículo 2, mudou completamente a estrutura de estágio. Os meninos tinham antigamente o estágio que eles viam a partir do 7º a 8º período e depois faziam o estágio mais direcionado, que era um estágio mais completo, só na clínica. Eles tinham testes. Estágio testes em TAT, PMK, que era considerado disciplina e o estágio era a aplicação de testes. Na verdade, eu acho que era aprender a aplicação de testes prática, na clínica. Hoje em dia já é diferente. Só que se for Fisiologia Prática, Psicanálise que mantém mais ou menos a mesma estrutura, de atendimento. Eu não entendo dessa parte pedagógica, que linha que segue ou não segue, mais me parece que é mais ou menos a mesma linha de atendimento.

Isso não mudou muito. Mas nas outras áreas, de carga horária de disciplina de estágio, comparecimento de aluno, envolvimento de aluno, essa parte que a gente tem controle dela. O currículo é sempre mudado em função de mercado e desenvolvimento do curso, da profissão. Aonde ela tá puxando mais, leva o curso para aquele lugar.

ANEXO 6

ENTREVISTA REALIZADA EM 02/06/2001, COM A PROFESSORA ISABEL DE SÁ – COORDENADORA DA COMISSÃO PARA ELABORAÇÃO DO CURRÍCULO IV DO UNICENTRO NEWTON PAIVA – BH – MG.

Idéias que nortearam o Curso de Psicologia

Primeiro currículo foi o Délcio, a Dona Mafra foi feito na Federal em uma salinha, a Cidinha que dava Fisiologia estava presente. Foi feito nos moldes das ciências naturais. Em 1972, não tenho certeza da data. O Segundo currículo, o primeiro currículo foi montado para a autorização do curso. Este que estou falando tem muito a ver com as fisiologia, mais psicopatologia, o primeiro está muito norteador nas questões da matemática. O terceiro currículo vigorou durante muito tempo e que foi feito na época do reconhecimento pelo MEC. Foi quando vários professores entraram com o currículo, cada professor sustentava com seu currículo este curso. O MEC considerou estes currículos mesmo sem mestrado como titulado para sustentar o curso de Psicologia. E o quarto é este. Não sei dizer com clareza do primeiro e o segundo, mas o problema do terceiro que a gente começou esta discussão forte e porque nele faltavam diretrizes. Ele correspondia às exigências, ao pedido do MEC, de que houvesse as disciplinas básicas, mas só, ele não tinha um norteamento. Ele não tinha uma idéia que a gente se apoiasse nela, uma concepção de formação de psicólogo, a gente cumpria as normas do MEC, então ele era meio que... Ele tinha diversidade, mas era uma diversidade muito desorganizada, a gente não tinha

diretriz, faltava diretriz. O que a gente começou a discutir fundamentalmente é que faltavam diretrizes na formação do psicólogo. E foi na época da Carta da Serra Negra, foi naquela época que a questão da formação do psicólogo e a função social dos psicólogos estavam efervescentes.

O novo currículo surgiu na esteira dessa discussão. A gente começou, tinha um grupo de professores do primeiro e segundo períodos, Adilson, Lilany, Moreira, Amina, Léo, Eiram, um grupo de professores que começaram a se interessar, que esta acontecendo aí em termos de formação de psicólogo na escola. Era um grupo de professores que se interessou por esta discussão. Aí começamos, a gente tinha a Dinâmica de Grupo dos Professores, que era o Conselho de Classe do primeiro e segundo períodos. Foi no Conselho de Classe do primeiro e segundo períodos que surgiu a idéia de um novo currículo. A gente precisa de diretrizes, faltam diretrizes, fizemos uma proposta para a Instituição e Dona Maфра acolheu esta proposta e a partir daí, começamos uma discussão. Eu me lembro que no primeiro dia na CESPА tinham 17 pessoas em torno da discussão do que seriam as diretrizes de um novo currículo. Até que as pessoas foram se dispersando e ficaram Geraldo, Lilany e eu, nós e Ângela que nos acompanhou. Ficamos nós 4, aí nós 4 elaboramos esta proposta, que levamos para uma discussão, temos até esta proposta levou um tempo para ser elaborada, levou uns 2 anos. Quando ela ficou pronta foi colocada em discussão, em uma reunião na CESPА, que estavam presentes 42 professores. Aí discutiu-se o currículo, passamos para os professores o que era a proposta e a gente tem esta ata com a concordância destes professores.

O mercado de trabalho foi levado em consideração?

Discutimos o mercado brasileiro. Tem um texto bem da época de quem é o psicólogo brasileiro, que traz informações preciosas sobre o mercado de trabalho. Trabalhamos com algumas pessoas que escreveram os textos, mas a nossa concepção principal era o mercado de trabalho no sentido do psicólogo enquanto um transformador da realidade social. A nova idéia não era um psicólogo para o mercado de trabalho mantendo o *status quo*, era um psicólogo para o mercado de trabalho transformando esta realidade. A gente não tinha uma idéia de formar o psicólogo para que ele se enquadrasse ao mercado de trabalho, para que ele respondesse de maneira adequada, adaptativas às exigências do mercado. A idéia era uma formação de psicólogo como era a filosofia, a perspectiva, a ideologia vigente de transformação dessa realidade. Mas a gente pensava que o psicólogo

deveria transformar a realidade social, conseqüentemente transformar o mercado de trabalho, e acho que foi o que aconteceu. O mercado de trabalho mudou graças às mudanças que foram feitas na formação do psicólogo. Hoje temos um mercado de trabalho onde o psicólogo tem já um lugar não satisfatoriamente, mas bem mais político, bem mais de trabalhar com esta concepção de subjetividade e cidadania.

O que você tinha na época, se você fizesse um trabalho dirigido para o mercado, com certeza faríamos um trabalho adaptativo. Que estas questões de cidadania elas não eram questões tão emergentes em 1991, 10 anos depois elas são, mas nós começamos nosso trabalho em 1991, com a Carta de Serra Negra. A idéia era essa para o mercado sim, mas com esta concepção de que a gente vai ao mercado para transformar a realidade então era uma concepção muito ética, no sentido mesmo de uma ética de responsabilidade, compromisso social.

Entrei em 72. Entrei, saí, depois voltei. 71 foi a primeira turma, eu entrei na segunda turma. Era um trabalho muito artesanal. A gente não tinha diretriz, concepção epistemológica que temos hoje, primeiro que a formação dos psicólogos na época era muito precária. Não do ponto de vista da formação humana, neste ponto de vista era fantástico. Mas do ponto de vista teórico, epistemológico, era uma formação menos precisa do que a que a gente tem hoje. Esta concepção mesmo de que cada eixo epistemológico se fundamenta em uma concepção de homem tem uma concepção de subjetividade, produz efeitos diferentes, não tinha isto não. A tentativa era de que o psicólogo precisa, a idéia era formar o psicólogo com o que era preciso, passava por aí, grandes temas da psicologia, áreas de atuação do psicólogo, a gente tinha uma concepção mais do fazer, do que do pensar.

Psicólogo da época

A idéia do psicólogo era de um profissional liberal, clínico. Orientação profissional, orientação vocacional que eram campos divididos, literalmente divididos com os pedagogos. Por exemplo, o SOSPE do Instituto de Educação, que era um local privilegiado do trabalho da orientação, era literalmente dividido com os pedagogos. Os pedagogos de lá é que se tornaram os primeiros psicólogos. A idéia era uma concepção muito clínica, clínica no sentido do individual, não no sentido da clínica social que a gente tem hoje. No sentido do atendimento individual, então o psicólogo visava o bem estar e a adaptação do indivíduo ao contexto social. Isso é que foi se modificando, os movimentos políticos foram todos na perspectiva de mudar isso.

Currículos

As mudanças dos currículos, penso que podem estar ligadas às circunstâncias. O Currículo IV sim, ele não foi criado, produzido por uma determinação, não era porque precisava de reconhecimento do MEC, nada disso, ele foi criado por uma aspiração, por um desejo de formação em psicologia que fosse mais efetiva e duradoura. Os outros não posso afirmar é apenas uma impressão, que os outros foram feitos por determinação.

Coordenações

Era muito diluída, a Newton era muito pequena, que estas funções não se marcavam tanto. Quem trabalhou junto comigo foi a Marilene. O Moreira... teve um professor de Fisiologia que foi chefe de Departamento. Depois aos poucos foi transformando. Na verdade eu acho que expressei uma aspiração do momento, que era uma aspiração política e encontrei pessoas que quiseram trabalhar com isto, talvez seja interessante dizer que o currículo 4 é um currículo que prevê, provoca, se possível manter uma tensão permanente, na medida do que ele propõe é uma transformação, transformação da perspectiva da formação do psicólogo. Que a gente sai desse lugar de psicólogo enquanto, primeiro porque acho que ele é muito forte epistemologicamente e teoricamente, tem um fazer muito próximo do senso comum, eu acho que conseguimos deslocar isso e acho que isso é um produto muito bom do currículo, este pensar a psicologia como uma especificidade epistemológica e teórica. Abre espaço para outras discussões, abre espaço para uma discussão que não é feita nele, mas que é necessária, que é a discussão da ética. Ele abriu este espaço. Com esta demanda para discussão da ética na psicologia, isso abriu porque ele fez esta transformação, porque ele tensiona, faz uma tensão sempre na direção de uma mudança, de uma transformação, ele faz este movimento permanente, ele excita a este movimento. O que talvez o torne até um pouco desconfortável à medida que provoca este tensionamento, digamos que ele sugere permanentemente a transformação, conseqüentemente a sua própria transformação. Perspectiva de transformação social que não pode se cristalizar em um fechamento. Quem sabe podemos pensar um currículo trabalhado com diretrizes, quem sabe podemos pensar em outra de produzir um curso que seja mais flexível e que transforme mais. Que seja válido, que privilegie a diversidade, a pluralidade, que seja competente.

